FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.881 — QUINTA-FEIRA, 6 DE JANEIRO DE 2022 — R$ 5,00

Jair Bolsonaro dá o pontapé inicial em jogo de futebol de cantores sertanejos em Buriti Alegre (GO) Reprodução/Band

Vacinação começará em crianças com comorbidade

Saúde desiste de prescrição médica para aplicação; ainda sem doses, SP planeja imunização em 3 semanas

O Ministério da Saúde anunciou que crianças de 5 a 11 anos receberão a vacina da Pfizer para a Covid. A campanha não será obrigatória, e a expectativa é que comece a partir do dia 14, pelos menores com comorbidade, deficiência permanente, indígenas e quilombolas.

A seguir, serão imunizados os que vivem com integrantes de grupos de risco. Depois haverá um escalonamento por faixa etária, iniciando pelos mais velhos.

A Saúde confirmou ontem que desistiu de cobrar a apresentação de prescrição médica para as doses infantis, como havia proposto o ministro Marcelo Queiroga. Uma consulta pública apontou que a maioria dos ouvidos se opôs à exigência.

O governo deve receber até março ao menos 20 milhões de imunizantes da Pfizer, suficientes para vacinar cerca de metade da população brasileira de 5 a 11 anos.

São esperados 3,7 milhões de doses até o fim de janeiro, que serão enviados de forma proporcional para estados e Distrito Federal.

Ainda sem ter recebido nenhum lote pediátrico, o governo de São Paulo afirmou que planeja imunizar esse grupo no intervalo de três semanas, a um ritmo de 250 mil crianças por dia.

João Doria (PSDB) disse depender das remessas federais ou de autorização para comprar direto da Pfizer. Declarou também aguardar a Anvisa sobre uso emergencial da Coronavac. Saúde B1

Márcio França é alvo de operação da Polícia Civil

A Polícia Civil de São Paulo cumpriu mandados judiciais de busca e apreensão em endereços ligados ao ex-governador Márcio França (PSB), em investigação que apura suposto esquema de desvio da área da saúde. Ele vê na ação tentativa de minar a sua pré-candidatura. Poder A6

Stefano Volp

O pobre e a relação com a chuva

Os vídeos das tragédias na Bahia me transportaram para minha infância, num morro na Baixada Fluminense. No mundo branco, injusto e traiçoeiro, ainda me pego olhando para a quantidade de barro que trazia em meus pés quando descia ao asfalto em dia de chuva forte. Opinião A2

Bolsonaro recebe alta e vai a jogo de sertanejos em GO

Horas após receber alta ontem, Jair Bolsonaro (PL) viajou a Buriti Alegre, em Goiás, para acompanhar uma partida de futebol beneficente de cantores sertanejos. O presidente estava internado no Hospital Vila Nova Star, na capital paulista, com um quadro de obstrução intestinal.

Ele declarou mais cedo que não se vitimizou com seu estado de saúde durante a hospitalização, que veio depois de dias de folga no litoral de Santa Catarina.

De acordo com Bolsonaro, a obstrução foi causada por camarões que ele comeu sem mastigar no domingo (2). Poder A4 e A5

A pandemia em 5.jan

Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil

Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)	77,9%
1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)	67,4%
Dose de reforço	13,1%

ESTÁGIO DA DOENÇA

Óbitos

Média móvel: 98 ↓ -11,7%*

Em 24h: 113

Total: 619.559

*Variação em relação a 14 dias

Saiba como fazer teste de Covid na capital paulista

Saúde B3

Vigilância antecipa para hoje estudo que vai definir Carnaval de SP B6

Olinda cancela festa de rua, e Recife anuncia suspensão do evento B6

Salvador não terá Lavagem do Bonfim pelo 2º ano consecutivo B6

Entrega de cargos de chefia chega a auditores do trabalho A12

> “É maldoso quem fala que estou de férias
>
> **Jair Bolsonaro**
>
> Após passar fim de ano no litoral de Santa Catarina

Esporte B7

Barrado na Austrália

Sem revelar vacina, Djokovic tem entrada negada e recebe aviso de deportação

Ilustrada C1

Com milícias, novo filme 'Grande Sertão' reflete era Bolsonaro

Turismo C8

São Pedro, em SP, oferece emoção em níveis moderados

EUA apostam em processos contra nova insurreição

Mundo A8

Balão da AirBrasil durante passeio na cidade de São Pedro, no interior paulista Diego Olivo/Folhapress

ARTIGO

Affonso Celso Pastore

Crescimento passa por aperfeiçoar instituições

Não haverá retomada sem aperfeiçoamento das instituições. A capacidade de crescer é uma função da qualidade das instituições. Esse foi um dos principais erros deste governo, no qual a política de confronto impactou a segurança jurídica e a previsibilidade necessárias ao crescimento. Mercado A12

Ex-presidente do BC, é conselheiro econômico de Sergio Moro

Sergio Moro

Ilustração Luciano Veronezi

EDITORIAIS A2

Despreparo de novo

Sobre a falta de ações concretas contra a Covid

Gambiarra na Guanabara

Acerca do novo plano de despoluição da baía

ATMOSFERA

São Paulo hoje

25° 19°

0h 6h 12h 18h 24h

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Despreparo de novo

País repete erros de outras ondas da pandemia, sendo o mais grave o negacionismo federal

O Brasil enfrenta a sua terceira escalada de infecções pelo novo coronavírus mais protegido pela alta adesão popular às vacinas, mas lamentavelmente despreparado em quase todos os outros aspectos do controle da pandemia. A experiência acumulada não se traduz em aprendizado, o que é preocupante.

Esbugalhou-se o termômetro para detectar a marcha da virose —a contagem tempestiva de casos positivos. Não bastasse o baixo índice de exames, uma constante desde o início da crise, agora não se podem considerar as cifras oficiais porque o sistema federal entrou em colapso após sofrer ataque cibernético, há quase um mês.

Também o sequenciamento genético, importante para monitorar novas cepas como a ômicron, mal engatinha no Brasil. Decifram-se pouquíssimas amostras e com tanto atraso que seus resultados são pouco menos que inúteis para orientar reações sanitárias oportunas.

Enquanto outros países distribuem autotestes baratos nos sistemas públicos, nas farmácias ou até em domicílios, no Brasil essa opção óbvia para o cidadão saber depressa se está com Covid nem sequer existe. É preciso recorrer a profissionais de saúde, o que concorre para superlotar os serviços e promover aglomerações perigosas.

Também não deslancha a telemedicina, que a custos módicos poderia ser amplamente mobilizada para orientar as pessoas com suspeitas de infecção —a imensa maioria dos que contraíram o vírus jamais precisará de intervenção hospitalar para recuperar-se.

Por isso as estatísticas dos hospitais são as únicas a captar melhor, embora com defasagem de tempo, um pedaço da nova onda. Voltou a crescer aceleradamente o volume de internados em UTIs paulistas para Covid. Ainda num patamar relativamente baixo em relação à onda anterior, ele aumenta depressa, quase 2% ao dia.

O incremento do risco sanitário, que deveria ser combatido pela expansão da população vacinada, encontra o governo federal em novo pico de febre negacionista. Promoveu uma consulta pública às raias do inacreditável sobre imunização de crianças apenas para satisfazer às estultices de Jair Bolsonaro (PL).

Mais uma vez na mesma pandemia, o país vai deixar de proteger uma parcela significativa de sua população, a tempo de evitar internações e mortes, porque o presidente da República embota o processo por incompetência e com pretextos e ideias retirados do esgoto.

Diante de desafios raros e ciclópicos como a epidemia de coronavírus, é comum um país cometer erros. O incomum é não aprender com eles e repeti-los. Que o Brasil saiba absorver ao menos a lição eleitoral, diante de tamanhos e reiterados desmandos federais.

Gambiarra na Guanabara

Despoluição proposta para a baía seguirá sem universalização de rede de coleta de esgotos

Diz muito sobre o descaso civilizatório no Brasil que seu antigo Distrito Federal, depois estado da Guanabara, seja banhado por águas de uma das baías mais belas e poluídas do mundo. A maravilhosa cidade que já foi capital nacional tem nos costados um mar de esgotos.

A promessa de limpar a baía da Guanabara enseja a mesma credibilidade —quase nula— do programa de despoluição do rio Tietê, que banha o mais rico e populoso município do país. Aqui não cabe rivalidade, as duas cidades mostram-se incapazes de dar destinação correta aos próprios dejetos.

Moradores de Vigário Geral, no Rio de Janeiro, são vizinhos da estação de tratamento de esgotos (ETE) Pavuna, mas seus rejeitos não vão para lá. Descem pelas galerias pluviais e terminam na baía, assim como os do complexo da Maré, ao lado da ETE Alegria.

Como resultado, essas estações funcionam com só 18% e 28% da capacidade, respectivamente. Ambas integram o Programa de Despoluição da Baía de Guanabara, de 1994, ao lado de outras duas construídas em três décadas, mas sem completar a ligação dos domicílios à rede de tubulações.

Há perversidade, mais até que incompetência, nesse descalabro. Despendem-se bilhões em obras e dragagens portentosas, ao mesmo tempo em que se negligencia o básico do saneamento para não lançar esgotos in natura no ambiente.

Com a concessão do serviço no Rio de Janeiro, em abril, a meta é beneficiar 90% dos rejeitos até 2033. Prevê-se investimento de R$ 2,7 bilhões, nos próximos cinco anos, para sanear a baía.

Paradoxalmente, a aceleração se dará com o adiamento da disseminação da rede coletora em oito municípios circundantes: Belford Roxo, Duque de Caxias, Itaboraí, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro e São Gonçalo.

Em lugar de tubulações segregadas nas casas, haverá sistema coletor de tempo seco, de implantação mais célere. Os dejetos continuarão fluindo com águas de chuva, para recolhimento antes de alcançarem rios e a baía. O expediente funciona quando não chove muito. Mas seguirá carreando sujidades para a Guanabara sempre que a precipitação se tornar copiosa.

Pretende-se com isso uma despoluição rápida das correntes que deságuam na baía. Uma "solução emergencial", no eufemismo dos técnicos e defensores. Melhor que nada, dirão os conformistas. Mas muitos chamarão de "gambiarra".

Alcântara é quilombola

Bianca Santana

A batalha para proteger 792 famílias quilombolas em Alcântara, no Maranhão, protagonizada há mais de 40 anos pelos próprios quilombolas, informa como o movimento negro tem barrado desmandos, mesmo neste governo.

Em março de 2019, Bolsonaro e Trump assinaram o acordo para ampliar o Centro de Lançamento de Alcântara: os EUA finalmente poderiam lançar satélites e foguetes de uma das bases mais bem posicionadas do mundo, atropelando a soberania prevista em nossa Constituição. Em 2011, Wikileaks revelou um telegrama do Departamento de Estado americano à Embaixada da Ucrânia em Brasília que mencionava "uma antiga política de não 'encorajar' as tentativas do Brasil de desenvolver um foguete sozinho".

A Câmara dos Deputados aprovou o acordo em regime de urgência, violando a Convenção 169 da OIT, que determina consulta prévia, livre e informada às comunidades tradicionais sobre medidas que afetem seus territórios e modos de vida. O Senado validou. Notas técnicas, reuniões, tuitaço não foram suficientes para sensibilizar parlamentares brasileiros.

Mas, se uma ideia equivocada de desenvolvimento extrapola fronteiras, a resistência a ela também é internacional. Além de denunciar as violações à ONU, o Movimento dos Atingidos pela Base Espacial de Alcântara enviou uma carta ao Congresso americano, subscrita por cerca de 50 entidades da sociedade civil, do sistema de Justiça e do movimento negro. Em apoio, a Coalizão Negra por Direitos foi a Washington sensibilizar parlamentares negros.

O senador Hank Johnson se posicionou no plenário, convocando mais congressistas contra retiradas forçadas e ataques racistas. Em outubro, a comissão do senado americano responsável pelo orçamento público determinou que não se destine recursos à remoção de comunidades quilombolas de Alcântara.

Como afirma o cientista político e quilombola Danilo Serejo, é necessário seguir vigilante. Mas não sem registrar cada vitória.

Exibição controlada

Bruno Boghossian

Lula apresentou um esboço das bases de seu plano econômico numa entrevista coletiva em meados de outubro. "Eu quero um Estado com força para que ele seja o indutor do desenvolvimento. Um Estado que não tenha preocupação de fazer dívida para investir num ativo produtivo para este país", disse.

O PT rejeita a ideia de anunciar publicamente um assessor econômico para a candidatura de Lula, com o argumento de que o próprio ex-presidente será o responsável por esse capítulo do programa. Ele mesmo já repetiu os pilares dessa agenda em declarações feitas nos últimos meses: investimento público e ampliação de gastos sociais, com o equilíbrio fiscal em segundo plano.

"Eu quero um Estado que não discuta se vai financiar a educação porque é gasto. Tem que financiar a educação. Um Estado que cuide das pessoas sem se preocupar com o gasto de cuidar das pessoas", afirmou Lula, naquela mesma entrevista.

Os petistas decidiram fazer uma exibição controlada de seus planos para a economia nesta etapa da pré-campanha. O ex-presidente lança pistas pelo caminho, enquanto ninguém se apresenta como um porta-voz oficial para a área. Mesmo Guido Mantega, que assinou na **Folha** um artigo sobre os planos de Lula, precisou anotar que o texto "não expressa o ponto de vista da candidatura".

Essa movimentação faz parte de um cálculo eleitoral dos petistas. Primeiro, o ex-presidente quer mandar sinais de que seu programa econômico será formatado para a população mais pobre, sem destaque para restrições de gastos. Além disso, os petistas limitam a divulgação de detalhes para deixar margem para possíveis negociações nesse capítulo ao longo da corrida.

A economia será uma peça-chave da campanha de Lula para tentar cativar o eleitorado de baixa renda e da classe média. A ideia é explorar nessa pauta um contraponto central entre o petista e o governo de Jair Bolsonaro. O desenho completo da agenda, no entanto, só deve aparecer quando a disputa apertar.

Os esbirros de Bolsonaro

Ruy Castro

Às vezes falo aqui nos esbirros de Jair Bolsonaro. Já foi uma palavra comum na imprensa, mas ficou fora de moda, daí leitores me perguntarem o significado. Houve quem a confundisse com espirro, sem saber que, achando repulsivos os espirros de Bolsonaro, eu jamais macularia esse espaço com eles. Para outros, talvez eu quisesse escrever esporro, o que faria sentido —nunca houve presidente tão estúpido e dado a governar por esporros. E ainda outros arriscaram esparro e esbarro. De fato, as duas palavras têm a ver: esparro é aquele que dá um esbarro na vítima para o punguista bater-lhe a carteira. Bolsonaro fica bem nos dois papéis, de esparro e punguista.

Esbirro, tecnicamente, é um agente da polícia, um guarda, um guarda-costas. Mas é ainda sinônimo de beleguim, que, nos dicionários, remete a tira, capanga, jagunço, quadrilheiro, alguém entre a lei e fora dela. Os esbirros a que os velhos jornais se referiam eram a guarda pessoal de Getulio Vargas no Catete, comandada por Gregório Fortunato, e os de Carlos Lacerda na Guanabara, em torno de Cecil Borer. Muita gente foi para o Caju ou para o Pronto-Socorro depois de passar por eles.

Bolsonaro ampliou o conceito de esbirro. Não se limita mais àqueles rapazes carecas e sarados, incrustados no Bope, na PM e até na Câmara dos Deputados, que ele e seus filhos gostam de condecorar. São agora qualquer um a quem ele delega o trabalho sujo, como o de executar certas medidas cruéis e violentas —Marcelo Queiroga, Augusto Heleno, Braga Neto, Luiz Eduardo Ramos, Fábio Faria, Mario Frias, Sérgio Camargo.

Esbirros que ficarão na história foram também Eduardo Pazuello, Abraham Weintraub, Fabio Wajngarten, Ernesto Araújo, Ricardo Salles, Sergio Moro, muitos mais. Não importa que alguns tenham se voltado contra o chefe. Um dia, ladraram e morderam em seu nome.

Os esbirros de Bolsonaro se julgam finos. Mas não são, não. Esbirro é esbirro.

Botas de sacola

Stefano Volp

Roteirista, tradutor e jornalista, fundou a editora Escureceu e é autor de, entre outros, "Homens Pretos (não) Choram"

O som da chuva, seu cheiro sobre a terra e o verde da relva após um aguaceiro podem até ter sua poesia, mas a vida das famílias pobres se parece mais com a prosa onde um torrencial costuma deixar traumas irreparáveis.

Os recentes vídeos das tragédias na Bahia me transportaram para a minha infância, num morro sem asfalto, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Há 20 anos, segundo o IBGE, quase metade das casas no Brasil ainda não estavam em rua pavimentada. Já parou para pensar o quanto isso influencia a relação do pobre com a chuva desde criança?

Ora, se chovesse, eu não podia brincar no quintal escorregadio. Restava passear entre as goteiras, trancafiado em uma pequena casa no pico do morro. Se ventasse, não demoraria muito até a luz acabar e então a única brincadeira possível seria mexer os dedos em frente às velas acesas, projetando divertidas sombras nas paredes mal pintadas.

Apesar disso tudo, meu trauma mesmo era sublinhado no dia posterior, quando a chuva já tinha parado e as mães mandavam seus filhos para a escola. Por um lado, morar na ladeira era bom porque o risco de alagamento era nulo. Por outro, a chuva que escorregava pelos caminhos sem asfalto sulcava a terra, transformando tudo em um lamaçal.

Quando eu chegava ao asfalto, além das canelas sempre respingadas de lama, ganhava três centímetros de altura. O barro grudava na sola dos nossos tênis feito bolos de lama, e andar chegava a ser pesado. Na sala de aula, depois que o tempo passava, o cômodo esquentava, os resquícios de barro secavam e desgrudavam da sola do tênis com um sorriso debochado, deixando debaixo da minha carteira os rastros do lugar de onde eu tinha vindo. Parecia uma denúncia. Até diziam que eu morava mal, mas, na maioria das vezes, os blocos ressequidos falavam, por si só, mais alto do que a chacota dos colegas. O barro seco sussurrava coisas terríveis que ninguém além de mim podia ouvir.

Com o passar do tempo, aprimorei a técnica para evitar a vergonha. Descia o morro com os tênis cobertos em sacolas de mercado e, no asfalto, removia os resquícios de terra com uma faca. Das coisas que a vida nas comunidades nos ensina, uma das mais importantes é saber como fazer uma boa limonada quando a vida te dá um limão podre.

Hoje, quando vejo as inundações na Bahia, penso nas pessoas que são forçadas a calcular seus passos para sobreviver. A educação pode até nos livrar das botas de sacola, mas, ainda assim, no mundo branco, injusto e traiçoeiro, ainda me pego olhando para a quantidade de barro trazida em meus pés. Diferentemente de ontem, prefiro que ele permaneça.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Doenças raras: um desafio crescente à sociedade

Urge oferecer diagnóstico precoce e possibilidade de tratamento e reabilitação

Magda Carneiro-Sampaio

Professora titular do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da USP e pesquisadora do CNPq e membro da Academia Brasileira de Pediatria

No último dia 16 de dezembro, a ONU fez um apelo histórico aos países-membros em favor das pessoas com doenças raras e suas famílias para que tenham acesso a bons serviços de saúde, proteção social e educação e possam alcançar seu pleno potencial de desenvolvimento e participação na sociedade. A ONU reafirmou os direitos inalienáveis de todo ser humano, dentro dos princípios da equidade, justiça social e eliminação de todas as formas de discriminação. O Brasil é um dos 54 signatários dessa resolução.

O conceito de doença rara (DR) está ligado à sua frequência na população. O Ministério da Saúde aceita como qualquer condição com frequência igual ou menor que 65/100 mil, ou seja, 1,3 pessoa afetada a cada 2.000. Na Comunidade Europeia, adota-se um critério próximo e fácil de gravar de 1 a cada 2.000 pessoas. Grande parte das DRs (mais de 80%) é de origem genética e apresenta uma enorme diversidade de manifestações clínicas, tanto em sistema/órgão(s) afetado(s) como pela gravidade. Estima-se que existam mais de 8.000 DRs diferentes.

Temos como exemplos desde as hemofilias e os dismorfismos craniofaciais até o grande grupo dos erros inatos do metabolismo, muitos dos quais levam a alterações do desenvolvimento neuropsicomotor, passando pelo grupo crescente dos erros inatos da imunidade (também conhecido como imunodeficiências primárias), com grande susceptibilidade a infecções, área na qual trabalho há quatro décadas.

Cabe lembrar que a síndrome de Down é uma condição de origem genética (trissomia do cromossoma 21), mas não é uma DR, com uma frequência de cerca de 1 em cada 700 nascidos vivos.

Estudos franceses mostram que entre 5% e 6% da população apresenta alguma DR. Desta forma, estima-se que tenhamos no Brasil cerca de 12 milhões de pessoas afetadas por diferentes doenças raras! A própria ONU em sua divulgação da resolução estima que existam 300 milhões de pessoas com DRs em todo o mundo. Em outras palavras, cada doença isoladamente é rara, porém o conjunto das DRs é frequente, e o número de pessoas afetadas é alto, com grande impacto para os serviços de saúde. Assim, é preciso uma extensa mobilização social para se oferecer diagnóstico precoce e possibilidade de tratamento (nos casos em que há) e reabilitação.

[...]

A triagem neonatal ("teste do pezinho") representa a primeira oportunidade de detecção de doenças raras (DRs), num momento em que há possibilidade real de tratamento eficaz e prevenção de sequelas. (...) Hoje é possível ampliar, de forma escalonada pelo SUS, a detecção de 5 para 53 DRs, como já ocorre em algumas maternidades privadas

A grande dificuldade aqui, e também no restante do mundo, é a demora em se estabelecer o diagnóstico, sendo essa odisseia em média de cinco anos nos países desenvolvidos. Muitas vezes a doença já evoluiu com sequelas irreversíveis, ou o paciente não sobreviveu.

Em 2014, o Ministério da Saúde lançou a portaria 199 regulamentando a assistência a pessoas com DRs, medida que vem sendo paulatinamente implementada. No estado de São Paulo, a questão começou a ser tratada em 2011 com uma articulação do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP com a Secretaria de Estado da Saúde. Iniciou-se a concepção do projeto da Rede Dora (doenças raras), uma articulação entre as escolas médicas e o SUS com o objetivo de melhor atender os pacientes.

Se por um lado a pandemia retardou o desenvolvimento do programa, por outro trouxe grandes perspectivas na área da saúde digital, em particular para interconsultas entre médicos da linha de frente e especialistas, encurtando o tempo de diagnóstico e permitindo a adoção de terapêuticas eficazes.

A triagem neonatal ("teste do pezinho") representa a primeira oportunidade de detecção de DRs, num momento em que há possibilidade real de tratamento eficaz de alguns defeitos e prevenção de sequelas de todos os detectados. No Brasil, todos os recém-nascidos são testados para cinco DRs (fenilcetonúria, hipotireoidismo congênito, fibrose cística, hiperplasia adrenal congênita e deficiência de biotinidase) e para a doença falciforme (hemoglobinopatia). Hoje é possível ampliar, de forma escalonada pelo SUS, a detecção para 53 DRs, como já ocorre em algumas maternidades privadas.

Doenças raras são hoje um tema de interesse de todos!

O futuro da saúde é para hoje

Centralização do histórico médico será revolução para pacientes e profissionais

Fernando Torelly

Presidente do HCor, em São Paulo

Nos últimos dois anos, começamos a testemunhar uma revolução no sistema bancário brasileiro com a criação do open banking. Por trás desse conceito, está a tecnologia e uma intensa e, agora, regulamentada troca de dados de clientes entre instituições. Esse mesmo conceito de dados abertos tem enorme potencial de ser usado na área da saúde.

Hoje, nosso histórico médico está espalhado por consultórios, laboratórios, clínicas e hospitais diferentes, dificultando o manejo das informações. Assim, para um futuro não tão distante, o melhor caminho para o setor é abolir essa descentralização e tornar o paciente dono dos seus dados, com o que podemos chamar de "open health".

Necessitamos com urgência integrar a cadeia de saúde. Precisamos reunir o prontuário médico, com o consentimento total do usuário e em benefício dele, na palma da mão do principal interessado: ele mesmo.

E, se antes isso parecia pouco palpável e de difícil execução, cada vez mais essa medida se torna factível. É possível —para não dizer fundamental— utilizarmos de tecnologias em prol desse movimento.

Assim, cada indivíduo terá em sua posse um histórico pessoal que reúna desde as vacinas tomadas ao longo da vida até o resultado de exames recentes e as condutas clínicas adotadas pelo médico a partir deles.

Com isso, o paciente conseguirá gerir sua própria saúde e se apoderar de uma rotina organizada de cuidados, com alertas para o retorno de uma consulta e mesmo para a hora exata de iniciar um rastreamento preventivo com base em sua idade, comorbidades ou demais fatores de risco.

[...]

O paciente conseguirá gerir sua própria saúde e se apoderar de uma rotina organizada de cuidados, com alertas para o retorno de uma consulta e mesmo para a hora exata de iniciar um rastreamento preventivo com base em sua idade, comorbidades ou demais fatores de risco. Terá ainda a garantia de que o profissional que o atenderá conhecerá a fundo seu quadro clínico

Terá ainda mais liberdade para transitar entre atendimentos públicos e privados, com a garantia de que o profissional que o atenderá conhecerá a fundo seu quadro clínico.

Por falar no profissional do outro lado da mesa, médicos e equipe multidisciplinar também serão beneficiados com o modelo de open health.

Ter acesso online às informações dos pacientes, de maneira integral e padronizada, pode evitar a realização de exames em duplicidade, elucidar (e agilizar) diagnósticos, bem como facilitar a tomada de decisão clínica.

Além disso, os profissionais provavelmente passarão a se deparar com mais indivíduos saudáveis do que doentes. Isso porque doenças crônicas serão mais facilmente controladas, e diagnósticos precoces garantirão ampliar chances de cura. Prevenção e qualidade de vida ganharão mais espaço no dia a dia, sendo de fato promovidas pelo setor de saúde.

Nessa relação ganha-ganha, hospitais, laboratórios e operadoras também saem vitoriosos. Os primeiros se tornam hubs de saúde de alta complexidade, e os demais, parceiros de prevenção e hábitos saudáveis de seus clientes.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Patrícia Vanzolini toma posse como presidente da OAB seção São Paulo Mathilde Missioneiro - 3.jan.2022/Folhapress

Empoderamento

Palmas para a nova presidente da OAB-SP, que anuncia paridade de gênero em indicações ("Patricia Vanzolini assume OAB-SP e anuncia paridade de gênero em indicações para o TJ", Poder, 4/1). Empoderando mulheres, que por sua vez empoderam outras. Precisamos mais mulheres em postos-chave do país.

Elca Rubinstein (São Paulo, SP)

Vacina para crianças

"Governo descarta prescrição, e vacinação começará por crianças com comorbidade" (Saúde, 5/1). Este governo perde tempo e dinheiro e destrói vidas com polêmicas estúpidas, sem fundamento, contra a ciência, a lógica e a inteligência. Aliás, inteligência não existe em nenhum membro deste desgoverno. O retrocesso, em todas as áreas, é gigantesco.

Luiz Carlos Davanço (São Paulo, SP)

Cães e gatos

O papa Francisco é um bom homem, mas vez por outra revela inocência e falta de conhecimento ("Papa Francisco critica quem substitui filhos por cães e gatos", Mundo, 5/1). Adotar um pet é a melhor opção para pessoas conscientes que não têm estrutura para criar uma criança. Por outro lado, num mundo devastado por doenças, onde faltam alimentos, água, moradia e outras necessidades básicas, o controle de natalidade é uma escolha acertada.

Maurílio Pollaello Júnior
(Ribeirão Preto, SP)

Geladeiras

Perfeito o ponto de vista de Lygia Maria ("Idolatramos geladeiras", Opinião, 5/1). Que os políticos façam apenas seu dever, ou seja, que mantenham o país funcionando de forma eficiente. Parabéns à articulista pela lucidez.

Gilberto Assad (São Paulo, SP)

Manual

Na mais recente edição do "Manual da Redação" da **Folha** deve haver uma seção inteira ensinando como falar mal e tentar destruir um presidente da República.

Gilberto Villalva
(São Paulo, SP)

Mantega

É um péssimo sinal que o ministro da Fazenda mais incompetente da história da República tenha sido escolhido para expor o pensamento econômico de Lula ("Bolsonarismo levou Brasil à crise e retomada virá com seu fim", Mercado, 5/1). Sob sua batuta, a economia e as contas públicas do Brasil foram destroçadas. Lembremo-nos das famosas previsões do então ministro. Quem apostou contra enriqueceu.

Agostinho Sebastião Spínola
(São Paulo, SP)

*

Guido Mantega diz que é imprescindível realizar uma reforma tributária que simplifique impostos federais, estaduais e municipais. Engraçado. Ele esqueceu que foram governo por 13 anos e não mexeram uma palha para isso? E lá vem também a velha conversa de que o liberalismo econômico afundou o país e deve-se então retomar o social-desenvolvimento, ou seja, intervenção estatal novamente. Chega dessa gente.

Antonio Maurílio Villas Bôas
(São Carlos, SP)

Reforma trabalhista

É importante que se diga que a reforma trabalhista é boa para quem tem como principais clientes os estrangeiros. Para os empresários que comercializam ou prestam serviços aos brasileiros, é preciso que o povo tenha poder de compra. É mentirosa a tese do pequeno empreendedor. Trata-se de uma forma demagógica ou um eufemismo para o escravo moderno.

Franz Josef Hildinger
(Praia Grande, SP)

Chico Barbosa Bento

A coluna de Jairo Marques me tocou ao falar do genial Maurício de Souza ("Desconcluindo Maulício", Assim Como Você, 5/1). Na minha infância pobre, os gibis eram o nosso "play". Lembro que, ao chegar a São Paulo, aos 18 anos, fui trabalhar num escritório em que um dos chefes me chamava de Chico Bento, porque minha fala era do interiorrr.

Marcos Barbosa (Casa Branca, SP)

Reforma trabalhista

Rodrigo Maia (Painel, 5/1) usa argumentos falsos para defender a reforma trabalhista do governo Temer —que ele se empenhou em aprovar— pois sabe que a dita não gerou os empregos prometidos. Pelo contrário, com ela iniciou-se um processo grave de precarização do trabalho, reduzindo os direitos e o poder de compra dos trabalhadores. Isso sim gera recessão.

Beatriz Telles (São Paulo, SP)

Djokovic

Sem dar detalhes, o governo australiano concedeu uma "permissão de exceção" a Novak Djokovic para disputar o Aberto da Austrália sem a necessidade de apresentar o comprovante de vacina contra a Covid. O motivo para a falta de explicação é evidente: não existe explicação plausível para tamanha aberração. Se houvesse, já a teriam divulgado. Causa espanto a subserviência do torneio e do governo australiano ao egocêntrico e irresponsável tenista.

Luciano Harary (São Paulo, SP)

*

Novak Djokovic demonstra ser um gênio dentro da quadra e um completo irresponsável fora dela.

Carlos Carmelo Balaró (São Paulo, SP)

Boas-festas

A Folha agradece e retribui os votos de boas-festas recebidos de **José Roberto Maluf**, presidente da Fundação Padre Anchieta (São Paulo, SP) e **Le Petit Poète Promoções Artísticas e Culturais** (Pedro Leopoldo, MG).

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

MERCADO (5.JAN., PÁG. A11) Diferentemente do publicado em "Bolsonarismo levou Brasil à crise, e retomada virá com o seu fim", em 2022 o desemprego deverá repetir os 12% de 2021, e não em 2020.

MERCADO (3.JAN., PÁG. A12) Diferentemente do publicado em "Campos Neto fará 6ª carta da história para justificar inflação fora da meta", o Banco Central levou a taxa básica de juros ao menor nível da história, a 2% ao ano, em agosto de 2020 e manteve o patamar até março de 2021.

poder

PAINEL | **Guilherme Seto** (interino)
painel@grupofolha.com.br

Bloco do eu sozinho

O Supremo Tribunal Federal manteve em 2021 um patamar elevado de decisões individuais em ações constitucionais, que discutem atos de outros Poderes em nível federal e também nas outras esferas da federação. Ao todo, foram 1.113 ordens monocráticas nesses processos no ano passado, contra 562 decisões colegiadas. O dado é inferior a 2020, quando ficou em 1.280, mas superior aos anos anteriores: em 2019, foram 738; em 2018, 653; em 2017, 570; e em 2016, 333.

TENSÃO Essas decisões costumam ser as mais sensíveis e as que geram mais atritos com o Congresso e o Planalto.

BLOCK Foi numa dessas ações que a ministra Rosa Weber suspendeu as emendas de relator, que eram usadas pela cúpula do Legislativo em parceria com o governo para consolidar a base aliada no Congresso. O plenário referendou a ordem da magistrada depois.

RÉDEAS Jair Bolsonaro (PL) já se queixou da atuação individual dos ministros do STF e chegou a sugerir que o presidente da corte deveria "enquadrar" o magistrado que decidir sozinho "fora das quatro linhas da Constituição".

OFF O recurso frequente ao plenário virtual durante a pandemia não foi suficiente para reduzir a atuação individual dos ministros, que, segundo as leis e o regimento interno da corte, deveria ocorrer apenas em situações excepcionais.

PAGUE A Controladoria-Geral da União multou duas empresas alvos da Lava Jato em apurações sobre desvios da obra da usina nuclear de Angra 3. Uma das punidas é a Aratec, do ex-presidente da Eletronuclear no governo Lula (PT) Othon Luiz da Silva. Ela foi multada em R$ 282,3 mil e não poderá ser contratada pelo poder público por dois anos.

FACHADA A CGU também aplicou uma multa de R$ 396,2 mil e declarou inidônea a Deutschbras, que, segundo o Ministério Público Federal, foi utilizada para repassar valores da Andrade Gutierrez para a Aratec do almirante Othon.

NOVO A proximidade de Evair de Melo (PP-ES), vice-líder do governo na Câmara, com Bolsonaro ampliou as discussões sobre 2022 no Espírito Santo.

JÁ DEU Aliados do presidente têm defendido que ele apoie o deputado para o Senado, um nome novo e com baixa rejeição, e abandone Magno Malta (PL), que não conseguiu se eleger em 2018.

ESTRATÉGIA Em reunião nesta quarta (5), a coordenação da campanha de Simone Tebet (MDB-MS) definiu que apostará na equidade racial como bandeira para impulsionar a candidatura presidencial, que ainda patina nas pesquisas de intenção de votos.

CALDO O partido pretende procurar organizações e empresas para alimentar o debate racial em torno da candidatura da senadora. A medida vai ao encontro de projeto de renovação tocado pelo partido nos últimos anos, que inclui a participação mais ativa do núcleo MDB Afro e a busca por lideranças negras.

QUADROS Aline Torres, secretária de Cultura de SP, e a enfermeira Mônica Calazans, a primeira pessoa vacinada contra a Covid, são duas delas. Como revelou o Painel, Mônica filiou-se ao MDB e, de acordo com as tratativas com a sigla, será candidata a deputada federal.

SEM... Aproveitando o aceno do ex-presidente Lula (PT), as centrais sindicais manifestaram apoio à discussão sobre revogação da reforma trabalhista de 2017.

...LEMBRADO Em nota das principais centrais, como CUT e Força Sindical, elas dizem que a atual contrarreforma na Espanha pode ser sinalização que estimule o debate sobre o tema.

FATURA Elas afirmam que a reforma brasileira foi feita com um viés antissindical, precarizou o trabalho e não gerou os empregos prometidos.

JAMAIS Diretor da Anvisa, Alex Machado Campos afirma que a presença de um representante na audiência pública realizada pelo Ministério da Saúde para discutir a vacinação de crianças não foi sequer cogitada pelos membros da agência.

TÁ LÁ Ele diz que não seria razoável que a Anvisa voltasse "a validar ou questionar um registro já concedido pela área técnica da agência em uma arena de discussões públicas cujo debate vai além da regulação".

TIROTEIO

“ O negacionismo do governo Bolsonaro é crônico. O recuo é eleitoral, mas a prática ideológica permanecerá

De Rogério Correia (PT-MG), deputado federal, sobre a desistência do governo federal de exigir prescrição para vacinar crianças

com Fabio Serapião e Matheus Teixeira

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
358.659 exemplares (novembro de 2021)

O presidente Jair Bolsonaro (PL) acena para apoiadores 1 ao deixar o hospital Vila Nova Star, em São Paulo, onde estava internado desde a última segunda-feira (3) para tratar uma obstrução intestinal; nos dias anteriores, ele passeou de jet-ski 2 no litoral de Santa Catarina, dançou funk em uma lancha 3 no litoral paulista 4 e participou de show de manobras 5 no Beto Carrero World, mas negou que estivesse de férias

Bolsonaro tem alta, nega politizar sua saúde e diz ser maldoso falar em férias

Após sair do hospital, presidente afirma que só dá umas 'fugidas de jet ski' e 'cavalos de pau no Beto Carrero' e vai para jogo de futebol

Carolina Linhares, Marianna Holanda e Ricardo Della Coletta

SÃO PAULO E BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou que não se vitimizou com seu estado de saúde e que é maldoso dizer que ele teve férias nas semanas anteriores à sua entrada no Hospital Vila Nova Star, em São Paulo, onde recebeu alta nesta quarta-feira (5) após obstrução intestinal.

"Fizemos coisas fantásticas ao longo desses dias que dificilmente outro governo estaria fazendo. O presidente não tem férias. É maldoso quem fala que estou de férias. Eu dou minhas fugidas de jet ski. Dou lá uns cavalos de pau no Beto Carrero", disse.

O presidente interrompeu dias de folga em Santa Catarina e foi internado, na segunda-feira (3). Ele deixou o hospital por volta das 10h30, após dar entrevista ao lado do cirurgião Antônio Luiz Macedo, responsável pelo seu tratamento desde a facada em 2018.

As orientações médicas são dieta restrita, exercícios leves e mastigar os alimentos. Ainda assim, a avaliação é a que as obstruções intestinais podem continuar ocorrendo.

"Vai ser difícil seguir isso, eu não consigo me controlar", disse Bolsonaro sobre a dieta.

Bolsonaro disse ainda que vai manter viagens programadas nas próximas semanas para Nordeste, Rio e Rússia.

Na noite desta quarta, horas após deixar o hospital em São Paulo, o presidente viajou para Buriti Alegre (GO) para acompanhar um jogo beneficente de cantores sertanejos.

O evento "Amigos do Marrone contra a fome" tem uma partida entre atletas, cantores e outras celebridades. Marrone lidera uma das equipes.

O segundo time seria de Gusttavo Lima, mas sua assessoria disse que o cantor recebeu diagnóstico de Covid.

Bolsonaro chegou por volta das 20h a Buriti Alegre acompanhando do ministro da Defesa, Braga Netto, e do deputado Major Vitor Hugo (PSL-GO), candidato do presidente ao governo de Goiás.

Antes da partida, o chefe do Executivo conversou com apoiadores e entrou em campo para fazer uma foto passando a bola para Marrone. Carlos Bolsonaro, filho do presidente, participou do jogo.

Bolsonaro havia anunciado em 29 de dezembro, quando estava em São Francisco do Sul (SC), a intenção de comparecer à partida. "Dia 5, Buriti Alegre. O jogo do Bruno e Marrone contra a turma do Gusttavo Lima. Eu vou ser o centro-avante. Todos lá, tá ok?"

A obstrução no intestino foi consequência da facada sofrida por Bolsonaro na última campanha presidencial. Ele afirmou que não cabe falar em vitimização ou em "facada fake". Durante a semana, o presidente foi alvo de críticas por divulgar, assim como seus familiares e aliados, imagens no hospital e ao fazer referências ao ataque de 2018.

Questionado sobre o efeito político e eleitoral da internação, o presidente disse que a pergunta era uma agressão ao cirurgião Macedo e aos médicos de Juiz de Fora (MG), onde o caso aconteceu.

"Querer politizar uma tentativa de homicídio? As imagens mostram a faca entrando e o brilho dela, inclusive, quando sai. Falar que é uma faca fake?", questionou.

"A faca cortou dois vasos do mesentério dele. [...] A faca da ficou a um centímetro da veia cava inferior. [...] Graças a Deus não pegou. [...] Ficamos a noite inteira na UTI naquele 6 de setembro. [...] Dizer que isso não foi uma doença, uma agressão ou tentativa de homicídio...", ponderou Macedo.

"Efeito político? Eu não queria estar aqui. Estava previsto na terça-feira retornar a Brasília. [...] Querer levar para a politização, falar que estou me vitimizando? Está de brincadeira comigo. Dr. Macedo tem sua honra e eu a minha. Temos muito a zelar", completou Bolsonaro.

Ao citar pontos da investigação a respeito de Adélio Bispo de Oliveira, o autor da facada, Bolsonaro afirmou que o caso "está muito parecido com o Celso Daniel", em referência ao ex-prefeito de Santo André filiado ao PT e assassinado em 2002.

"Não está difícil de desvendar esse caso. Vai chegar em gente importante com toda certeza. Não foi da cabeça dele que ele fez aquilo. Não há dúvida da tentativa de homicídio. Eu queria estar jogando futebol apesar da idade. Queria estar fazendo mais coisa, não faço", disse o presidente.

Questionado sobre a possibilidade de ter novos quadros de obstrução intestinal ao longo do ano eleitoral, algo que o médico Macedo disse ser possível, Bolsonaro afirmou se preocupar mais com segurança do que com saúde e agendas durante a campanha.

"Sabemos até onde o outro lado pode chegar. A política brasileira, depois que a esquerda se fez mais presente... Como eles são agressivos, como eles têm tentado eliminar seus adversários não interessa como", disse Bolsonaro.

Continua na pág. A5

“ **Fizemos coisas fantásticas ao longo desses dias que dificilmente outro governo estaria fazendo. O presidente não tem férias. É maldoso quem fala que estou de férias. Eu dou minhas fugidas de jet ski. Dou lá uns cavalos de pau no Beto Carrero**

Jair Bolsonaro (PL)
presidente da República, após receber alta hospitalar

Amanda Perobelli/Reuters

2 Dieter Gross - 28.dez.21/Shoot/Agência O Globo

3 Reprodução

4 @sebacarrera no Twitter

Continuação da pág. A4

O presidente da República também se defendeu das críticas por ter ficado de folga em meio ao caos das enchentes na Bahia.

Bolsonaro viajou a São Francisco do Sul (SC) na segunda-feira (27) para passar o Réveillon com a primeira-dama, Michelle, e sua filha mais nova, Laura. Antes do Natal, ficou no Forte dos Andradas, em Guarujá (SP), entre os dias 17 e 23.

"Acompanhei o caso na Bahia. Dia 12 [de dezembro] estive sobrevoando a Bahia. Acompanhei o caso agora. O que fizemos, além de mandar quatro ministros para lá? [...] Destinamos R$ 200 milhões para obras emergenciais. Destinamos R$ 700 milhões para o Ministério da Cidadania", disse Bolsonaro. O presidente é crítico do governador da Bahia, Rui Costa (PT), e deve apoiar o ministro da Cidadania, João Roma (Republicanos), na disputa de 2022 pelo governo do estado.

Ele mencionou outras medidas do governo tomadas durante o período como ter sancionado a lei que prorroga a desoneração da folha, a isenção de IPI para taxistas e pessoas com deficiência e a anistia a endividados no Fies.

Bolsonaro disse que, por recomendação médica, vai cancelar o salto de paraquedas sobre o lago Paranoá, que faria em fevereiro, para promover o cargueiro KC-390, da Embraer.

A respeito dos pedidos de demissão da ministra Flávia Arruda (PL) por parte de partidos da base aliada, Bolsonaro afirmou "desconhecer onde a ministra está errando" e disse que ele mesmo a indicou para o cargo. "Ela não será demitida pela imprensa."

"Ninguém pede cabeça de ministro como acontecia no passado. Sabe como Lula está conseguindo apoio por aí? Negociando. [...] Em troca de ministérios, bancos, estatais", completou o presidente.

Bolsonaro voltou a lançar dúvidas sobre a urna eletrônica. Afirmou que o Ministério da Defesa, que acompanha o processo eleitoral, questionou o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) a respeito de fragilidades no equipamento e que o governo aguarda a resposta.

"Não tenho preocupação com o TSE. As Forças Armadas foram convidadas pelo ministro Barroso a participar das eleições. Aceitamos. Vamos participar de todo o processo. E a Defesa agora fez alguns questionamentos ao ministro [Luís Roberto] Barroso, do TSE, sobre fragilidades da urna eletrônica. Estamos aguardando a resposta. Pode ser que ele nos convença. Mas se nós não estivermos errados, pode ter certeza que algo tem que ser mudado no TSE. [...] O Brasil merece eleições limpas e transparentes", disse.

Bolsonaro falou sobre temas caros a sua base eleitoral, como a criação do Auxílio Brasil em substituição ao Bolsa Família. Afirmou ter acabado com a "teta gorda" da Lei Rouanet, o que, segundo ele, chateou a cantora Ivete Sangalo e o ator José de Abreu.

O presidente disse que o país é uma potência no turismo e disse lamentar a recomendação da Anvisa de suspender a temporada de cruzeiros no país devido ao salto no número de casos de Covid e gripe no fim do ano.

"Lamento a decisão que foi tida, não pelo meu governo, mas por parte da Anvisa no tocante aos cruzeiros."

Bolsonaro ainda se referiu à legislação ambiental como um problema para exploração da Amazônia e disse esperar que, se reeleito, consiga superar o que chamou de entraves causados por ideologia. Ele mencionou como exemplos a exploração de nióbio e potássio, além de geração de energia na região.

"Gostaria muito de fazer com que a região do Vale do Rio Cotingo fosse uma potência hidrelétrica, que poderia fornecer energia para toda a região Norte e em parte para o Nordeste, mas temos dificuldade, porque lá é uma reserva indígena. [...] Conseguimos agora, depois de quase três anos, vencer a dura legislação ambiental nossa e indígena também. Já estamos começando a fazer o Linhão de Tucuruí, para levar energia elétrica para Roraima."

Médico atribui internação a camarão não mastigado

SÃO PAULO O presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou que sua internação de três dias no Hospital Vila Nova Star, em São Paulo, com obstrução intestinal se deveu a não ter mastigado camarões que ele ingeriu no almoço do último domingo (2). O cirurgião responsável pelo tratamento do presidente, Antônio Luiz Macedo, confirmou o relato.

"Foi domingo. Eu não almoço, eu engulo. Foi uma peixada, tinha uns camarõezinhos também. Eu mastiguei o peixe e engoli o camarão. Foi isso que aconteceu", afirmou Bolsonaro sorrindo nesta quarta-feira (5), quando recebeu alta hospitalar.

"O camarão não foi mastigado. A gente pede para todos os clientes fazerem o que a gente faz. Mastigar 15 vezes cada garfada", confirmou Macedo durante a entrevista coletiva.

As orientações médicas para Bolsonaro nos próximos dias são dieta restrita, exercícios leves e mastigar os alimentos. Ainda assim, a avaliação é que as obstruções intestinais podem seguir ocorrendo.

"Vai ser difícil seguir isso, eu não consigo me controlar", disse Bolsonaro sobre dieta.

O crustáceo voltou a ser assunto nas redes sociais após ter viralizado em novembro do ano passado. Na ocasião, o político Guilherme Boulos publicou uma imagem do ator Wagner Moura com um prato de camarão na estreia do seu filme Marighella, exibido na ocupação Carolina de Jesus, na zona leste de São Paulo. O item foi doado pelo restaurante Acarajazz para o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) e servido para moradores e convidados.

Na ocasião, o filho do presidente e deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) criticou o MTST. Para ele, apenas a "elite do partido" teria tido acesso ao prato, informação contestada pelo movimento e pelo restaurante que fez a doação. O movimento e seus apoiadores também rebateram críticas ao fato de pobres estarem comendo a iguaria —inclusive porque em alguns lugares o preço está mais barato do que da carne.

A coincidência entre o prato criticado por bolsonaristas e o que causou a internação do presidente não passou despercebida. Os termos "mastigar", "camarão" e "Wagner Moura" ficaram entre os mais comentados do Twitter nesta quarta.

CL e Matheus Moreira

Delegado da PF que já investigou PCC apura facada no presidente

Martin Bottaro Purper, 43, vai analisar informações de advogado que atuou na defesa de autor do atentado

Marcelo Rocha

BRASÍLIA A Polícia Federal escolheu um delegado que já investigou o PCC (Primeiro Comando da Capital) para dar continuidade ao inquérito sobre as circunstâncias do atentado contra o presidente Jair Bolsonaro (PL) em Juiz de Fora (MG), nas eleições de 2018.

Martin Bottaro Purper, 43, está há 17 anos na corporação. Entrou como agente administrativo em 2004 e, pouco mais de dois anos depois, tomou posse como delegado.

Caberá a ele buscar informações que possam esclarecer se Adélio Bispo de Oliveira, autor da facada, teve ajuda de terceiros ou agiu a mando de alguém. Em duas investigações, a PF concluiu que cometeu o crime sozinho.

Bolsonaro questiona até hoje o trabalho da PF, que não coletou evidência de que Adélio tenha sido auxiliado por outras pessoas ou obedecido a um mandante. A Justiça o considerou doente mental e, por isso, inimputável.

Ao ser internado na segunda-feira (3) com fortes dores abdominais, reflexo ainda do ferimento no abdômen, o presidente e apoiadores voltaram a abordar o assunto.

Bolsonaro teve alta e deixou na manhã desta quarta (5) o hospital Vila Nova Star, em São Paulo, onde tratou uma obstrução intestinal.

Em novembro passado, com base em um pedido do criminalista Frederick Wassef, advogado da família Bolsonaro, o TRF-1 (Tribunal Regional Federal da 1ª Região), mandou reabrir o caso.

O tribunal autorizou que a PF vasculhe dados bancários e o conteúdo do celular apreendido com o advogado Zanone Manuel de Oliveira Júnior, um dos defensores de Adélio.

Isso pode revelar quem custeou os honorários advocatícios, o que, para Bolsonaro e seus aliados, levará a polícia ao suposto mentor do crime.

Em dezembro de 2018, a PF cumpriu mandado de busca e apreensão em propriedades de Oliveira Júnior com o objetivo de apreender documentos, celulares e computadores para descobrir quem bancava a assistência jurídica. A autorização foi da Justiça Federal em Minas Gerais.

A pedido da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), que alegou quebra de sigilo profissional, o TRF-1 concedeu liminar (provisória) para brecar a análise ou perícia dos materiais apreendidos, revertida após o recurso de Wassef.

O advogado Fernando Magalhães, que também atuou na defesa de Adélio, disse que um recurso contra a decisão do TRF-1 será analisado pelo STJ (Superior Tribunal de Justiça) e, eventualmente, o STF (Supremo Tribunal Federal) também será acionado.

"A quebra do sigilo deferida ainda depende de recursos e acredito piamente que a Justiça irá prevalecer, impedindo uma inversão de valores, neste tema não me parece lícito e ou correto investigar 'a atuação defensiva' ao invés 'da fonte que despendeu a força motriz para o ato'", disse à Folha por meio de mensagem.

Magalhães reforçou que a apuração policial demonstrou de maneira "absolutamente clara" que Adélio agiu por vontade própria.

Caso a determinação do TRF-1 prevaleça, o delegado Purper dará continuidade no trabalho que estava a cargo do colega Rodrigo Morais Fernandes.

Em dezembro, Fernandes foi designado pelo diretor-geral da PF, Paulo Maiurino, para trabalhar por dois anos em força-tarefa em Nova York, nos Estados Unidos.

Purper atuou em investigações recentes sobre ações do PCC, como a Operação Cravada, deflagrada em 2019 para desarticular o núcleo financeiro da facção criminosa.

Segundo a PF, o grupo recolhia, gerenciava e direcionava valores para financiar crimes em diversos estados.

O delegado também coordenou, no ano passado, a Operação Register, que teve como foco pessoas apontadas como as responsáveis por um cadastro de integrantes do PCC.

No caso da facada, em junho de 2020, com base nas conclusões da PF, o Ministério Público Federal em Minas Gerais se manifestou pelo arquivamento provisório do inquérito policial que apura a possível participação de terceiros no atentado contra Bolsonaro.

No documento enviado à Justiça Federal, a Procuradoria afirmou ter concluído que Adélio concebeu, planejou e executou sozinho o atentado.

Segundo o MPF (Ministério Público Federal), ele já estava em Juiz de Fora quando o ato de campanha do então candidato Bolsonaro foi programado e que, portanto, o autor da facada não se deslocou até a cidade com o objetivo de cometer o crime.

Os representantes da Procuradoria disseram ainda que Adélio não mantinha relações pessoais com nenhuma pessoa na cidade mineira, tampouco estabeleceu contatos que pudessem ter exercido influência sobre o atentado.

Os membros do MPF frisaram que ele não efetuou ou recebeu ligações telefônicas ou troca de mensagens por meio eletrônico com possível interessado no atentado ou relacionadas ao crime.

Naquele mesmo mês, a Justiça Federal homologou o arquivamento do caso.

A quebra do sigilo deferida ainda depende de recursos e acredito piamente que a Justiça irá prevalecer, impedindo uma inversão de valores

Fernando Magalhães
um dos advogados de defesa de Adélio Bispo de Oliveira

Conrado Hübner Mendes
O colunista está em férias

Bolsonaro sanciona lei que detalha proibição de tatuagem na Marinha

Ricardo Della Coletta e Renato Machado

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) sancionou lei que amplia a restrição a tatuagens para integrantes da Marinha. A norma também abre a possibilidade de inclusão de novos cursos no sistema de educação naval, para formação de oficiais e praças.

Pelo texto, o ingresso em carreiras da Marinha veta candidatos que apresentem tatuagem que faça "alusão a ideologia terrorista ou extremista contrária às instituições democráticas, a violência, a criminalidade, a ideia ou ato libidinoso, a discriminação, a preconceito de raça, credo, sexo ou origem ou a ideia ou ato ofensivo às Forças Armadas".

Essa proibição já existia em lei de 2012, mas a norma recém-sancionada detalha a regra. Também está proibido o "uso de qualquer tipo de tatuagem na região da cabeça, do rosto e da face anterior do pescoço que comprometa a segurança do militar ou das operações, conforme previsto em ato do Ministro de Estado da Defesa".

O relator do projeto no Senado, Marcos do Val (Podemos-ES) manteve em seu texto final a visão do projeto original do Executivo a respeito das tatuagens. Afirmou em seu relatório que militares devem primar pela "boa apresentação pessoal".

Disse ainda que esse item não fere decisão do STF (Supremo Tribunal Federal), que definiu que editais de concurso público não podem estabelecer restrição a pessoas com tatuagem, salvo em situações excepcionais devido a conteúdo que viole valores.

"O precedente mencionado é no sentido de que exigências previstas no edital serão possíveis, desde que previstas em lei em sentido formal, motivo pelo qual se propõe a alteração do referido dispositivo pela presente proposição", argumentou o relator em seu texto.

A nova norma, publicada no Diário Oficial da União desta quarta-feira (5), amplia ainda os cursos que compõem o sistema de educação naval —destinado a capacitar o pessoal militar e civil que atua na Força.

O texto também altera limites de idade para ingresso na Força por meio de alguns concursos. Devem, por exemplo, ter no máximo 35 anos de idade os candidatos para o concurso de ingresso para o corpo de saúde da Marinha, para o corpo de engenheiro e para o quadro técnico do corpo auxiliar.

Antes, o limite de idade para entrada nesses concursos era de 36 anos.

poder

Pré-candidato, Márcio França é alvo de investigação da polícia

Ex-governador nega envolvimento com suposto esquema de desvios na saúde

Rogério Pagnan e Klaus Richmond

SÃO PAULO E SANTOS A Polícia Civil de São Paulo cumpriu na manhã desta quarta (5) uma série de mandados judiciais de busca e apreensão em endereços ligados ao ex-governador de São Paulo Márcio França (PSB), em uma investigação que apura um suposto esquema criminoso de desvio de recursos da área da saúde.

O irmão do ex-governador, o médico Cláudio França, é outro alvo da operação, desencadeada em ao menos 30 locais da capital, litoral e interior em endereços da família França e, também, de ex-funcionários de organizações sociais, empresários e médicos.

A investigação apura peculato, associação criminosa e lavagem de dinheiro. A operação é acompanhada pelo Ministério Público e representantes da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil).

Segundo os policiais, no suposto esquema as organizações sociais (as chamadas OSs) seriam usadas para desvios de recursos mediante contratos superfaturados para gestão de unidades de saúde destinadas ao atendimento da população pobre.

Policiais ouvidos pela Folha dizem que há gravações de conversas de Cláudio França e de um suposto testa de ferro utilizado para captação de recursos. Nos diálogos, eles discutiriam a porcentagem destinada a cada um dos integrantes do grupo.

De acordo com a Polícia Civil em Santos, as buscas resultaram a na apreensão de mais de 200 caixotes com documentos. "Numa primeira leitura, a grosso modo, a polícia já identificou a grandiosidade de alguns documentos que deram base ao mandado de busca e apreensão", disse o delegado Luís Ricardo Lara, um dos responsáveis pela operação da Baixada Santista.

Também foram aprendidos dinheiro e armas na casa de alguns alvos, cujos nomes não foram revelados. "Foram três veículos apreendidos, todos de luxo. Foram apreendidos 40 relógios, canetas, armas de fogo, veículos, algumas armas com registro e outras não. Nenhum confronto ou resistência", afirmou Lara.

As investigações que colocam Márcio França sob suspeita de participação em uma organização criminosa são um desdobramento da Operação Raio-X, desencadeada em setembro de 2020, quando foram expedidos pela Justiça 64 mandados de prisão temporária e 237 mandados de busca e apreensão.

Há a suspeita de que o grupo desviou mais de R$ 500 milhões dos cofres públicos. Até agora, 48 pessoas foram denunciadas pelo Ministério Público e, dessas, 19 foram condenadas pela Justiça.

O esquema, conforme informado à época, estendia-se a cidades paulistas e de outros estados como Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Pará. Neste estado, o próprio governador Helder Barbalho (MDB) estava entre os investigados e foi um dos alvos de operação desencadeada pela Polícia Federal naquele ano.

Na ocasião, foram apreendidos 20 veículos, três aeronaves e R$ 1,2 milhão em dinheiro. O mais importante para investigação foram os computadores confiscados, com os quais os policiais conseguiram apurar as movimentações financeiras e, também, a suposta ligação da família França.

Entre alvos dos mandados de busca em 2020 estava um funcionário do gabinete do vereador Eliseu Gabriel, do PSB, mesmo partido de França. As buscas foram realizadas em salas da Câmara Municipal de São Paulo. O parlamentar não era investigado.

Apontado como chefe do esquema inicial, o médico Cleudson Garcia Montali, de Birigui, foi condenado a 104 anos de prisão por uma série de irregularidades nos contratos com equipamentos de saúde de 27 cidades, incluindo Santas Casas. Ele também foi condenado a ressarcir os cofres públicos em R$ 947 mil.

Para a polícia, a família França e Montali estão ligados no suposto esquema.

Em dezembro de 2018, às vésperas de deixar o Palácio dos Bandeirantes, o então governador Márcio França aliviou uma punição administrativa de Montali. O pessebista foi derrotado naquele ano em disputa em segundo turno com o tucano João Doria.

O médico, então diretor regional de saúde, havia sido punido com demissão "a bem do serviço público" por irregularidades consideradas graves pelo próprio governo, investigação aberta a reboque do Ministério Público.

Entre as irregularidades apontadas, Montali teria contratado, como coordenador médico da Santa Casa de Araçatuba, uma clínica da qual era sócio e, ainda, cobrado por serviços não prestados. Para o governo, o contrato dele "foi manejado como sofisticado instrumento de apropriação de recursos públicos".

De demissão, França abrandou a pena para suspensão por 30 dias. Esse mesmo pedido (para redução da pena) havia sido negado pelo então governador Geraldo Alckmin (PSDB) em dezembro de 2015.

Em 2020, quando era candidato a prefeito de São Paulo, França negou irregularidades e afirmou ter seguido pareceres internos que consideravam ser a decisão mais justa.

Dias antes dessa decisão, conforme ele mesmo confirma, França havia viajado de avião para o interior de São Paulo junto com Montali

Em maio de 2017, França, como vice-governador e secretário de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado, viajou para Birigui onde, segundo a prefeitura, ele visitou a Santa Casa local e, também, participou de um jantar promovido pelo médico Montali.

França é um dos pré-candidatos ao governo paulista e, segundo números do Datafolha, oscila entre 13% e 19% das intenções de voto, em terceiro ou segundo na disputa em cenários com Alckmin e Fernando Haddad (PT), mas à frente de Rodrigo Garcia (PSDB), candidato de Doria à sucessão.

No período em que França foi vice-governador, uma organização ligada a Cláudio França, o Instituto Sócrates Guanaes, uma entidade sem fins lucrativos, foi contratada pelo estado para administrar os hospitais regionais de Itanhaém e de Registro.

O contrato do hospital de Itanhaém, de R$ 291 milhões, foi assinado em junho de 2017 por um período de cinco anos. Em 2018, Cláudio foi nomeado assessor técnico do hospital.

O contrato do hospital de Registro, de R$ 539,4 milhões, é de 4 abril de 2018 e também válido por cinco anos. Ambas as contratações foram realizadas sem licitação. As organizações interessadas em fazer a gestão dos hospitais foram convidadas por meio de um processo chamado "convocação pública". Na época, França negou irregularidade.

Para ex-governador, operação visa minar sua pré-candidatura

OUTRO LADO

O ex-governador Márcio França (PSB) classificou como política a operação policial em endereços ligados a ele nesta quarta (5) e insinuou que é uma tentativa de prejudicá-lo na eleição para governador.

"É lamentável que se comece uma eleição para o Governo de São Paulo com estas cenas de abuso de poder político", afirmou. "Já venho há tempos alertando que um grupo criminoso em São Paulo tenta me impedir de expressar a verdade. Sabem que não compactuo com eles, que querem tomar conta do Estado de São Paulo. Se depender de mim, não vão conseguir."

Ele disse que não tem relação com a área médica nem com as pessoas alvo da investigação. "Só deixarei de ser governador de São Paulo se o povo paulista não quiser. Não tenho medo de ameaças ou de chantagem. Em 40 anos de vida pública, já fui muitas vezes difamado e injustiçado, nunca condenado."

Na tarde desta quarta-feira, a direção nacional do PSB publicou nota em que afirma ter "plena confiança na conduta do ex-governador Márcio França."

"O partido condena fortemente o uso político de operações policiais e acusações infundadas contra um uma liderança política de mais de 40 anos de ilibada vida pública e importantes serviços prestados à população de São Paulo como o companheiro Márcio França."

A nota termina dizendo que o partido presta "solidariedade ao ex-governador com a certeza de que, ao final, restará claro o caráter político e abusivo das operações desta quarta-feira e a conduta íntegra de Márcio França". A nota é assinada pelo presidente da legenda, Carlos Siqueira.

A defesa do irmão de França não foi encontrada até a conclusão desta edição.

Geraldo Alckmin ao lado de Márcio França durante evento em Cajamar, em setembro de 2021

Fernanda Luz - 25.set.21/Divulgação

Quero prestar minha solidariedade ao amigo e colega Márcio França. Confio em sua reputação e na sua postura. Seu espírito público e sua dedicação nesses anos todos são notórios e louváveis

Geraldo Alckmin
ex-governador, em publicação no Twitter

Nossa constituição é clara sobre a presunção de inocência. Que se investigue tudo, mas com direito de defesa e sem espetáculos midiáticos desnecessários contra adversários políticos em anos eleitorais. Minha solidariedade para Márcio França

Lula (PT)
ex-presidente, em publicação no Twitter

Para bolsonaristas, chapa Lula-Alckmin prova 'teatro das tesouras'

Fábio Zanini

SÃO PAULO Os acenos mútuos entre Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Geraldo Alckmin (ex-PSDB) para compor uma chapa única na disputa presidencial reavivaram na direita a tese do "teatro das tesouras".

A expressão, também chamada de "estratégia das tesouras", foi mencionada nos últimos dias, por exemplo, pelo filósofo Olavo de Carvalho e pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP).

"O sistema cria suas próprias dicotomias para que você imagine viver numa democracia saudável, mas na verdade é o teatro das tesouras. Bolsonaro é a única oposição a tudo isso aí, o verdadeiro antissistema", tuitou o filho do presidente, em 18 de dezembro.

Variações foram replicadas aos montes por bolsonaristas em redes sociais desde que o flerte entre Lula e Alckmin, ex-adversários ferozes na disputa presidencial, ganhou corpo, no final do ano passado.

A exemplo de expressões, como "marxismo cultural", "teatro das tesouras" é uma imagem usada pela direita para apontar suposta estratégia de dominação esquerdista.

Ela teria origem numa tática elaborada por ninguém menos que Vladimir Lênin, embora não haja registro de que o pai da revolução bolchevique a tenha mencionado com esse nome. A expressão é comumente atribuída ao escritor ucraniano Anatoliy Golitsyn (1926-2008), desertor da KGB soviética.

A metáfora não é difícil de entender. Uma tesoura, quando fechada, é um objeto único. Abertas, suas lâminas parecem estar em oposição, mas na realidade cortam para o mesmo lado, e obedecendo ao mesmo comando (a mão).

Transpondo para a política, é como se forças aparentemente opostas (PT e PSDB, por exemplo) operassem de forma coordenada, avançando na mesma direção, que pode ser chamada de social-democrata, progressista ou mesmo comunista, ao gosto do freguês.

Durante algumas décadas, a maior parte dos brasileiros teve a ilusão de que podia pensar em diferentes ideias e votar em diferentes propostas. Não era verdade. Não existia campo de debate liberal, conservador etc. Todas as propostas [...] encaminhavam para as mesmas políticas e valores

Lucas Ferrugem
produtor da série 'O Teatro das Tesouras', da Brasil Paralelo

Haveria apenas uma ilusão de competição, com o objetivo real de deixar fora do jogo os representantes da verdadeira mudança: a direita, os liberais, os conservadores, os bolsonaristas.

Como prega Olavo, Lênin inaugurou esse sistema na antiga União Soviética, estimulando uma "estratégia das tesouras" em que uma lâmina seria a de León Trótski e a outra de Josef Stálin. Inimigos mortais (literalmente), mantiveram o objetivo maior de consolidar o regime comunista e impedir a tomada de poder pela burguesia capitalista.

Mesmo a Revolução de 1917, que derrubou o regime czarista, teria sido possível a partir de uma ilusão de competição entre as facções comunistas menchevique e bolchevique, uma espécie de "teatro das tesouras" que Lênin soube muito bem explorar, de acordo com essa visão.

No Brasil, o termo foi popularizado em 2018 por uma série de sete vídeos da produtora conservadora Brasil Paralelo (que, aproveitando o flerte Lula-Alckmin, relançou o material, disponível no YouTube).

Cada filme, que tem de 30 a 40 minutos, trata de uma eleição presidencial entre 1989 e 2014, argumentando que nunca houve competição real fora do espectro que vai do PT ao PSDB.

"Durante algumas décadas, a maior parte dos brasileiros teve a ilusão de que podia pensar em diferentes ideias e votar em diferentes propostas. Não era verdade. Não existia campo de debate liberal, conservador etc. Todas as propostas possuíam diferenças sutis de discurso e de prática, mas encaminhavam para as mesmas políticas e valores", diz Lucas Ferrugem, produtor da série "O Teatro das Tesouras", da Brasil Paralelo.

Segundo ele, isso fica cabalmente demonstrado no movimento de aproximação entre o ex-presidente e o ex-governador de São Paulo.

"Não há oposição ideológica, moral ou de ideias concretas entre Alckmin e Lula. Eles se xingaram publicamente no passado por um único motivo: disputavam o mesmo cargo de poder", argumenta.

Para Ferrugem, "a briga era teatro das tesouras, a união política entre eles é o que corresponde de fato à realidade".

Mais do que isso, afirma, o balé entre Lula e Alckmin é prova inconteste de que petistas e tucanos são na verdade uma coisa só. "O PT é um partido socialista. E o PSDB também. A social-democracia é o socialismo democrático", afirma.

Ainda não está certo que a união entre Lula e Alckmin vá vingar. Se realmente ocorrer, oferecerá um discurso pronto para os bolsonaristas, para quem é possível enxergar uma linha de ação que parte de Lênin e chega até o picolé de chuchu.

Operação atravessa campanha em SP e aliança Lula-Alckmin

Líderes políticos dizem que movimento tem potencial para arranhar França

Joelmir Tavares

SÃO PAULO A operação contra Márcio França (PSB) nesta quarta-feira (5) atinge seus planos de voltar ao Governo de São Paulo e pode ter reflexos na composição da chapa presidencial Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Geraldo Alckmin (sem partido), embora o alcance ainda seja incerto.

Aliados e adversários políticos de França concordam sobre o potencial de estrago que uma investigação em ano eleitoral pode ter para o pré-candidato, mas dizem ser necessário esperar os desdobramentos das apurações para saber se o caso se tornará ou não um escândalo relevante.

O pré-candidato do PSB ao Palácio dos Bandeirantes politizou a operação, responsabilizando indiretamente a gestão de seu arquirrival João Doria (PSDB) ao falar em "operação política e não policial" em sua primeira manifestação após os mandados de judiciais de busca e apreensão.

Sem mencionar Doria ou o PSDB, França afirmou se tratar de uma iniciativa "de cunho político-eleitoral". Ele negou envolvimento com as denúncias, em uma rede social.

Além de ser peça importante no xadrez do pleito estadual —ele chega ao segundo lugar no Datafolha (com 19%) em cenário sem Alckmin, com Fernando Haddad (PT) em primeiro (28%)—, França é o maior avalista da dobradinha de Lula com o ex-tucano, quadro que ele tenta atrair para o PSB.

Líderes partidários, parlamentares e assessores que falaram com a **Folha** sob condição de anonimato dizem que a situação cria um constrangimento inevitável e passível de ser explorado na guerra eleitoral, mas acreditam que França só será inviabilizado se algo grave se comprovar.

Colegas de PSB e de outras legendas da esquerda se solidarizaram com o ex-governador. A posição de Lula, divulgada em uma rede social, foi entendida como uma sinalização de que a interlocução do PT com França segue inabalada, a despeito de discordâncias pontuais.

"Nossa Constituição é clara sobre a presunção de inocência. Que se investigue tudo, mas com direito de defesa e sem espetáculos midiáticos desnecessários contra adversários políticos em anos eleitorais. Minha solidariedade para Márcio França", escreveu Lula em sua conta no Twitter.

Segundo um interlocutor de Alckmin, a operação contra o aliado não influirá por ora nas negociações sobre eventual união com Lula. O diálogo com o PSB para eventual filiação prosseguirá. A posição é de cautela quanto a pré-julgamentos e de desconfiança sobre interesses ocultos.

Recém-saído do PSDB, Alckmin foi a público reiterar sua confiança na reputação e na postura de seu ex-vice. "Quero prestar minha solidariedade ao amigo e colega Márcio França. Confio em sua reputação e na sua postura. Seu espírito público e sua dedicação nesses anos todos são notórios e louváveis", afirmou.

Os dois estiveram juntos à frente do estado entre 2015 e o início de 2018, quando o então tucano renunciou ao Bandeirantes para concorrer ao Planalto, deixando a cadeira para o companheiro, que governou por nove meses.

França protagoniza uma queda de braço velada com os petistas no plano estadual, já que espera que a sigla abra mão da pré-candidatura de Haddad em troca do apoio do PSB nacional a Lula —no cenário desejado, com Alckmin filiado ao PSB e ocupando a posição de vice.

Alas do PT, no entanto, descartam a retirada do nome do ex-prefeito, sob as justificativas de que ele está pontuando bem nas pesquisas, com chance de ao menos estar no segundo turno, e que o partido não pode prescindir de palanque próprio para Lula no principal estado do país.

Da mesma forma, articuladores petistas insistem para que o PSB demova França da ideia de tentar novamente o governo, aceitando outras posições na costura entre as siglas, como uma candidatura ao Senado. Um entendimento, hoje, parece difícil, conforme relatos de parte a parte.

A persistir o impasse, é provável que ambos os partidos mantenham seus projetos, tendo ainda a concorrência na esquerda com Guilherme Boulos (PSOL), que também reluta em desistir da disputa pelo governo do estado, embora a aliança da sigla com Lula seja o caminho mais provável.

Haddad também emitiu uma mensagem de solidariedade a França. "Nada contra investigar políticos, muito pelo contrário. O problema é o espetáculo extemporâneo. Não devemos abdicar do princípio da presunção da inocência", afirmou, em uma conta de rede social.

O ex-prefeito disse ainda que "reputação é obra de uma vida" e que espera "que tudo se esclareça o quanto antes".

Outros líderes de esquerda associaram a operação à Lava Jato. A interpretação é que a operação provocou dano de imagem irreparável sem apresentar provas robustas.

Boulos, que rivalizou com França na eleição paulistana de 2020, classificou como preocupante a operação policial.

"É papel da polícia investigar quaisquer desvios e da Justiça puni-los. Mas sem uso eleitoral nem presunção de culpa. Já vimos em que isso deu no Brasil", escreveu.

O risco de enfraquecimento político é admitido também pelo entorno de França, que, no entanto, considerou os danos relativamente limitados. A série de declarações de apoio recebidas ao longo do dia foi bem recebida, embora a exposição negativa na mídia tenha sido considerável.

Apesar das manifestações solidárias, o PT seria virtualmente beneficiado com a exclusão do ex-governador da corrida, no caso hipotético de as investigações desidratarem a pré-candidatura do PSB. Não há sinais, contudo, de uma torcida para que o adversário se retire por tais vias.

O campo governista, que terá como postulante o atual vice-governador, Rodrigo Garcia (PSDB), adotou o silêncio. Doria evitou abordar o caso envolvendo França, e tanto o governo quanto o diretório paulista do PSDB, questionados pela **Folha** sobre o episódio, preferiram não comentar.

Antonio Neto (PDT), que foi vice de França na eleição municipal, saiu em sua defesa e endossou a narrativa de ação direcionada. "No Brasil de BolsoDoria, o uso político das instituições e da polícia virou instrumento de perseguição e intimidação visando à destruição de reputações de pessoas honradas."

Em um vídeo, o ex-governador fez referência explícita a Doria, usando a expressão "calça apertada", que remete ao tucano. "Quem tem calça apertada e o coração intranquilo já sabe que vai ter que me encontrar nas urnas. Não adianta tentar forjar outras coisas, porque a mentira tem perna curta."

Também próximo do ex-governador, o presidenciável Ciro Gomes (PDT), que no mês passado classificou como política uma operação da Polícia Federal contra ele no Ceará, afirmou: "Vivemos tempos estranhos neste país, quando o jogo dos interesses políticos atropela normas e códigos".

Indagado sobre as afirmações do ex-governador de que a operação teria sido política, um dos delegados responsáveis pelo caso, Luiz Ricardo de Lara Dias Júnior, disse que a ação desta quarta é resultado de um trabalho iniciado há dois anos.

"A Polícia Civil ofereceu uma representação ao Poder Judiciário, o Ministério Público opinou favoravelmente à expedição desses mandados, e o juiz de direito [deferiu]", disse.

O delegado afirmou ainda que a operação envolveu meses de apurações. "Não foi fruto de um momento, é fruto de um trabalho da Polícia Civil, que foi amplamente idealizado, realizado, anteriormente."

Presidente do partido de Bolsonaro sai em defesa de Flávia Arruda

Marianna Holanda

BRASÍLIA O presidente do PL, Valdemar da Costa Neto, divulgou nesta quarta-feira (5) um vídeo para filiados do partido em defesa da ministra Flávia Arruda (Secretaria de Governo). O dirigente diz que ela fez o que pôde, que "dinheiro vai faltar sempre" e que "pessoal fica muito valente" na ausência do presidente Jair Bolsonaro (PL).

A ministra tem sofrido pressão de parlamentares aliados, que a acusam de descumprir acordos e não garantir emendas prometidas em 2021.

"O grande problema que enfrentamos é o seguinte: o pessoal fica muito valente quando o Bolsonaro não está aqui. Bolsonaro estava internado, não seria o momento de nós partirmos para uma discussão pública", afirmou o dirigente.

Quem tornou as críticas contra a ministra públicas foi o líder do Republicanos, Hugo Motta (PB), que Valdemar chamou de "companheiro nosso do centrão".

O dirigente do PL se queixou de que a discussão estaria sendo feita na imprensa, quando deveria ocorrer entre eles, os partidos que integram a base do governo.

"O centrão não quer a saída da Flávia porque eu não vi nenhuma manifestação do Arthur Lira (PP-AL), Ciro Nogueira (Casa Civil), nossa. Pelo contrário, nós queremos que a Flávia continue. Por quê? A Flávia fez o que pôde fazer. Dinheiro vai faltar sempre", afirmou.

Valdemar encerra o vídeo dizendo esperar que "o pessoal perca um pouco a valentia" com a volta do presidente a Brasília. Bolsonaro estava internado em São Paulo, por uma obstrução no intestino, mas recebeu alta nesta quarta.

Ainda que as críticas a Flávia venham acontecendo desde a semana passada, o gesto do presidente do PL ocorreu depois de o chefe do Executivo defender sua ministra da Secretaria de Governo.

A ministra Flávia Arruda, da Secretaria de Governo, no Palácio do Planalto Pedro Ladeira-22.jul.21/Folhapress

> O grande problema que enfrentamos é o seguinte: o pessoal fica muito valente quando o Bolsonaro não está aqui. Bolsonaro estava internado, não seria o momento de nós partirmos para uma discussão pública
>
> **Valdemar da Costa Neto**
> presidente do PL

Bolsonaro disse, em entrevista coletiva em São Paulo, que desconhece onde a ministra teria errado e que ela não seria demitida pela imprensa.

"Onde a Flávia Arruda está errando? Desconheço onde esteja errado. Se porventura estiver errando, como já aconteceu, acontece, né, eu chamo e converso com ela. Ela não será demitida jamais pela imprensa", afirmou.

O presidente disse ainda que não recebeu ligações com queixas a respeito da ministra e que "ninguém pede a cabeça de ministro como acontecia no passado".

Interlocutores de Flávia a defendem e dizem que os recursos não foram liberados pelo Ministério da Economia.

Aliados da ministra também argumentam que as insatisfações são esperadas num contexto em que não há espaço no Orçamento para atender todas as demandas. Ela recebeu a solidariedade de colegas da Esplanada por mensagens de WhatsApp.

mundo

EUA apostam em caminhão de areia e processos contra nova insurreição

País puniu mais de 700 pessoas por ataque à democracia, e Congresso tenta chegar em Trump

Rafael Balago

WASHINGTON Um ano depois de uma multidão invadir o Congresso tentando cancelar o resultado da eleição, o governo americano puniu mais de 700 participantes do ataque e reforçou a segurança do Capitólio até com caminhões de areia, mas ainda busca meios de responsabilizar autoridades envolvidas na ação.

A investigação envolve diversos órgãos federais, mas o trabalho mais ruidoso é feito em paralelo, por uma comissão do Parlamento. O grupo, que reúne democratas e republicanos, tem convocado pessoas próximas a Donald Trump para apurar a responsabilidade do ex-presidente e de figuras de sua administração na invasão, que terminou com cinco mortos.

Entre elas estão Steve Bannon, ex-estrategista de Trump, e Mark Meadows, ex-chefe de gabinete da Casa Branca. O primeiro se recusou a depor e chegou a ser preso e processado por isso; o segundo também se negou a comparecer inicialmente, mas mudou de ideia e entregou registros de mensagens trocadas com várias pessoas no dia 6 de janeiro de 2021, cujo conteúdo vem sendo relevado aos poucos.

Na terça (4), por exemplo, vieram a público conversas de Meadows com Sean Hannity, apresentador da Fox News e confidente de Trump. As mensagens sugerem que o âncora estava ciente dos planos do então presidente —e preocupado com eles. "Eu NÃO vejo o 6 de Janeiro acontecendo do modo que falaram para ele", escreveu Hannity ao chefe de gabinete da Presidência.

Na prática, a agressão à democracia de um ano atrás foi uma tentativa de Trump e apoiadores de mudar à força o resultado da eleição. O republicano havia perdido a reeleição para Joe Biden, em novembro de 2020, mas se recusou a assumir a derrota, alegando uma suposta fraude, nunca comprovada.

No dia da certificação do pleito, a estratégia era convencer parlamentares a invalidar parte dos resultados. O então presidente considerou que poderia reverter a derrota caso conseguisse que congressistas mudassem os números de alguns locais —manobra inviável na Câmara— e pressionou seu vice, Mike Pence, que comandaria a sessão, a recusar dados enviados pelos estados (o que ele se negou a fazer).

No dia 6, Trump fez um comício para questionar o resultado do voto popular e exortou apoiadores a lutar, sem pedir explicitamente que invadissem o Congresso. Em seguida, recolheu-se e permaneceu quieto durante a invasão, por mais de duas horas, apesar de apelos para que fizesse algo.

Mensagens de Meadows já divulgadas mostraram que vários aliados foram ignorados. "Ele [Trump] tem de condenar essa merda rapidamente", escreveu Donald Trump Jr., filho do então presidente, para o então chefe de gabinete, que respondeu: "Estou pressionando firme. Concordo". Trump Jr. insistiu: "Precisamos de um discurso no Salão Oval. Ele tem que tomar a frente agora. Isso foi longe demais e saiu do controle".

Os registros poderão ser usados como provas de que o republicano tinha pleno conhecimento de que o Congresso estava sob ataque e deliberadamente decidiu não agir. Se ficar provado que ele e outras autoridades tiveram papel ativo em planejar a invasão ou foram negligentes, poderão ser processados na esfera criminal por tentar impedir ou corromper um procedimento oficial do Congresso —a certificação dos votos—, crime previsto no código de leis federais com pena que pode chegar a 20 anos de prisão.

Trump foi alvo de um processo de impeachment dias após a invasão e considerado culpado pela Câmara, mas inocentado pelo Senado, que tinha maioria republicana. A decisão não impede novas ações.

Assim, os próximos meses terão uma série de depoimentos no Parlamento, com alguns transmitidos ao vivo. Ainda neste ano deverá ser elaborado um relatório final, detalhando as informações obtidas e atribuindo responsabilizações. Se os desgastes da gestão Biden colocam em risco a maioria na Câmara e no Senado nas midterms, as eleições de meio de mandato, em novembro, analistas veem as investigações sobre o 6 de Janeiro como uma pedra no sapato para republicanos.

"Isso foi consequência de inação, porque o ataque foi orquestrado por uma rede de ultranacionalistas supremacistas brancos e milícias violentos, às quais falhamos em investigar e processar por muitos anos. Não podemos falhar de novo", avalia Patrick Gaspard, diretor do think tank Center for American Progress.

À parte do Congresso, o FBI, a polícia federal americana, tem feito um amplo trabalho para identificar e prender pessoas que participaram da invasão de fato. De acordo com dados do Departamento de Justiça, até 30 de dezembro cerca de 725 réus foram presos.

Na parte de segurança física, a polícia do Capitólio reviu procedimentos, ganhou reforços e passou a trocar mais informações com outros órgãos do governo, inclusive de inteligência, para receber alertas sobre possíveis ameaças.

Em 18 de setembro houve uma amostra do resultado desse trabalho. Uma grande estrutura de proteção foi mobilizada para um protesto que pedia penas mais brandas aos invasores do Congresso. Houve reforço no número de agentes, barreiras ao redor do Congresso e o uso de caminhões basculantes, com areia na caçamba, como uma proteção móvel.

Os veículos são adotados há anos para a formação de barreiras de segurança no país. Eles garantem proteção contra ataques feitos com carros, dificultam a circulação de pessoas e podem ser movidos rapidamente, conforme a necessidade.

Nesta quinta (6), primeiro aniversário da invasão do Capitólio, o FBI disse não ter informações concretas sobre possíveis ameaças, mas informou que haverá um reforço do alerta para as forças de segurança na capital. Ao longo do dia, serão realizados eventos dentro e fora do Capitólio para lembrar a invasão. Entre eles, um discurso de Biden —que, segundo sua porta-voz, vai destacar "a singular responsabilidade de Trump pelo caos e carnificina" vistos.

Dois brasileiros foram indiciados por invadir Capitólio

Ao menos dois brasileiros estiveram envolvidos na invasão do Congresso americano. O pastor Eliel Rosa, radicado no Texas, esteve dentro do Capitólio por cerca de 8 minutos na ocasião. Ele chegou a ser preso após se entregar ao FBI e acabou condenado a 12 meses de pena condicional, sem precisar ficar na cadeia. Contatado pela **Folha** por email, Rosa não quis dar entrevista. Já Samuel Camargo também foi preso e indiciado por participar da invasão. O caso dele ainda não foi julgado, e ele espera a sentença em liberdade. Filho de pais brasileiros, Camargo nasceu em Boston e morava na Flórida quando foi detido.

Apoiadores de Donald Trump se preparam para invadir o Capitólio no dia da certificação da vitória de Joe Biden Stephanie Keith - 6.jan.21/Reuters

Um novo assalto ao voto nos EUA

Democratas precisam afiar sua comunicação para proteger esse direito

Lúcia Guimarães

Jornalista e vive em Nova York desde 1985. Foi correspondente da TV Globo, da TV Cultura e do canal GNT, além de colunista dos jornais O Estado de S. Paulo e O Globo

No primeiro aniversário do dia mais infame da história moderna americana, uma luta política urgente sofre com o curto espectro de atenção do eleitor. É uma luta em defesa de todos os democratas com "d" minúsculo —não os filiados ao partido do presidente Joe Biden, mas os que acreditam na santidade do voto popular.

Mais de meio século depois da aprovação do Ato de Direito ao Voto, no governo Lyndon Johnson, os EUA se destacam entre as democracias desenvolvidas por um sistema eleitoral arcaico, dependente dos ventos políticos de cada estado e marcado pela ferida racial.

Mal passou o susto com a tentativa fracassada de golpe na invasão do Capitólio, os Legislativos estaduais controlados por republicanos se lançaram com gana ao projeto de dificultar o acesso ao voto.

A explicação óbvia não causa qualquer embaraço ao partido de Abraham Lincoln: o destino da atual direita nos EUA é encolher nas urnas porque sua agenda não reflete mais os interesses da maioria da população. Então, decidir quem vota, como vota e como o voto é contado é hoje a batalha fundamental da democracia constitucional americana.

Mas é também uma luta prejudicada por branding. Quando o líder do senado Chuck Schumer anuncia dramaticamente que há urgência em passar leis de "direito ao voto", ele se refere a uma luta de múltiplos fronts. Teoricamente, todo cidadão americano de mais de 18 anos pode se registrar para votar. Mas, quanto menos branca se torna a população americana, mais o Partido Republicano cria obstáculos para as minorias exercerem seu direito.

Schumer diz que o feriado que comemora Martin Luther King, no próximo dia 17, é o limite para derrubar a manobra conhecida como filibuster, uma herança da segregação racial. O mecanismo determina que as leis só vão a votação no Senado se tiverem o apoio de 60 dos 100 senadores, uma supermaioria cada vez mais rara em Washington.

Para passar leis de direito ao voto, Schumer precisaria mais do que convencer republicanos. Dois dos 50 senadores democratas não querem ouvir falar de derrubar o filibuster, e seus votos —somados ao de desempate da vice-presidente Kamala Harris— são o único caminho para aprovar uma série de leis para frear o recuo visto nos estados em 2021.

Os democratas querem passar leis protegendo o voto por correio, garantir prazos para voto antecipado. Outra prioridade é reverter uma decisão da Suprema Corte, de 2013, que tomou o papel fiscalizador do governo federal sobre a realização de eleições em estados e municípios —e que representa o maior retrocesso no direito ao voto desde 1965.

Os republicanos têm sido historicamente mais ágeis no marketing de sua agenda retrógrada. O combate ao aborto legalizado, que a maioria da população apoia, é promovido pelo partido no bolso do lobby das armas de fogo como "direito à vida." O combate aos sindicatos é a luta pelo "direito de trabalhar".

Os democratas precisam afiar a sua comunicação para proteger o voto popular, antes que a direita tenha sucesso em fazer um novo 6 de Janeiro sem quebrar uma só vidraça.

Policiais cazaques numa barricada contra manifestantes em Almati Pavel Mikheyev/Reuters

Cazaquistão pede tropas a Putin para esmagar revolta

Crise grave no 'país do Borat' pode prejudicar ou ajudar o russo na Ucrânia

Igor Gielow

SÃO PAULO O país mais conhecido no Ocidente como sendo a terra de Borat, o repórter ficcional criado pelo humorista britânico Sacha Baron Cohen, vive uma convulsão violenta e inédita que ameaça a estabilidade da Ásia Central e abre uma nova frente de crise para o presidente da Rússia, Vladimir Putin.

Nesta quarta-feira (5), manifestantes atacaram prédios públicos e protestaram nas principais cidades do Cazaquistão, incluindo a maior delas, Almati, e a capital, Nursultan. A residência oficial do presidente do país, Kassim-Jomar Tokaiev, foi invadida e, depois, desocupada.

Relatos falam em ao menos oito mortos nos protestos, além de centenas de feridos.

O país está em emergência, e Tokaiev foi à TV anunciar que pediu assistência militar à Organização do Tratado de Segurança Coletiva. Liderada pela Rússia, a entidade vai enviar tropas, provavelmente do Kremlin e da Belarus.

O movimento abre uma segunda frente potencial de problemas para Putin, às vésperas da negociação acerca da crise na Ucrânia, mas também a oportunidade de ampliar seu poder nas antigas periferias soviéticas se solucionar a questão rapidamente, ganhando musculatura política.

O primeiro-ministro cazaque e seu gabinete renunciaram.

Já Tokaiev afirmou que pretendia "agir da forma mais dura possível" e mandou cortar a internet e a telefonia celular em todo o país, jogando a nação num limbo virtual.

Isso atingiu as criptomoedas que dependem da mineração, a aplicação de computadores solucionando cálculos.

Após a China reprimir a atividade no ano passado, o Cazaquistão emergiu como o segundo maior minerador, com 18% do mercado. O corte fez cair em 13,4% a velocidade do processo, afetando preços.

A queixa nas ruas reais é contra o preço dos combustíveis, mas a onda saiu de controle —espécie de releitura do "não são só R$ 0,20" das manifestações de 2013 no Brasil.

Nada se sabe de lideranças, aumentando conspirações ao gosto do cliente: seria ação estrangeira contra Putin ou russa para fortalecê-lo?

O governo confirmou que manifestantes, a quem obviamente já chama de terroristas, tomaram o aeroporto de Almati e cinco aviões que lá estavam estacionados.

Os atos começaram no domingo (2), na região de Mangistau, onde o GLP (gás liquefeito de petróleo) é o principal combustível de veículos.

O estopim foi a decisão do governo de liberar os preços deste do GLP no começo do ano, pegando no contrapé os motoristas que haviam convertido seus carros para rodar com o combustível devido a seu baixo custo em relação à gasolina e ao diesel.

Tokaiev disse que reverteria a medida, embora pareça tarde. Aí que o problema transborda as fronteiras do país, que, com um território equivalente a um terço do brasileiro, domina a Ásia Central.

A primeira mesa em que o abacaxi pousou foi de Putin. Ele enfrentará uma nova crise, mas, se repetir o que fez recentemente, pode auferir ganhos. Em 2020, ele foi ao socorro do governo aliado de outra nação ex-soviética da região, o remoto Quirguistão, que enfrentou protestos. Fez o mesmo em relação à mais importante Belarus, e mediou um frágil acordo de paz que encerrou a guerra entre Armênia e Azerbaijão.

Por fim, enfrentou um governo pró-Ocidente na Moldova, onde tem interesses e tropas em um território autônomo vizinho, a Transnístria.

Olhando no mapa, todos esses são pontos de transição entre fronteiras russas e os adversários, que antes eram parte do controle de Moscou, obsessão estratégica de Putin.

O autocrata é um aliado recente e visto como marionete do ditador Nursultan Nazarbaiev, que comandou o Cazaquistão por quase 30 anos.

Em 2019, após protestos, o ditador passou o cargo para o protegido, mas manteve um posto de "pai da nação".

Algo mudou agora. Tokaiev o substituiu como chefe do influente Conselho de Segurança, indicando perda de poder do político de 81 anos.

A relação de Putin com a nação centro-asiática de 19 milhões de habitantes não é de todo rósea. Em 2014, o presidente sugeriu que o país existia por um "presente do povo russo". Moscou tem lá sua principal base de lançamento de foguetes espaciais.

E há a questão chinesa. O gigante a leste é a maior potência econômica regional e fez movimentos de expansão rumo ao Cazaquistão.

O governo equilibrou-se entre ambas as potências e ainda cortejando os Estados Unidos, rivais de ambas.

Empresas americanas são líderes entre estrangeiros na exploração do subsolo rico em petróleo e gás do país, responsáveis por 30% da extração em 2019 —ante 17% de firmas chinesas e só 3% de russas.

Mas o fluxo de comércio com os americanos ainda é incomparável, dez vezes menor do que os com russos e americanos (US$ 20 bilhões).

Sob a ótica chinesa, a instabilidade é indesejada por outro motivo. O Cazaquistão faz fronteira a leste com a região de maioria muçulmana de Xinjiang, onde os chineses são acusados de genocídio pelos Estados Unidos.

Aqui, o jogo diplomático fica evidente. O governo cazaque não aceita as acusações ocidentais, mas também não assina cartas de apoio à China como faz a Rússia. Também critica as sanções contra Putin pela anexação da Crimeia em 2014, mas não reconhece o território como russo.

"Tokaiev é a encarnação desse curso de ação: ele é um sinólogo que estudou no prestigioso MGIMO [o Instituto Rio Branco da Rússia] e forjou sua carreira diplomática na ONU", escreveu o analista uzbeque Temur Umarov, do Centro Carnegie de Moscou.

Como em todas as crises no antigo espaço soviético, haverá fatores de influência externa sendo ponderados por Moscou. Mas também a realidade: a inflação está em 9%. E a internet aumentou o drible à imprensa estatal.

Para o resto do mundo, a instabilidade poderá ter algum efeito na já complexa composição dos preços de petróleo (o país tem a 15ª reserva do planeta) e do gás (12ª reserva), mas a implicação principal agora é geopolítica.

Com a atabalhoada retirada de tropas americanas do Afeganistão, em agosto do ano passado, a Ásia Central vive incerteza com o influxo eventual de extremistas islâmicos pela região.

Mesmo antes do pedido de Tokaiev, nem Putin nem Xi Jinping, em aproximação para enfrentar o Ocidente, deixariam a situação explodir. Eles fizeram dobradinha no caso afegão, mas a ação caberá ao russo por se tratar de um assunto em sua esfera presumida de ação.

Tenho muita vontade de irritar os não vacinados, diz Macron

BAURU (SP) O presidente Emmanuel Macron causou polêmica na França —e furor entre opositores— ao defender, de forma bastante enfática e pouco usual entre líderes de Estado, a imposição de restrições a pessoas não vacinadas contra a Covid-19.

"Eu não quero irritar os franceses. Reclamo o dia todo quando o governo os atrapalha. Mas os não vacinados, esses eu tenho muita vontade de irritar", disse o líder francês em entrevista ao jornal Le Parisien publicada na terça (4).

Macron usou o verbo "emmerder" em francês, um registro coloquial da língua que pode ser considerado, a depender do contexto, um palavrão.

Na entrevista, o presidente respondia a perguntas enviadas por leitores do jornal, e a resposta controversa foi dada a uma enfermeira que o questionou sobre pessoas imunizadas contra o coronavírus que enfrentam o adiamento de cirurgias porque hospitais estão ocupados com o atendimento a pacientes com Covid que escolheram não se vacinar.

Para Macron, os que se opõem à vacina cometem uma "imensa falta moral". "Eles estão minando o que é a solidez de uma nação. Quando a minha liberdade ameaça a dos outros, eu me torno um irresponsável. Um irresponsável não é mais um cidadão", disse o presidente.

A França registrou 271.746 novos casos de Covid nesta terça, e o que já era a maior marca desde o início da pandemia foi quebrada nesta quarta (5), com 332.252 infecções. Os números altos para os padrões franceses podem ser resultado de um represamento de dados decorrente dos feriados de fim de ano.

Mas a média móvel —recurso que considera os números dos últimos sete dias e, portanto, apresenta um cenário estatístico mais próximo da realidade— também vem batendo recordes consecutivos desde 26 de dezembro. Atualmente, o índice supera 180,5 mil casos de Covid por dia, segundo dados do portal Our World in Data, ligado à Universidade de Oxford.

A média de mortes —196,7 nesta terça— segue bem abaixo dos picos registrados em abril e em novembro de 2020, mas também cresce desde o fim do ano passado. Observa-se o mesmo comportamento na curva de pacientes hospitalizados com Covid-19: atualmente são 20.186, número que representa um salto de 199,7% em dois meses.

Casos e mortes por Covid-19 na França

Fonte: Our World in Data

Pouco mais de 73% dos franceses estão com o esquema vacinal completo —índice relativamente alto para o país, que abriga um forte movimento de resistência às vacinas.

Isso significa que a parcela da população que Macron disse ter "muita vontade de irritar" é composta por aproximadamente um quarto do país —porcentagem significativa em termos políticos, ainda mais considerando que os franceses irão às urnas para escolher seu presidente em abril.

A fala do atual mandatário francês teve repercussões políticas imediatas. O debate sobre o projeto de lei que prevê a exigência do comprovante de vacinação para o acesso a locais públicos estava agendado para esta quarta, mas foi cancelado pelo Parlamento.

"Um presidente não pode dizer essas coisas", disse o líder da oposição, Christian Jacob, do partido Republicanos, de direita. "Sou a favor do passaporte de vacina, mas não posso apoiar um texto cujo objetivo é 'irritar' os franceses."

A ultradireitista Marine Le Pen também não poupou críticas ao adversário e aproveitou para defender sua candidatura à Presidência. "Os insultos aos franceses não vacinados demonstram que Emmanuel Macron irá sempre mais longe no seu desprezo e nas suas medidas liberticidas. Eu devolverei aos franceses suas liberdades", escreveu a deputada no Twitter.

Para Eric Zemmour, também da ultradireita, Macron foi cínico e cruel em seu posicionamento. "Esta não é apenas a afirmação cínica de um político que deseja existir na campanha presidencial. É a crueldade admitida e aceita que desfila diante dos desprezados franceses", afirmou.

No campo da esquerda, Macron também foi alvo de críticas. Anne Hidalgo, prefeita de Paris e candidata à Presidência pelo Partido Socialista, republicou uma notícia sobre a fala do mandatário, questionando com ironia seu declarado intuito de "unir os franceses".

O esquerdista Jean-Luc Mélenchon disse que as palavras de Macron foram uma "confissão" de que o passe vacinal seria "uma punição coletiva contra a liberdade individual".

Com AFP e Reuters

Big techs têm governança ineficaz

Cibersegurança fraca e desinformação erodem credibilidade dos governos

Ian Bremmer

Fundador e presidente do Eurasia Group, consultoria de risco político dos EUA, e colunista da revista Time

Em 2022, as tecnologias que já estão transformando nossas vidas, sob muitos aspectos para melhor, vão expor novas vulnerabilidades em nossas sociedades.

Algoritmos criados com dados enviesados tomarão decisões destrutivas que afetarão o modo como bilhões de pessoas vivem e trabalham. Turbas online incitarão a violência. Má informação movimentará bolsas de valores. Teorias conspiratórias distorcerão as opiniões de milhões de pessoas. Hackers roubarão informações a nosso respeito. Todas essas ameaças crescerão no espaço digital, onde as regras são definidas pelas maiores empresas de tecnologia do mundo, não por governos.

É uma situação nova. Há quase quatro séculos, Estados-nações traçam os limites e implementam as regras que regem nossas sociedades e nossa vida. Hoje, porém, as maiores firmas de tecnologia do mundo estão projetando, construindo e gerindo uma dimensão inteiramente nova de geopolítica, economia e interação social. Estão escrevendo os algoritmos que decidem o que as pessoas veem e ouvem, determinam nossas oportunidades e influenciam o modo como pensamos.

Cada vez mais, partes importantes de nossa vida diária e até mesmo algumas funções essenciais do Estado funcionam no mundo digital, e o futuro está sendo moldado por empresas de tecnologia que não estão dispostas e não são capazes de governar a sociedade efetivamente.

Os governos estão tentando opor resistência. Em 2022, a União Europeia vai aprovar novas leis que impõem limites a algumas práticas comerciais das big techs. Reguladores dos EUA vão avançar com ações judiciais antitruste e iniciarão o processo demorado e contencioso de redigir novas regras de privacidade digital. A China vai continuar a pressionar suas empresas de tecnologia para que se alinhem às prioridades nacionais determinadas pelo Estado. Outros governos vão restringir os tipos de dados que podem atravessar fronteiras.

Mas essas são táticas regulatórias, não estratégias, e nenhum governo no futuro próximo vai desafiar os lucros e a influência das big techs. E políticos não vão limitar a capacidade das maiores plataformas de investir lucros na esfera digital em que essas plataformas, não os governos, ainda são os principais arquitetos, atores e executores.

Já falta liderança global no mundo de hoje. Não existe nenhum governo único ou aliança durável de governos que esteja disposta e seja capaz de administrar o número crescente de problemas globais que já temos —resposta à pandemia, mudança climática, resolução de conflitos e assistência coordenada aos migrantes e refugiados do mundo. Mas o espaço digital é ainda mais mal governado.

Os gigantes da tecnologia são como países em desenvolvimento que não possuem instituições governantes que correspondam a seu poder político. As big techs não possuem a capacidade ou a disposição de governar os novos espaços e que estão criando.

A governança ineficaz desses gigantes vai impor custos à sociedade e às empresas. A desinformação vai se agravar antes das eleições parlamentares de 2022 nos EUA, enfraquecendo ainda mais a confiança dos americanos no processo democrático.

Sem países —ou empresas— capazes de desenhar soluções para os problemas globais, a credibilidade dos governos será erodida, desgastando mais ainda o contrato social. Este é o mundo tecnopolar de hoje.

Tradução de Clara Allain

DEPUTADA INDEPENDENTE É ELEITA PRESIDENTE DA CONSTITUINTE DO CHILE
Após dois dias de sessão e nove turnos de votação, a epidemiologista María Elisa Quinteros (à esq.) foi escolhida para chefiar a Assembleia Constituinte chilena; "Esperamos poder conduzir esse processo com sabedoria", disse Quinteros, que substituirá no cargo a linguista mapuche Elisa Loncon (ao centro) Javier Torres/AFP

Brasil paga metade da dívida com órgãos e garante voto na ONU

Repasses de R$ 3,64 bi foram possíveis após remanejamento de recursos; país assume assento no Conselho de Segurança

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O Ministério da Economia conseguiu quitar metade das dívidas acumuladas pelo governo brasileiro com organismos internacionais, graças a um remanejamento de recursos feito no apagar das luzes de 2021.

Os pagamentos, que totalizam R$ 3,64 bilhões, se deram dias antes de o Brasil assumir um assento como membro não permanente no Conselho de Segurança da ONU, no sábado (1º) —a cerimônia de posse foi nesta terça-feira (4). A ONU era um dos organismos em que o Brasil corria o risco de perder o direito a voto devido aos débitos.

A falta de pagamento já constrangeu o país e arranhou sua imagem no exterior. Antes do repasse, a dívida acumulada era da ordem de R$ 7,8 bilhões, de acordo com fontes da área econômica.

Nesta terça, o Ministério das Relações Exteriores enviou ofício à Economia para agradecer o "pronto desembolso" dos recursos. "Os pagamentos efetuados na última semana de 2021 evitaram perda de voto em diversos organismos internacionais, de que é exemplo mais notório a Organização das Nações Unidas, em cujo Conselho de Segurança o Brasil acaba de voltar a ocupar assento", diz o documento, assinado pelo secretário-geral substituto, Paulino Franco de Carvalho Neto, e obtido pela Folha.

"O país também manterá sua plena atuação na Organização Mundial do Comércio, na Organização Internacional do Trabalho e na Organização para a Proibição das Armas Químicas, entre outros."

> Os pagamentos efetuados na última semana de 2021 evitaram perda de voto em diversos organismos internacionais, de que é exemplo mais notório a ONU
>
> **Paulino Franco de Carvalho Neto**
> secretário-geral substituto do Itamaraty, em ofício obtido pela Folha

O dinheiro foi liberado por meio de uma portaria da Secretaria Especial de Tesouro e Orçamento do Ministério da Economia, publicada em edição extra do Diário Oficial da União em 31 de dezembro.

Apenas à ONU o governo pagou R$ 394,8 milhões. Outros R$ 2,7 bilhões foram para a integralização de cotas em instituições como o NDB (Novo Banco de Desenvolvimento, conhecido como banco do Brics), presidido por um brasileiro, o ex-secretário de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais Marcos Troyjo.

Também houve repasses ao Tribunal Penal Internacional, ao Mercosul e à Organização dos Estados Americanos. O espaço para o remanejamento de gastos foi apontado pelo Ministério da Economia em um relatório extemporâneo de avaliação de receitas e despesas do Orçamento, publicado em 20 de dezembro. O documento indicou a possibilidade de elevar despesas discricionárias em R$ 4,4 bilhões.

Técnicos explicaram à Folha que o espaço fiscal surgiu porque o governo recebeu autorização do Congresso para bancar despesas retroativas do auxílio emergencial pago a famílias chefiadas por pais solteiros com recursos de crédito extraordinário. Esse tipo de valor fica fora do teto de gastos —regra que limita o avanço das despesas.

Assim, R$ 3,74 bilhões que sobraram do Bolsa Família —benefício que deixou de ser pago a algumas famílias em boa parte de 2021 para ser substituído pelo auxílio emergencial— puderam ser direcionados a outras despesas, entre as quais as contribuições a organismos internacionais.

Apesar do alívio, a situação das dívidas com organismos internacionais ainda preocupa, pois nem todo o passivo foi regularizado. No ofício enviado à Economia, o Itamaraty alerta, por exemplo, que a variação na cotação de moedas estrangeiras inviabilizou o pagamento integral de dívidas com a AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica) e com a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura).

Apesar de quitar parte das pendências, há ainda dívidas remanescentes com instituições como o NDB. Nesses organismos, portanto, o Brasil ainda está sob ameaça de perder o direito a voto.

Procurado, o Ministério da Economia afirmou, por meio da Secretaria de Assuntos Internacionais, que não poderia detalhar os dados. "Em vista do término da execução orçamentária referente a pagamentos a organismos internacionais ter-se dado em 31 de dezembro de 2021, os dados solicitados ainda não foram processados", diz a nota. Segundo a pasta, o país espera confirmação de recebimento dos repasses por parte dos órgãos internacionais. A expectativa é divulgar as informações a partir de 10 de janeiro.

O Itamaraty não respondeu até a tarde desta quarta (5).

Papa critica quem decide não ter filhos, mas pets como cães e gatos

CIDADE DO VATICANO | AFP Na primeira audiência geral do ano, no Vaticano, nesta quarta-feira (5), o papa Francisco criticou quem não quer ter filhos, o que na visão dele seria uma forma de egoísmo, e lamentou que animais domésticos "ocupem esse lugar".

"Hoje vemos uma forma de egoísmo. Alguns não querem ter filhos. Às vezes têm um e param por aí, mas têm cães e gatos que ocupam esse lugar", afirmou. "Isso pode fazer as pessoas rirem, mas é a realidade."

Francisco pediu às instituições que facilitem os processos de adoção, para tornar realidade o sonho de crianças que precisam de uma família e o dos casais que desejam acolhê-las. "A negação da paternidade e da maternidade nos diminui, tira nossa humanidade, a civilização envelhece".

O pontífice ainda voltou a criticar o chamado "inverno demográfico" e a "dramática queda na taxa de natalidade" registrada em muitos países ocidentais, convidando as pessoas a terem filhos ou a adotá-los.

No Brasil, onde 65% da população se declara católica, a taxa de fecundidade vem caindo. Segundo o Banco Mundial, o índice em 2019 estava em 1,72 filhos por mulher, enquanto 20 anos antes era de 2,36. Pesquisa do IBGE feita também em 2019 apontou que quase metade dos domicílios do país tem ao menos um cachorro e 20%, no mínimo um gato.

"Ter um filho é sempre um risco, seja natural ou adotado. Mas mais arriscado é não ter. Mais arriscado é negar a paternidade, negar a maternidade, seja ela real ou espiritual", insistiu.

Em 2015, Francisco já havia dito que "uma sociedade com uma geração gananciosa, que não quer se cercar de crianças, que as considera fonte de preocupação, um peso, um risco, é uma sociedade deprimida".

No último dia 1º, em sua mensagem de ano-novo, o papa voltou a citar a fertilidade. Dessa vez, porém, para condenar a violência contra as mulheres, o que chamou de insulto a Deus.

Na ocasião, Francisco disse que são as mulheres "que mantêm os fios da vida". "Visto que as mães dão vida e as mulheres mantêm o mundo [unido], vamos fazer mais esforço para promover as mães e proteger as mulheres", pregou.

mercado

Servidores da Receita ameaçam ir à Justiça para deixar cargos de chefia

Entrega conjunta de postos ainda depende de liberação de membros superiores do órgão

Thiago Resende

BRASÍLIA A fim de driblar eventual pressão política contra a debandada na Receita Federal, servidores do órgão avaliam até acionar a Justiça e pedir a exoneração de cargos de chefia que estiveram sendo barrados por falta de aval dos superiores.

A entrega conjunta de cargos comissionados começou no fim de dezembro, mas ainda precisa ser aprovada por membros do alto escalão da Receita e publicada no DOU (Diário Oficial da União).

A expectativa é que isso comece a ser efetivado na próxima semana. Já são mais de 1.200 auditores e 300 analistas que entregaram os cargos.

Até mesmo a debandada no Carf (Conselho Administrativo de Recursos Fiscais), vinculado ao Ministério da Economia, ainda precisa ser efetivada, pois não foi autorizada por ato formal no DOU.

Um grupo de 63 conselheiros do órgão pretende deixar o conselho ainda em janeiro, o que pode atrasar a retomada dos julgamentos de disputas tributárias entre União e contribuintes.

A entrega de cargos de chefia pode atrapalhar a prestação de serviços públicos, como a solução de problemas em declarações de impostos e até mesmo a entrada e a saída de produtos no comércio internacional.

Ao longo desta semana e até o início da próxima, estão previstas assembleias em sindicatos regionais de auditores e de analistas da Receita.

Os encontros são para decidir a adesão à paralisação geral do funcionalismo federal em 18 de janeiro, além de aprovar a adoção de operação-padrão em alguns setores.

Desde o fim do ano passado, por exemplo, auditores lotados na alfândega do porto de Santos, no litoral paulista, já trabalham em operação-padrão.

A medida significa que a análise, a seleção e a distribuição das declarações de importação são feitas de modo mais criterioso, o que tem potencial de atrasar o fluxo do comércio exterior do país.

Até o momento, líderes do movimento sindical da Receita receberam apenas relatos pontuais de efeito da redução na execução de atividades. Há informações, por exemplo, de fila de caminhões na fronteira entre Brasil e Venezuela.

No entanto, a expectativa é que o movimento grevista cresça até a próxima semana, quando o impacto da mobilização sindical deverá ficar mais claro.

Espera-se que nesse mesmo período comece a publicação da exoneração de servidores que hoje ocupam cargos de chefia.

"O acordo é que, se um colega deixar um cargo, o outro não vai assumir", disse George Alex Lima de Souza, presidente da direção do Sindifisco Nacional (Sindicato Nacional dos Auditores-Fiscais da Receita) em Brasília.

Segundo ele, a entrega de cargos é um processo burocrático e muitas vezes depende da vontade dos chefes hierarquicamente superiores.

"Se isso não evoluir, vamos ter de tomar outras providências para garantir a exoneração nas próximas semanas, inclusive considerando a judicialização", afirmou Souza.

O movimento grevista por reajuste salarial foi deflagrado após o lobby de policiais federais surtir efeito e as corporações receberem a promessa do presidente Jair Bolsonaro (PL) de que haverá recursos para aumentos salariais em 2022.

Essas categorias fazem parte da base eleitoral do presidente. Neste ano, ele tentará a reeleição na disputa pelo Palácio do Planalto.

Apenas Polícia Federal, PRF (Polícia Rodoviária Federal) e Depen (Departamento Penitenciário Nacional), além de agentes comunitários de saúde, obtiveram promessa de reajuste dentro do funcionalismo federal.

O Orçamento prevê R$ 1,7 bilhão para o reajuste, mas não há no texto uma previsão de uso dessa verba exclusivamente para as carreiras policiais. Por isso, diversos sindicatos de servidores se mobilizam para conseguir abocanhar parte dos recursos.

O tratamento diferenciado para policiais desencadeou uma debandada nos cargos de chefia da Receita e do Banco Central — uma forma de pressionar o governo a conceder o aumento salarial para mais categorias.

No caso da Receita, além do reajuste, há demanda para que seja cumprido um acordo de 2016 de regulamentação de bônus para servidores. Hoje, esse bônus tem um valor fixo, podendo chegar a R$ 3.000 a depender da carreira.

Os servidores querem que o bônus seja variável e calculado de acordo com o desempenho geral do órgão, podendo assim ultrapassar o teto atual. O custo dessa medida é estimado em cerca de R$ 500 milhões por ano.

"Estamos com assembleias até o fim da semana por todo o Brasil, e nossa orientação é para abrir um estado permanente de mobilização, com operação-padrão e entrega de cargos", disse Geraldo de Oliveira Seixas, presidente do Sindireceita (Sindicato Nacional dos Analistas Tributários da Receita).

O movimento tem crescido. O sindicato que representa os auditores fiscais do trabalho — o Sinait — registra nesta semana a entrega de mais da metade dos cargos de chefia e coordenação.

Os auditores do trabalho reivindicam a regulamentação de bônus de eficiência, previsto em lei há cerca de cinco anos, e protestam contra o que entendem ser um tratamento desigual à categoria.

Colaborou Fábio Pupo

Entenda a mobilização dos servidores federais

Qual o motivo da insatisfação? Os servidores querem reajuste salarial não só para policiais federais

Como está a movimentação por uma greve do serviço público? Fonacate (Fórum Nacional Permanente de Carreiras Típicas de Estado) e Fonasefe (Fórum das Entidades dos Servidores Públicos Federais) discutem paralisação em janeiro e uma greve geral a partir de fevereiro

Quais categorias ameaçam parar? CGU (Controladoria-Geral da União), diplomatas, analista de comércio exterior, Tesouro Nacional, Receita Federal, auditores do trabalho, entre outras, como servidores da saúde, Previdência Social e assistência social

O presidente Jair Bolsonaro e o ministro da Economia, Paulo Guedes, durante evento em Brasília em dezembro Adriano Machado - 7.dez.21/Reuters

Entrega de postos no funcionalismo chega a auditores do trabalho

Fábio Pupo

BRASÍLIA Após movimentos similares de servidores da Receita Federal e do Banco Central, o sindicato que representa os auditores fiscais do trabalho (Sinait) registra nesta semana a entrega de mais da metade dos cargos de chefia e coordenação.

Essa é mais uma manifestação de protesto do funcionalismo público deflagrada após a intenção sinalizada pelo presidente Jair Bolsonaro de conceder reajuste salarial a apenas algumas categorias — como policiais federais.

Os auditores do trabalho reivindicam a regulamentação do bônus de eficiência, previsto em lei há cerca de cinco anos, e protestam contra o que entendem ser um tratamento desigual à categoria.

A entrega de cargos dos auditores do trabalho começou após o governo sinalizar recentemente a análise de um pleito semelhante de servidores da Receita Federal.

Insatisfeitos com o privilégio para policiais, sinalizado no fim do ano passado, os auditores da Receita entregaram cargos em massa desde dezembro e pressionam pela regulamentação de seu bônus de eficiência próprio. Em meio ao movimento, Bolsonaro já sinalizou a análise do pleito.

"[Sobre] os R$ 2 bilhões, vai ser decidido para quem é. Pode ser para parte do pessoal da Receita, pode ser para os policiais rodoviários federais, penais, ou para ninguém. Ou dar menos de 1% para todo o mundo. Deixa acalmar aí um pouquinho que a gente toma a melhor decisão", afirmou em dezembro.

O Orçamento prevê R$ 1,7 bilhão para reajustes, mas não há no texto uma limitação de uso dessa verba exclusivamente para carreiras policiais (apesar de o presidente sinalizar essa intenção no governo). A definição sobre o destino do montante, portanto, segue em aberto.

O Sinait (Sindicato Nacional dos Auditores-Fiscais do Trabalho) não concorda com a regulamentação do bônus apenas para a Receita e afirma que levou a membros do Ministério do Trabalho e Previdência na terça (4) a reclamação.

Segundo o vice-presidente da entidade, Carlos Silva, os servidores estão chegando a um limite de indignação com a omissão do governo quanto à regulamentação da parcela.

"A categoria está em estado permanente de mobilização e, caso não avance a regulamentação nos próximos dias, o Sinait endurecerá com outras medidas a serem decididas pela categoria em assembleia nacional", afirmou à Folha. "Não aceitaremos essa discriminação onde uma categoria é atendida e a nossa não", disse.

Segundo ele, até agora foram 154 cargos de chefia e coordenação entregues de 298 ao todo (ou seja, 51% do total). "E esse número vai aumentar, porque continuam chegando as manifestações de protesto."

Ele afirma que não é possível entender por que a minuta de decreto dos auditores do trabalho não está tramitando conjuntamente com a da Receita. "Desde 2017, recebemos o bônus igualitariamente, nunca houve nenhum tipo de diferenciação", afirmou.

Segundo ele, a entrega dos cargos é necessária para que a regulamentação avance e para fazer com que a minuta de decreto, no Ministério da Economia, siga até a Casa Civil para ser publicada de forma conjunta com o decreto relativo à Receita.

A entrega dos cargos de chefia e de coordenação foi decidida em assembleia nacional feita entre 27 e 29 de dezembro, afirma o Sinait, por mais de 95% dos filiados que votaram.

Segundo a entidade, nas últimas semanas de 2021 havia sido costurado um acordo para garantir recursos à regulamentação do bônus dos auditores do trabalho no Orçamento de 2022. Mas a peça foi aprovada sem a inclusão da dotação.

A insatisfação no funcionalismo alcança outras categorias. Representantes da elite do funcionalismo decidiram em dezembro que, para pressionar o governo federal a conceder reajuste salarial generalizado, poderão fazer paralisações de um ou dois dias em janeiro e até mesmo uma greve geral, sem prazo para terminar, a partir de fevereiro.

O Sindifisco (sindicato da categoria) estima que 1.237 auditores em postos de chefia já tenham aberto mão de cargos.

O sindicato que representa os servidores do Banco Central (Sinal) iniciou movimento de entrega de cargos de chefia na autarquia na segunda (3).

Segundo a entidade, a autoridade monetária conta com cerca de 500 posições comissionadas. Em nota, o Sinal afirmou que será elaborada uma lista nos próximos dias com os nomes de quem aderiu.

Servidores da área de planejamento e orçamento do governo federal decidiram em assembleia na segunda-feira (3) aderir ao indicativo de paralisação em janeiro como forma de pressionar o Palácio do Planalto a negociar um reajuste salarial.

Outras carreiras do Executivo federal começaram a se queixar do aumento previsto para policiais. Entre elas estão os funcionários do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), além de peritos médicos e auditores agropecuários.

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Isolamento

O ministro do Turismo, Gilson Machado, defendeu nesta semana que as regras de controle da Covid-19 nos navios de cruzeiros sejam afrouxadas para permitir a retomada das viagens, que foram suspensas devido aos novos casos registrados a bordo. Dentro das companhias que operam as embarcações no litoral brasileiro, no entanto, a sugestão do ministro não parece ser vista como a solução para o problema. Em nove dias, 800 casos foram registrados pela Anvisa.

PAISAGEM Segundo Marco Ferraz, presidente da Clia (associação que representa as empresas), o que se pretende é expandir a aplicação dos testes para identificar o maior número possível de pessoas eventualmente contaminadas e retirá-las do convívio com os outros hóspedes.

HORIZONTE "Queremos continuar com [viajantes] só vacinados e testes em todos. E até amplificar um pouco os testes. Nos últimos roteiros, fizemos, inclusive, 100% de teste adicional no terminal. Os tripulantes, testados a cada dois dias. Justamente porque quem testa encontra. A gente queria encontrar os positivos, isolar e desembarcar", diz o presidente da Clia.

ÂNCORA Na segunda (3), a Clia anunciou a suspensão das operações nos portos brasileiros até 21 de janeiro. A medida foi tomada após o registro de surtos de Covid em embarcações, que levaram a Anvisa a recomendar a parada.

MARÉ O presidente da Clia diz que a paralisação vai servir para rever processos nos portos. Para Ferraz, a investigação feita quando há casos de surto nos navios é o que mais tem demorado. "Podemos trazer informações de forma mais rápida, digital, para eles tomarem as decisões", afirma.

ESPIRRO O nível dos estoques de testes para detectar influenza entrou em situação preocupante, segundo Alexandre Bitencourt, presidente do Sindilab-DF, que reúne empresas da rede privada de análises clínicas no Distrito Federal. Ele diz que a demanda pelos exames explodiu na última semana de dezembro e segue acelerada. Em sua estimativa, os kits para testes de influenza podem acabar em 10 dias.

SOS As pesquisas pela expressão "teste de Covid" na internet alcançaram nesta semana o maior patamar desde maio de 2021, segundo medições do Google Trends. Nos últimos sete dias, as buscas cresceram 70% na comparação com o período anterior. A frase sobre o tema que mais teve procura nas últimas 24 horas foi "testei positivo para covid e agora", com alta de 480%.

FORA DOS TRILHOS O novo aumento dos casos de Covid afeta as linhas de trem na Grã-Bretanha. O Rail Delivery Group, que reúne empresas operadoras de ferrovias, anunciou que as ausências de trabalhadores contaminados pelo coronavírus obrigaram o setor a mudar alguns horários de viagens temporariamente. Segundo a entidade, até 16 de janeiro, todas as operadoras reduzirão seus serviços.

LANCE O Grupo Pão de Açúcar está leiloando diversos bens do hipermercado Extra. São lotes de mais de 21 lojas que encerraram suas atividades no fim de 2021. O pregão, online pelo Sold Leilões do Grupo Superbid, abrange móveis, eletrônicos e frentes de caixa de 13 lojas do Sudeste, quatro no centro-oeste, três no Nordeste, além de unidades em Brasília, Campo Grande (MS) e Curitiba (PR).

ARREMATE O fim da bandeira Extra foi acertado no ano passado, em acordo com o Assaí, grupo de atacarejo do francês Casino, que também é controlador do GPA. Pelo acordo, calculado em até R$ 5,2 bilhões, o GPA vai passar para o Assaí 70 lojas Extra Hiper que serão convertidas para modelos de atacarejo. O leilão dos bens terá encerramento a partir do próximo dia 12.

SACOLA O evento anual do Magalu Liquidação Fantástica, que ocorre nesta semana, vai alcançar seu recorde de vendedores nesta 29ª edição da campanha. Segundo a empresa, a promoção vai reunir 5.000 varejistas, os chamados sellers, neste ano, com oferta de 8 milhões de produtos e promessa de descontos de até 80%, ante 1.465 na última Black Friday, com 5 milhões de itens.

VITRINE A expansão aponta a consolidação do marketplace como principal vetor de crescimento da empresa nos últimos anos e a estratégia de digitalizar pequenos varejistas pelo país. Atualmente, a plataforma do Magalu tem 120 mil vendedores inscritos, segundo a companhia, e elevou de 17 para 26 o número de centros logísticos próprios para atender a aceleração da demanda nos dois anos da pandemia.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

INDICADORES

JUROS

Dez., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

	Mínimo	Máximo
Cheque especial	7,71	8,00
Empréstimo pessoal	4,05	8,3[illegible]

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

Competência dezembro

Autônomo, empregador e facultativo

Valor mín.	R$ 1.100,00	20%	R$ 220,00
Valor máx.	R$ 6.433,57	20%	R$ 1.286,71

O autônomo que presta serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso salarial. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 17.jan

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.100	5%	R$ 55,00

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.100	7,5%
De R$ 1.100,01 a R$ 2.203,48	9%
De R$ 2.203,49 a R$ 3.305,22	12%
De R$ 3.305,23 a R$ 6.433,57	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 20.jan. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Dedução, em R$
Até 1.903,98	isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.296,33	Valor em R$
Empregado	116,66
Empregador	259,26

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vence em 7.jan. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico pode ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Veja as bases para um programa de governo de Sergio Moro

Condição para a reconquista do crescimento é a montagem de um arcabouço fiscal, com reformas que cortem desperdícios e privilégios

PENSAMENTO ECONÔMICO DE SERGIO MORO (PODEMOS)

Affonso Celso Pastore
Sócio-fundador do Centro de Debates de Políticas Públicas e da AC Pastore & Associados, foi presidente do Banco Central do Brasil (1983-1985)

O objetivo do programa de governo é a retomada do crescimento econômico. Porém, o que se deseja é um crescimento que seja, ao mesmo tempo, inclusivo e sustentável.

Inclusivo porque, além do aumento da renda per capita, buscará a eliminação da pobreza extrema e a melhoria da distribuição de renda. Sustentável porque o governo exercerá a sua obrigação de defender o meio ambiente.

Não haverá retomada do crescimento sem um aperfeiçoamento das instituições. A capacidade de crescer é uma função da qualidade das instituições. Esse foi um dos principais erros do atual governo, no qual a política de confronto e de enfraquecimento das instituições impactou a segurança jurídica e a previsibilidade necessárias ao crescimento econômico.

Esse também foi um dos erros do governo do PT. A aposta no capitalismo de compadrio e em um modelo de cooptação de apoio político jamais levaria a um crescimento econômico sustentável. Escolhas políticas erradas aliadas à nova matriz econômica levaram à recessão de 2014 a 2016, da qual ainda não nos recuperamos. É preciso fortalecer as instituições democráticas, que terão que ser respeitadas e aprimoradas, como o fim da reeleição para cargos executivos, a eliminação de privilégios e a reforma do Judiciário.

No campo econômico, a condição necessária mais importante para a reconquista do crescimento é a montagem de um arcabouço fiscal. Nos ciclos econômicos, o governo tem que ter a capacidade de fazer uma política fiscal contracíclica, mas em "tempos normais" tem que manter a dívida pública em níveis sustentáveis, o que impõe que haja controle dos gastos.

O arcabouço fiscal ideal requer reformas que cortem desperdícios e privilégios, direcionando recursos a setores e atividades com maior retorno social, isto é, que gerem ganhos para a sociedade como um todo, não direcionados para barganhas políticas.

AGENDA
Segunda, 3
Ciro Gomes (PDT)
Por Nelson Marconi

Terça, 4
João Doria (PSDB)
Por Henrique Meirelles

Quarta, 5
Luiz Inácio Lula da Silva (PT)
Por Guido Mantega

Quinta, 6
Sergio Moro (Podemos)
Por Affonso Celso Pastore

Porém, a responsabilidade fiscal é apenas a condição necessária. Além de criar um ambiente previsível que estimule os investimentos, é preciso aumentar a eficiência produtiva, removendo distorções.

Um exemplo está no campo tributário, com uma reforma sobre os impostos sobre bens e serviços, unificando-os em um IVA único cobrado no destino e com créditos liquidados em dinheiro. Nosso sistema tributário precisa ser aperfeiçoado eliminando a regressividade na incidência.

Outro exemplo está no campo da infraestrutura, que é complexo e requer uma análise isolada e profunda, mas que deverá ser realizado em grande parte pelo setor privado, na forma de concessões. Aqui serão fundamentais aperfeiçoamentos regulatórios, objetivando elevar a segurança jurídica e incrementar a competição.

No campo social, tanto quanto no econômico, o mundo já abandonou o mito do "Estado mínimo", como foi idealizado por Thatcher e Reagan. Ainda existem testemunhos de como isso funcionava, como é o caso dos EUA, que preza a eficiência e a meritocracia, mas tolera a crescente concentração de rendas e riquezas.

No extremo oposto estão os países da Europa Ocidental, onde o tamanho do Estado varia de país para país, com assistência universal de saúde em alguns casos e com o Estado sendo o único provedor da educação em outros.

O Brasil tem um nível enorme de pobreza extrema e uma camada enorme da população não tem oportunidade de acesso. A obrigação do governo é atuar nesse campo e há exemplos de políticas públicas, como na assistência à primeira infância, na educação, na orientação objetiva da saúde e nas transferências de renda que "deem a todos o mesmo ponto de partida".

O outro pilar do programa é o compromisso com o meio ambiente, que, além de um valor em si, traz dividendos políticos e econômicos. Como parte do planeta, temos que fazer a nossa parte no campo ambiental.

Graças a uma longa tradição de pesquisa, com destaque para universidades e a Embrapa, há mais de 20 anos que a produção agrícola no Brasil cresce devido ao aumento da produção por unidade de área cultivada, sem a necessidade de incorporar novas terras.

A agricultura brasileira é um exemplo de eficiência e, no entanto, vem sofrendo limitações impostas por outros países devido ao desmatamento criminoso, principalmente na Amazônia.

O Brasil tem que readquirir o papel responsável que tinha no passado, começando com a meta de um desmatamento zero, aliada a políticas de desenvolvimento sustentável para a população da região amazônica. O Brasil não pode fugir à sua responsabilidade e tem que assumir o protagonismo e a liderança mundiais em um cenário de preocupação com a mudança climática.

Série traz pensamento econômico de pré-candidatos à Presidência

Nesta semana, o caderno Mercado publica artigos sobre questões econômicas consideradas sensíveis por pré-candidatos à Presidência. A proposta é dar início ao debate de temas que devem nortear boa parte da campanha. Os artigos, assinados por economistas que participam do grupo de apoio aos pré-candidatos, são publicados diariamente em ordem alfabética. De acordo com suas respectivas assessorias, os senadores Rodrigo Pacheco (PSD-MG) e Simone Tebet (MDB-MS) estão iniciando conversas com consultores econômicos e ainda não têm porta-vozes na área. Convidado a representar o presidente Jair Bolsonaro, que disputará a reeleição, o ministro da Economia, Paulo Guedes, prefere não se manifestar no momento

Bolsonaro sanciona projeto que tira do teto despesas com emendas parlamentares

Ricardo Della Coletta, Renato Machado e Danielle Brant

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) sancionou, nesta quarta (5), projeto de lei que retira do teto dos gastos dos estados as despesas com emendas parlamentares e também as transferências da União. A proposta foi aprovada pelo Senado em 9 de dezembro. O objetivo é promover um alívio para as finanças estaduais.

O texto agora sancionado altera uma lei complementar de 2016 que criou o Plano de Auxílio aos Estados e ao Distrito Federal e criou medidas ao reequilíbrio fiscal de entes federados. Essa legislação contém dispositivos que limitam o crescimento anual das despesas primárias à variação do IPCA.

> Mais uma vez, a lógica do teto de gastos foi driblada pelo governo Bolsonaro
>
> **Fernando Facury Scaff**
> professor da USP

A nova lei retira dessas limitações as despesas custeadas por recursos de transferências da União com aplicações vinculadas, como transferências fundo a fundo, a Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico), salário-educação, Pronatec (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), Lei Pelé e outras. Também retira da base de cálculo despesas com emendas parlamentares.

Para Fernando Facury Scaff, professor de direito financeiro da USP, a medida representa mais uma flexibilização do teto de gastos.

"Com isso, mais uma vez, a lógica do teto de gastos foi driblada pelo governo Bolsonaro, desmoralizando a responsabilidade fiscal estadual. É mais uma medida que aponta uma falta de compromisso com o lado fiscal", disse.

Colaborou Douglas Gavras, de Curitiba

O presidente do Fed, Jerome Powell, durante depoimento na Câmara, em Washington, em dezembro Brendan Smialowski - 1º.dez.21/AFP

EUA indicam antecipar alta dos juros, e Bolsas desabam

Ibovespa encerra dia em queda de 2,4%, e Nasdaq, de 3,3%; dólar vai a R$ 5,71

Clayton Castelani

SÃO PAULO O índice de referência da Bolsa de Valores brasileira ficou perto de cair abaixo dos 100 mil pontos nesta quarta-feira (5), depois de o Federal Reserve (Fed, o banco central dos Estados Unidos) sinalizar alta dos juros antes do esperado.

O Ibovespa fechou em queda de 2,42%, a 101.005 pontos. É o pior resultado do indicador desde 1º de dezembro, quando notícias sobre a variante ômicron do coronavírus derrubaram mercados. No exterior, Nasdaq, S&P 500 e Dow Jones também registraram quedas nesta quarta-feira.

O dólar subiu 0,36%, para R$ 5,7100. A divisa americana também ganha valor global com a perspectiva de alta dos juros no país.

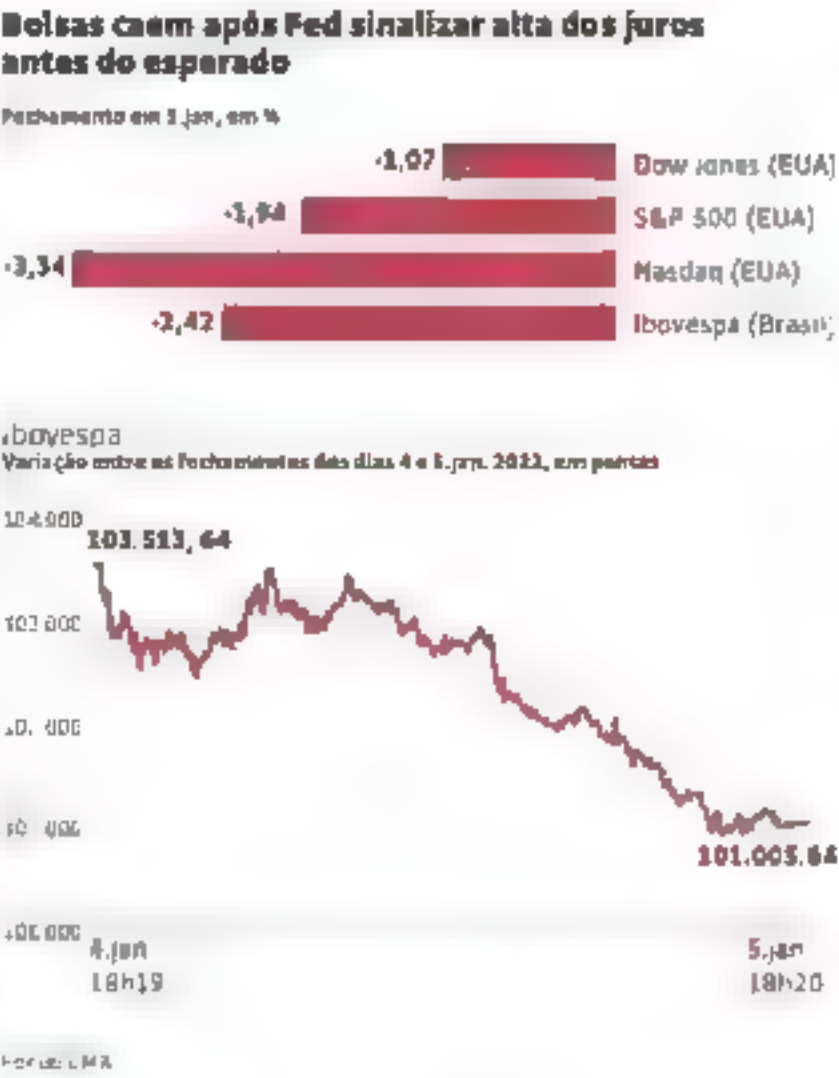
Operando em baixa desde os primeiros negócios desta quarta em meio a incertezas sobre o cenário fiscal brasileiro, o Ibovespa aprofundou a queda à tarde devido à divulgação da ata da reunião realizada em dezembro pelo Fed (Federal Reserve, o banco central americano).

O documento mostrou que a autoridade monetária dos Estados Unidos avalia antecipar a alta dos juros e diminuir de forma mais rápida a sua compra de ativos no mercado. Essas medidas visam frear a alta da inflação por meio da redução da disponibilidade de dinheiro e de crédito na economia.

Essa combinação de medidas tira a disposição dos investidores para aplicar em mercados de ações emergentes, como o brasileiro.

Isso ocorre por dois motivos: em primeiro lugar, há menos dinheiro disponível. Em segundo, títulos do Tesouro dos Estados Unidos, considerados a aplicação mais segura, ficam mais atraentes com a elevação dos juros básicos americanos.

No exterior, os principais índices americanos fecharam em forte queda. A Nasdaq recuou 3,34% e teve o seu pior resultado diário desde fevereiro de 2021.

O índice concentra pequenas e médias empresas do setor de tecnologia, ainda em formação de caixa, cujos custos operacionais são fortemente pressionados pela alta dos juros.

O peso do setor de tecnologia derrubou o índice de referência do mercado americano, o S&P 500, que cedeu 1,94%. O índice Dow Jones caiu 1,07%.

"A ata de hoje nos parece muito mais hawkish [agressiva, do ponto de vista do aperto monetário] do que o comunicado sugeriu, principalmente no tocante às discussões de política monetária", disse Étore Sanchez, economista-chefe da Ativa Investimentos.

Antes da divulgação da ata, havia consenso no mercado de que a elevação dos juros, hoje muito próximos de zero, ocorreria a partir de março. Essa data era considerada porque é quando o Fed pretende encerrar o seu programa de compra de títulos, que já vem caindo aos poucos. No jargão do setor, está ocorrendo o "tapering", que é o afilamento do fluxo de recursos destinados ao mercado através da compra de ativos.

Agora, a avaliação é que a torneira pode fechar mais cedo. Essa expectativa ganhou ainda mais força porque houve forte geração de empregos no país em dezembro, segundo dados divulgados pela consultoria ADP, uma espécie de prévia da divulgação da medição oficial da folha de pagamentos do país. Foram criados 807 mil postos de trabalho no setor privado.

A retomada com força do emprego é um dos fatores que o Fed aguardava para encerrar o seu programa de estímulos econômicos, criado justamente para diminuir o impacto da desaceleração durante os períodos de paralisação de atividades provocados pela pandemia.

"Com isso, a já curta perspectiva sobre o aperto monetário fica ainda mais intensa, principalmente após a surpresa altista observada no ADP hoje. Caso o payroll [pesquisa oficial de empregos] confirme tal perspectiva, fica cada vez mais provável a chance de encerrar o 'tapering' com a elevação imediata da Fed Funds Rate [taxa de juros do Fed]", avalia Sanchez.

As previsões mais recentes são que os aumentos de juros somados alcancem 0,75 ponto percentual durante o ano de 2022.

A disseminação da variante ômicron do vírus da Covid, porém, pode impor obstáculos ao aperto monetário. A reunião de dezembro foi realizada quando a contagem de casos de coronavírus estava começando a aumentar.

As infecções subiram muito rapidamente desde então, e ainda não houve comentários de autoridades do alto escalão do Fed que indicassem se a mudança na situação de saúde alterou seus pontos de vista sobre a política monetária apropriada.

Andrey Nousi, presidente da consultoria Nousi Finance, diz, porém, que novas paralisações das atividades para a contenção da Covid podem gerar mais altas nos preços.

"Problemas na cadeia logística devem se estender ainda neste ano, o que poderia trazer mais pressões inflacionárias", comentou.

No Brasil, a Petrobras caiu 3,87% e deu a maior contribuição para o recuo do Ibovespa. A queda ocorreu mesmo diante da valorização de 0,23% do petróleo. O barril do Brent subiu para US$ 80,18

Com Reuters

Bolsas caem após Fed sinalizar alta dos juros antes do esperado

Fonte: CMA

> A ata [do Fed] nos parece muito mais hawkish [agressiva, do ponto de vista do aperto monetário] do que o comunicado sugeriu
>
> **Étore Sanchez**
> economista-chefe da Ativa Investimentos

Tese do governo para prorrogar desoneração da folha contraria TCU

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O argumento usado pelo governo Jair Bolsonaro (PL) para prorrogar a desoneração da folha de 17 setores sem adotar medidas tributárias para compensar a perda de arrecadação de R$ 9,1 bilhões em 2022 contraria uma decisão já emitida pelo TCU (Tribunal de Contas da União).

A corte de contas agora quer explicações do governo, que tem até o dia 31 para demonstrar ao tribunal ter adotado todas as providências exigidas pela LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal).

A prorrogação da desoneração da folha foi sancionada por Bolsonaro nas últimas horas de 31 de dezembro.

Como a renúncia de receitas não está prevista no Orçamento de 2022, o governo quer emplacar a tese de que a sanção ainda em 2021 significa uma prorrogação de política já existente, dispensando nova compensação.

A ala entusiasta do argumento afirma que o texto da LRF cita a exigência de medidas apenas em casos de concessão ou ampliação de benefícios tributários, sem mencionar a palavra prorrogação.

No entanto, o TCU já esclareceu esse ponto em um julgamento de 2017.

No acórdão, a corte determinou ao então Ministério da Fazenda —hoje Economia— que "observe, quando da prorrogação de renúncias de receitas, as condições estabelecidas no art. 14 da Lei de Responsabilidade Fiscal".

As condições são a adoção de medida de compensação ou a previsão das renúncias na Lei Orçamentária Anual. No caso da desoneração da folha, nenhuma das alternativas foi adotada.

A Secretaria-Geral da Presidência da República chegou a divulgar nota oficial no sábado (1º) afirmando que a compensação não seria necessária porque "se trata de prorrogação de benefício fiscal já existente" e porque a medida "foi considerada no Relatório de Estimativa de Receita do Projeto de Lei Orçamentária de 2022".

O órgão disse ainda que a medida se dava "nos termos da orientação emitida pelo Tribunal de Contas da União".

Como mostrou a Folha, não só o TCU cobra a compensação em casos de prorrogação mas também o relator de receitas do Orçamento de 2022, senador Oriovisto Guimarães (Podemos-PR), disse que a nota do governo "está errada".

Segundo ele, a renúncia com a desoneração não foi incluída no parecer de receitas do Orçamento porque Bolsonaro não sancionou a lei a tempo de seu impacto ser incorporado. "Não podemos estimar a receita com base em 'eu acho'", afirmou.

A Semag (Secretaria de Macroavaliação Governamental), do TCU, já havia solicitado ao Ministério da Economia, em dezembro, a comprovação do cumprimento da LRF em todas as renúncias instituídas no ano de 2021.

O pedido foi feito em um processo de acompanhamento dos chamados gastos tributários.

Segundo fontes do tribunal ouvidas pela Folha, como a desoneração foi sancionada em 31 de dezembro, a nova lei será alcançada pela exigência. O governo terá até 31 de janeiro para comprovar o atendimento às exigências da LRF.

Divisão de ICMS no ecommerce pode levar a briga judicial

SÃO PAULO A demora na aprovação pelo Congresso e na sanção por Bolsonaro da lei sobre divisão do ICMS nas vendas interestaduais deve provocar uma nova batalha judicial em torno do tema.

Está em jogo uma arrecadação de R$ 9,5 bilhões em 2022, valor que representa 2% da receita anual com esse tributo. Proporcionalmente, estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste tendem a ser mais prejudicados.

O presidente sancionou nesta quarta-feira (5), sem vetos, uma proposta que regulamenta a cobrança do ICMS na venda de produtos e serviços nos casos em que o consumidor final reside em um estado diferente de onde o item foi originado —caso das compras feitas online.

A lei era uma exigência do STF para garantir, a partir de 2022, o recolhimento de parte do imposto nas vendas dos estados produtores para aqueles onde estão os consumidores.

A cobrança do chamado Difal ICMS —diferença entre o tributo na origem e no destino— começou em 2015, após aprovação de uma emenda constitucional e assinatura de convênio entre os estados. Após uma longa disputa judicial, o Supremo declarou no início de 2021 que a tributação era inconstitucional, devido à falta de regulamentação por lei complementar. Mas permitiu aos estados manterem a cobrança até o fim de 2021.

A adoção dessa modalidade de recolhimento tenta equilibrar a repartição do ICMS diante do aumento do comércio pela internet, em que um produto é produzido num estado, mas pode ser estocado num centro de distribuição e vendido em outros locais.

Ou seja, a ideia é que o recolhimento do ICMS não se concentre apenas nos estados produtores, podendo ser dividido também com estados em que estejam os consumidores finais.

A proposta de lei complementar aprovada no Senado em 20 de dezembro, e sancionada agora, possui um artigo que remete aos princípios constitucionais que só permitem cobrança de novos tributos ou aumento de alíquotas após 90 dias —respeitando também a questão da anterioridade anual.

Por isso, especialistas e empresas entendem que a diferença do ICMS no destino só pode ser cobrada a partir de 2023.

Já os secretários de Fazenda dizem que a cobrança é imediata. Para eles, não há instituição de imposto ou aumento de alíquota que justifique a questão da anualidade. Eduardo Cucolo

Montadora ganha tempo para se adequar a regra ambiental

Ibama prorroga por 3 meses prazo para carro novo emitir menos poluente

Eduardo Sodré

SÃO PAULO O Ibama (Instituto Nacional do Meio Ambiente) cedeu aos pedidos das montadoras e prorrogou por três meses o prazo para adequação dos carros novos a uma nova etapa da legislação ambiental.

A norma estabelecida pela sétima fase do Proconve (Programa de Controle de Emissões Veiculares) previa que os automóveis leves produzidos a partir de 1º de janeiro deveriam emitir menos poluentes que os modelos feitos em 2021. A lista de substâncias nocivas inclui monóxido de carbono, óxido de nitrogênio, hidrocarbonetos e fuligem.

Contudo cerca de metade das montadoras instaladas no país tem carros incompletos em seus pátios devido à falta de peças. Se não houvesse alteração no prazo, esses modelos não poderiam ser concluídos neste ano, pois não atenderiam a nova norma.

No início de dezembro, a Anfavea alegou que a mudança não era algo simples. De acordo com Luiz Carlos Moraes, presidente da entidade, há muitas mudanças nos sistemas de pós-tratamento dos gases, com novos componentes e até mudança na potência dos motores.

Com o novo prazo, as empresas terão até o dia 31 de março para concluir os carros inacabados. A revisão foi publicada no dia 30 de dezembro no Diário Oficial.

O texto do Ibama diz que a mudança considera "motivo de força maior decorrente da desestabilização das cadeias de fornecimento de componentes para o setor automotivo brasileiro, em razão da crise provocada pela pandemia de importância internacional pelo coronavírus".

Os automóveis zero-quilômetro não adequados ao Proconve 7 que ficarem prontos no primeiro trimestre poderão ser vendidos até 30 de junho.

Segundo o Ibama, os veículos cuja montagem não fosse concluída a tempo ficariam com a LCVM (Licença para Uso da Configuração de Veículo ou Motor) vencida e, por isso, deveriam ser destruídos. O instituto disse, por meio de nota, que isso geraria um problema de passivo ambiental, além dos impactos econômicos.

Contudo diversas marcas conseguiram adequar seus carros seguindo o prazo original, o que pode ser visto no acúmulo de lançamentos na virada do ano. Há também uma quantidade considerável de modelos e versões que saem de linha.

A Fiat, por exemplo, lançou o SUV compacto Pulse e atualizou o furgão Fiorino, que agora está adequado à nova norma de emissões.

Ao mesmo tempo, a montadora de origem italiana tirou de linha os modelos Uno, Dobló e Siena, além de encerrar a oferta do motor 1.8 flex.

A GM "aposentou" o Chevrolet Joy no mercado nacional. O modelo ainda usava o motor 1.0 flex de quatro cilindros, enquanto a nova geração do Onix é equipada com uma versão de três cilindros.

As japonesas Honda e Toyota também apresentam novas configurações de seus motores 1.5, enquanto a francesa Renault trabalha na renovação do Kwid, que ficará mais econômico.

Vinicius Torres Freire
O colunista está em férias

Itapemirim deixa funcionários sem salário e clientes preocupados em rodoviárias

Ana Luiza Tieghi, Daniele Madureira e Ideldes Guedes

Ônibus da Itapemirim no terminal rodoviário do Tietê, em São Paulo Ana Luiza Tieghi/Folhapress

SÃO PAULO, BRASÍLIA E FORTALEZA José (nome fictício), 69, trabalha como carregador de bagagens no Terminal Rodoviário do Tietê, na zona norte de São Paulo, o maior do país. Há pelo menos dez anos vem acompanhando a derrocada da viação Itapemirim, controlada pelo grupo de mesmo nome.

"Eles dominavam o Nordeste, todos os pontos de parada eram deles, era um monopólio. Uma imensidão o patrimônio", diz José, que se intitula "carregador 134".

"Mas há uns 15 anos começou um problema de família, venda de patrimônio. Funcionários antigos começaram a sair, e aí a coisa desandou. Hoje, a maioria dos horários quem faz são empresas de turismo, com ônibus fretado com a plaquinha 'a serviço da Kaissara' ou 'a serviço da Itapemirim'. Antes não era assim. Mas também pudera, às vezes o motorista chega todo arrumado, dirigindo um ônibus velho. A gente fica triste, já que a previsão é a empresa parar no dia 17."

Do alto dos seus 31 anos de rodoviária do Tietê, o carregador 134 consegue sintetizar a crise enfrentada pelo grupo de transportes criado em 1953 pela família Cola.

Quando o fundador, Camilo Cola, decidiu se tornar deputado federal em 2007 pelo MDB, quem o sucedeu foi o caçula. Mas, segundo fontes, Camilo Cola Filho não tinha talento para os negócios e a empresa entrou no vermelho. Houve ainda uma briga por herança com a irmã quando a mãe, Ines, faleceu em 2008.

A empresa foi vendida para Sidnei Piva em 2017, um ano depois de entrar em recuperação judicial. Piva também ficou com a Viação Kaissara, outra empresa da família Cola. Hoje, a Itapemirim soma quase R$ 2 bilhões em dívidas tributárias. Piva foi acusado de desviar o dinheiro da recuperação judicial para criar a ITA — Itapemirim Transportes Aéreos, que suspendeu as operações às vésperas do Natal e deixou milhares de passageiros sem voar.

As finanças do grupo Itapemirim na gestão Piva se tornaram ainda mais precárias, a ponto de o MP-SP (Ministério Público de São Paulo) pedir, no dia 29 de dezembro, que os bens do empresário fossem bloqueados, conforme antecipado pela Folha.

No pedido ao juiz da Primeira Vara de Falências e Recuperações da capital paulista, também constam a inclusão da ITA no processo de recuperação judicial, a conversão da recuperação judicial em falência e a suspensão de todos os leilões para venda de ativos da Itapemirim. Em recesso, a Justiça ainda não se pronunciou a respeito.

Um dos principais problemas é a falta de pagamento de funcionários. Os trabalhadores da recém-criada ITA já haviam relatado atrasos. Agora quem enfrenta o problema são os trabalhadores das viações Itapemirim e Kaissara.

A Folha falou com uma funcionária da Itapemirim que está há quatro anos na empresa. Carla (nome fictício), 33, confirmou os salários atrasados desde o mês passado. Parte da equipe tem usado atestado para não ir trabalhar. Segundo ela, a viação promoveu uma reunião com a equipe nesta quarta-feira (5) para dizer que vai fazer o pagamento, mas não deu datas.

Outra funcionária, Paula (nome fictício), da Kaissara, está há 26 anos no grupo. Também com o salário atrasado, ela diz que a equipe da Kaissara não teve reunião com a chefia sobre os pagamentos. Segundo Paula, quando descobrem que a Kaissara é do mesmo grupo da Itapemirim, os clientes ficam preocupados.

Em Fortaleza, atrasos em pagamentos e jornadas longas fizeram trabalhadores da Itapemirim paralisar as atividades em dois dias nesta semana, durante algumas horas.

Procurada pela Folha, a empresa não respondeu.

De acordo com o Sinteti, sindicato dos trabalhadores do transporte rodoviário do Ceará, durante assembleia na terça (4), os trabalhadores não aceitaram a proposta da empresa: parcelar o 13º em quatro vezes, pagar apenas um dos cinco meses de vale-refeição em atraso; e pagamento parcelado de férias vencidas em outubro.

A ameaça de paralisação dos rodoviários da Itapemirim gerou um clima de apreensão e incerteza dos que chegavam na rodoviária Engenheiro João Tomé na terça. "Não sei se vou conseguir viajar. Até agora, parece que está tudo funcionando. Ontem [3], fiquei sabendo que tinham paralisado tudo. Por medo, vim mais cedo", disse Aparecida dos Santos, 55, que viajaria a São Paulo naquela manhã.

+ Bolsonaro sanciona ajuda financeira para entregador de app

Presidente, no entanto, vetou possibilidade de as empresas fornecerem alimentação por meio do PAT (Programa de Alimentação ao Trabalhador, que prevê vantagens fiscais, como isenção de encargos sociais, para empresa que fornece vale-alimentação ou refeição). A proposta sancionada por Jair Bolsonaro prevê pagamento de ajuda financeira por 15 dias aos profissionais afastados por terem sido infectados pelo novo coronavírus. A lei prevê que as empresas de aplicativos devem contratar seguro contra acidentes, sem franquia, para os entregadores.

agrofolha

Seca castiga plantação e gera perdas no Sul e no Centro-Oeste

PR, RS, SC e MS buscam auxílio para produtores; estiagem prejudica culturas de milho e soja e pastagens

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO A falta de chuva castiga plantações e gera prejuízos para produtores rurais do Sul e de parte do Centro-Oeste. Milho, soja e pastagens estão entre as culturas já afetadas pela estiagem que ganhou força na reta final de 2021.

A seca preocupa os governos de Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, que debateram na segunda (3) eventuais medidas de auxílio com o Ministério da Agricultura.

Após a reunião, a pasta afirmou que avalia a possibilidade de intermediar com instituições financeiras a prorrogação do pagamento de dívidas de produtores rurais desses estados.

No Paraná, a falta de chuva já prejudicou a primeira safra de milho e parte das lavouras de soja. Também há registros de perdas em pastagens, frutas e hortaliças, entre outras culturas.

Até o momento, a estimativa é de prejuízo de R$ 16,8 bilhões em razão da estiagem prolongada, indica a Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento.

Em dezembro, o governo do Paraná estendeu o quadro de emergência hídrica. A medida autoriza companhias de saneamento a implantar rodízio nos municípios em que o sistema de abastecimento está comprometido pela seca.

No Rio Grande do Sul, 138,8 mil propriedades rurais já amargaram perdas em decorrência da falta de chuva, aponta a Emater-RS, que presta serviços de assistência técnica e extensão rural a agricultores do estado. O número considera prejuízos contabilizados até 30 de dezembro.

A cultura mais castigada até o momento é a do milho, de acordo com o diretor técnico da Emater-RS, Alencar Rugeri. Segundo ele, há plantações em que as perdas chegam a 100%.

O milho está sofrendo mais porque as lavouras se encontram em um estágio mais avançado no Rio Grande do Sul em comparação com culturas como a soja, conforme Rugeri. Há ainda relatos de danos em pastagens e na fruticultura do estado.

O número de municípios gaúchos em situação de emergência já ultrapassou a marca de cem. "O milho tem mais perdas até agora. A soja ainda tem potencial de recuperação", diz o diretor.

Em Santa Catarina, a principal preocupação também é com o milho. Em propriedades do oeste do estado, parte das lavouras chegou a registrar perdas na faixa de 50% até dezembro, segundo Haroldo Tavares Elias, analista de socioeconomia da Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina).

"Choveu muito pouco em dezembro", relata.

O produtor Magdiel Kretschmer, 36, lamenta os efeitos do clima adverso. Ele conta que perdeu quase a totalidade do milho que havia sido plantado em setembro em uma área de sete hectares de sua propriedade, em Mondaí, no extremo oeste catarinense, a cerca de 650 quilômetros de Florianópolis.

A seca também danificou pastagens, o que aumentou as dificuldades para o produtor alimentar o gado leiteiro. Assim, Kretschmer foi forçado a negociar 25 de suas vacas há 15 dias. Ele manteve 45 animais na propriedade, responsáveis pela produção de leite para a indústria.

O agricultor torce pela volta da chuva nas próximas semanas. "A gente espera que chova para conseguir plantar o milho safrinha agora. Se isso não acontecer logo, a gente perde o ciclo, porque tem o risco de pegar geada depois", conta.

Em Mato Grosso do Sul, o governador Reinaldo Azambuja (PSDB) decretou situação de emergência nas 79 cidades do estado devido à estiagem. A medida é válida por 180 dias.

Conforme o meteorologista Francisco de Assis, chefe de previsão do tempo do Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia), o período de seca no Sul e no Centro-Oeste pode ser associado ao fenômeno La Niña.

Esse fenômeno é conhecido por afetar a distribuição de chuvas, impactando a circulação de ventos e a umidade. Quando ele é registrado, a tendência é de estiagem no centro-sul do Brasil.

De acordo com Assis, a previsão sinaliza uma leve melhora no quadro de chuvas para o Paraná e Mato Grosso do Sul na primeira quinzena de janeiro. Já Rio Grande do Sul e Santa Catarina tendem a seguir em situação "irregular" nesse período.

A estiagem ocorre no momento em que a Bahia sofre os reflexos de fortes chuvas entre o fim de 2021 e o começo de 2022. A situação causou enchentes, deixando um rastro de destruição.

Cida Bento
A colunista está em férias

Alta de até 245% nos preços no campo em três anos afeta poder de compra do consumidor

ANÁLISE

Mauro Zafalon

SÃO PAULO Os preços dos produtos agropecuários dispararam no campo nos últimos três anos. Demanda internacional, alta externa, seca e geadas levaram a esse cenário.

Essa alta ocorre em um período de elevada taxa de desemprego e de baixa renda dos consumidores.

Este ano será mais um período de novos desafios. Para o consumidor, principalmente o de baixa renda, conseguir colocar comida na mesa.

Para o produtor, enfrentar os novos custos de produção vindos, em boa parte do exterior. Além dos insumos, o dinheiro também ficou mais caro com a alta das taxas de juros.

Os consumidores de baixa renda, que já vêm reduzindo o consumo de itens básicos, vão continuar com dificuldades de abastecimento.

Os preços elevados dos insumos de produção, cotados com base no dólar, podem retirar parte dos pequenos produtores do sistema, principalmente os voltados para o mercado interno.

Além de não ter os benefícios do dólar nas operações de exportação, como o que ocorre com o setor de soja, esses produtores terão de repassar novos custos para uma população empobrecida.

O feijão e a mandioca praticamente dobraram de preços. Já o arroz, após uma aceleração no ano passado, recuou, mas ainda está 56% acima dos valores nominais do final de 2018.

A inflação acumulada de 2019 a 2021 foi de 21%, enquanto a alimentação ficou 35,5% mais cara no período, conforme dados da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas).

O comportamento dos preços neste ano não dá sinais de queda, uma vez que a demanda externa se mantém. Mesmo sem novas altas, o patamar atual dos preços, após sucessivas elevações nos últimos três anos, é elevado.

Pode até indicar uma pressão menor nos índices de inflação, que comparam preços médios com preços médios, mas não no bolso do consumidor, que perdeu sua capacidade de compra.

O consumidor está sendo afetado pela alta de todos os produtos, e boa parte desses aumentos ainda está por vir.

A elevação dos preços do café de 245% no campo, líder de aumento nesse período, ainda não foi toda incorporada pela indústria.

[...]

Mesmo sem novas altas, o patamar atual dos preços é elevado. Pode até indicar uma pressão menor nos índices de inflação, que comparam preços médios com preços médios, mas não no bolso do consumidor, que perdeu sua capacidade de compra

Os grãos e as proteínas vão continuar sendo exportados, mas essa demanda externa traz novos custos para os consumidores nacionais, uma vez que o dólar está elevado, sem sinais de queda em um período eleitoral.

A previsão de safra para este ano é recorde, podendo atingir 290 milhões de toneladas. Esse volume se compõe basicamente de soja e de milho, que já apresentam situações irregulares em alguns estados, devido ao clima.

A área de cultivo de feijão no Paraná está sendo afetada por seca. Já em partes de Minas Gerais e de Goiás, o excesso de chuva prejudica a colheita.

As carnes tiveram forte expansão de preços nos últimos três anos, devido à demanda chinesa. Em 2018, o país asiático foi afetado pela peste suína africana, que reduziu a produção interna de carne de porco, a principal da China.

A recomposição do rebanho de suínos não está tão rápida como o previsto, o que deverá garantir exportações brasileiras para aquele mercado neste ano.

A arroba do boi gordo, com a volta da China ao mercado do Brasil, termina o ano de 2021 com valores recordes, cotada a R$ 336,50, de acordo com o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada).

Além da demanda chinesa, o Brasil passa por um período de oferta menor de gado para abate, o que poderá ter um alívio apenas no segundo semestre deste ano.

Quanto aos produtores, a realidade de 2022 é bem diferente da dos três anos anteriores. Os custos subiram de patamar e, mesmo com a manutenção dos preços atuais das commodities, as contas deverão ser levadas na ponta do lápis. Caso contrário, não fecham.

País registrou 133 novos óbitos entre terça e quarta

Mais 12.391 infecções foram detectadas em 24 horas

Vacinação contra Covid começará por crianças com comorbidades

Ministério da Saúde desiste de exigir apresentação de prescrição médica para aplicação

Raquel Lopes

BRASÍLIA O Ministério da Saúde anunciou nesta quarta-feira (5) que crianças de 5 a 11 anos receberão a vacina da Pfizer para a Covid-19 sem a necessidade de apresentação de prescrição médica.

A imunização começará por menores com comorbidade e deficiência permanente, indígenas e quilombolas. Em seguida, crianças que vivem com pessoas do considerado grupo de risco.

Na sequência, haverá um escalonamento por faixa etária, começando pelos mais velhos. A vacinação não será obrigatória. A previsão é que o público infantil comece a ser vacinado a partir do dia 14 de janeiro.

A ideia da pasta era recomendar a imunização desde que mediante a apresentação do pedido de um médico e consentimento dos pais. A Folha já havia adiantado que a pasta desistiria da prescrição.

O presidente Jair Bolsonaro (PL) tinha posto em xeque a segurança dos imunizantes para crianças. Uma consulta pública realizada para definir as regras da imunização apontou que a maioria dos ouvidos era contra a prescrição.

O Ministério da Saúde anunciou ainda que deve receber até março ao menos 20 milhões de doses pediátricas da Pfizer contra a Covid-19, suficientes para imunizar cerca de metade da população de crianças de 5 a 11 anos.

O governo espera receber 3,7 milhões de doses até o fim de janeiro. As unidades serão distribuídas de forma proporcional para os estados e o Distrito Federal, responsáveis pela aplicação do imunizante.

Segundo a pasta, o primeiro voo com as vacinas da Pfizer tem previsão de chegar ao Brasil no dia 13 de janeiro. O lote terá 1,248 milhão de doses.

São esperadas ainda mais duas cargas, com a mesma quantidade de imunizantes, para os dias 20 e 27 deste mês.

"Todos aqueles que quiserem vacinar os seus filhos, o Ministério da Saúde vai garantir doses da vacina, e o Ministério da Saúde também cuidará para que as normas que foram sugeridas ou recomendadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária sejam seguidas na ponta", disse o ministro Marcelo Queiroga.

Segundo ele, a depender da adesão à vacinação, mais 20 milhões de doses estão previstas para entrega no segundo trimestre deste ano.

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) estima que, em 2021, havia 20,4 milhões de pessoas de 5 a 11 anos. Como a vacina da Pfizer é aplicada em duas doses, o volume hoje previsto para chegar ao Brasil no primeiro trimestre deve servir para imunizar metade deste público (10 milhões de crianças).

Será necessária apenas a autorização dos pais. No caso da presença dos responsáveis no ato da vacinação, haverá dispensa do termo por escrito.

"O Ministério da Saúde recomenda que os pais ou responsáveis consultem um médico antes da vacina para verificar se não há comorbidade", afirmou a secretária extraordinária de Enfrentamento da Covid, Rosana Leite de Melo.

Os pais ou responsáveis devem estar presentes manifestando a concordância com a vacinação. Em caso de ausência dos pais ou responsáveis, a vacinação deverá ser autorizada por um termo de assentimento por escrito, isso é lei", disse ela.

O intervalo de doses será de oito semanas, não três semanas, conforme previsto em bula. "Todos sabem que os estudos demonstraram, principalmente em adultos, que no intervalo maior de três semanas há uma maior produção dos anticorpos neutralizantes, ou seja, nós temos um benefício maior", afirmou Melo.

"As crianças têm um risco de miocardite e um risco raro, mas nós queremos que esses riscos nessas nossas crianças sejam o menor possível, queremos minimizá-lo ao máximo. E os trabalhos demonstram que se a gente ampliar esse espaço de tempo, se for acima de 21 dias até oito semanas, dá maior proteção para evitar esse efeito adverso."

O ministério aguardava a consulta e audiência públicas para tomar a decisão sobre a vacinação de crianças, apesar de já existir aval da Anvisa para a vacinação desde o dia 16 de dezembro.

Bolsonaro resistia à imunização. "Eu tenho uma filha de 11 anos. É uma vacina nova. Não está havendo morte de crianças que justifique algo emergencial. E tem outros interesses, entra a desconfiança nisso tudo. Lobby da vacina", afirmou o presidente no dia 24 de dezembro.

A consulta pública realizada pela pasta terminou no domingo (2) e apontou que a maioria dos ouvidos foi contrária à prescrição médica. Cerca de 100 mil pessoas se manifestaram.

Entidades que debateram o tema na audiência também foram contrárias à exigência de prescrição médica. Entre elas estão Conass (Conselho Nacional de Secretários de Saúde), Conasems (Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde), CFM (Conselho Federal de Medicina) e SBI (Sociedade Brasileira de Infectologia).

O Conass chegou a afirmar que nenhum estado exigiria prescrição médica para a vacinação infantil contra a Covid-19. Até terça-feira (4), 20 estados já tinham publicado norma sobre o tema.

De acordo com o ministério, as doses pediátricas serão entregues por meio de contrato do governo para receber 100 milhões de vacinas da Pfizer em 2022, que pode ser ampliado a 150 milhões de unidades.

A resposta do Ministério da Saúde sobre a imunização de criança coincide com o prazo estabelecido pelo ministro Ricardo Lewandowski, do STF (Supremo Tribunal Federal), para o governo prestar informações sobre a vacinação infantil. Lewandowski é relator de um pedido do PT relacionado ao assunto.

Marcelo Queiroga, ministro da Saúde, durante anúncio sobre vacinação em crianças, nesta quarta Antonio Molina/Folhapress

> Todos aqueles que quiserem vacinar os seus filhos, o Ministério da Saúde vai garantir doses da vacina, e o Ministério da Saúde também cuidará para que as normas que foram sugeridas ou recomendadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária sejam seguidas na ponta
>
> **Marcelo Queiroga**
> ministro da Saúde

Programação

3,7 milhões
de doses tem janeiro

- 1,248 milhão no dia 13
- 1,248 milhão no dia 20
- 1,248 milhão no dia 27

20 milhões
no primeiro trimestre

20 milhões
no segundo trimestre

ORDEM DE VACINAÇÃO

- crianças com comorbidades
- crianças com deficiências permanentes
- indígenas
- quilombolas
- todo o público de 5 a 11 anos, começando pelos mais velhos

20,4 milhões
é o público-alvo estimado para a vacinação; são necessárias 40 milhões de doses

Sem vacina, SP tem plano para imunizar grupo em 3 semanas

Artur Rodrigues

SÃO PAULO O governo João Doria (PSDB) anunciou, nesta quarta-feira (5), a existência de um plano de vacinação para todas as crianças de cinco a 11 anos em três semanas em São Paulo.

O plano prevê a vacinação de 250 mil crianças por dia. "O governo elaborou um plano para imunização com apenas uma dose a todas as 4,3 milhões crianças desta faixa etária de 5 a 11 anos em três semanas", disse João Doria.

A informação foi anunciada durante entrevista no Palácio dos Bandeirantes, sobre medidas relacionadas ao combate ao coronavírus.

Doria ressaltou que é necessário o envio das vacinas ou que o governo federal autorize os estados a comprar a vacina da Pfizer. "Neste momento, a Pfizer, por contrato com o Ministério da Saúde, não pode vender a outros entes públicos", disse o governador.

Doria afirmou aguardar a decisão da Anvisa para uso emergencial da Coronavac. "O que permitiria o início imediato da imunização de 12 milhões de doses para imunização de crianças", disse.

De acordo com o governo, além dos postos de vacinação, poderá haver a aplicação dos imunizantes em crianças nas escolas públicas estaduais. Até o momento, 225 escolas foram cadastradas pelo governo estadual.

"Termos a vacina infantil contra Covid aprovada há quase um mês pela Anvisa e não temos a vacina é entristecedor e até revoltante, como pai que sou de adolescente, certamente refletindo o sentimento de pais e mães de milhões de crianças no Brasil que gostariam já de ter seus filhos vacinados. Por ações protelatórias, o Ministério da Saúde ainda não disponibilizou a vacina para que crianças pudessem ser imunizadas mesmo diante da autorização da Anvisa", disse o governador.

De acordo com o Eduardo Ribeiro, secretário-executivo de Saúde, a estrutura do estado está pronta para a vacinação das crianças desde 16 de dezembro, quando o imunizante da Pfizer foi autorizada. "Contamos com 4,5 milhões seringas e agulhas para todos os 645 municípios, lembrando que esta é uma seringa e agulha específica para este público infantil", disse.

As carteirinhas específicas para este público também foram produzidas.

Ribeiro afirmou que a rapidez é fundamental, uma vez que já foram registrados mais de 2.500 casos graves em crianças, das quais 93 morreram.

O Ministério da Saúde, que planejava recomendar prescrição médica para vacinação de adolescentes e crianças, realizou uma consulta pública sobre o tema. No entanto, a maioria das pessoas foram contra a ideia. Cerca de 100 mil pessoas se manifestaram até o dia 2 de janeiro.

No entanto, após o resultado frustrar os planos do governo, a ideia da cobrança da prescrição médica deve ser abandonada.

Entidades que falaram sobre o assunto em audiência sobre a vacinação em crianças também foram contrárias à exigência de prescrição médica. Entre elas estão Conass (Conselho Nacional de Secretários de Saúde), Conasems (Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde), CFM (Conselho Federal de Medicina) e SBI (Sociedade Brasileira de Infectologia).

Segundo o secretário estadual da Saúde, Jean Gorinchteyn, a aplicação nas escolas permitirá também fazer a vacinação da população de 12 a 19 anos que ainda não se imunizou. "São mais de 600 mil adolescentes que não fizeram uso da segunda dose", disse.

Atualmente, a taxa de ocupação das UTIs no estado de São Paulo é de 27,75% e de enfermarias, 34,81%.

"Tivemos aumento de atendimento de síndromes respiratórias especialmente nos prontos-socorros", disse o secretário, citando Covid, influenza e o resfriado comum. "Esses quadros denotam claramente que as pessoas retiraram as máscaras especialmente nos ambientes de confraternização", afirmou.

Por enquanto, porém, não há nenhuma orientação para a adoção de novas medidas restritivas no estado.

Sobre o Carnaval, Doria disse que não é o momento para aglomerações dessa ordem. "A recomendação é evitar que isso aconteça, porém a decisão cabe àqueles que dirigem e comandam as prefeituras em São Paulo", disse.

> O governo elaborou um plano para imunização com apenas uma dose a todas as 4,3 milhões crianças desta faixa etária de 5 a 11 anos em três semanas
>
> **João Doria**
> governador de São Paulo

Hospitais públicos e privados de SP têm alta de internações por Covid-19 e gripe

Movimento maior também foi notado nos atendimentos em prontos-socorros na capital paulista

Patrícia Pasquini e Priscila Camazano

SÃO PAULO A incidência simultânea da nova cepa da gripe H3N2 e da variante ômicron do coronavírus tem levado a um aumento de internações e atendimentos a pacientes com sintomas respiratórios em hospitais públicos e privados de São Paulo.

Os dois vírus podem causar a Srag (Síndrome Respiratória Aguda Grave), uma complicação da síndrome gripal que é de notificação compulsória à autoridade sanitária local.

Na capital paulista, segundo a SMS (Secretaria Municipal da Saúde), houve 978 hospitalizações por influenza entre as semanas epidemiológicas 48 e 52 (de 28 de novembro de 2021 a 1º de janeiro de 2022). Destas, 359 entre 12 e 18 de dezembro. Os dados foram consultados no Painel Covid-19 do município de São Paulo na terça (4).

Em 2020, nas mesmas semanas, houve apenas quatro internações pela doença.

Nesta terça (4), no Hospital Municipal da Brasilândia (zona norte), voltado para acolhimento e tratamento dos casos de Srags não causadas por Covid, havia 121 pacientes em leitos de UTI (unidade de terapia intensiva) e 164 na enfermaria. Assim, as taxas de ocupação estavam em 64% para a UTI e 75% na enfermaria.

O Hospital Municipal Guarapiranga (zona sul) também está sendo preparado para receber pacientes infectados.

Em relação à Covid-19, de acordo com os dados da SMS, se observado o mês de dezembro, um novo aumento de internações na cidade de São Paulo começou a ser percebido na semana epidemiológica 49, com início no dia 5.

De 5 de dezembro a 1º de janeiro, período que compreende as semanas epidemiológicas 49, 50, 51 e 52, houve 326 hospitalizações, segundo dados consultados nesta terça.

O pico ocorreu na semana 51, entre os dias 19 e 25 de dezembro, com 108 internações. Em 2020, entre as semanas 49 e 52, esse número chegou a 6.552. Na época, os números de casos e mortes também estavam altos.

Fila de espera por testagem de pacientes com sintomas gripais na UBS Humaitá, na Bela Vista Jardiel Carvalho/Folhapress

As informações da SMS mostram, ainda, que em 1.323 internados a Srag consta como não especificada e em outros 2.181 permanece em investigação. As informações também foram consultadas no Painel Covid-19 do município de São Paulo na terça (4) e são provisórias.

A reportagem pediu os números de internação por gripe e Covid-19 também à Secretaria Estadual da Saúde, mas a pasta forneceu apenas os de Covid-19 desta terça-feira (4). Na data, eram 1.164 internados em UTIs e 1.888 nas enfermarias dos hospitais de São Paulo, entre suspeitos e confirmados.

O estado também não respondeu se disponibilizou ou disponibilizará estrutura exclusiva para tratamento de pessoas com síndrome gripal e Srag na capital e em outras regiões de São Paulo.

Na rede privada, o movimento nas internações por gripe e Covid-19 varia.

No Hospital Alemão Oswaldo Cruz, o volume de atendimento diário no pronto-socorro de pacientes com sintomas respiratórios quadruplicou se comparadas a primeira com a última semana de dezembro de 2021. Do total de atendidos, 10% registraram diagnóstico positivo para influenza na primeira semana do mês. Já no final de dezembro a positividade havia passado para 40%.

Nesse grupo de sintomáticos respiratórios, a taxa de positividade para Covid-19 era, em média, 1,5% no início do mês e 37% no final do período. Na terça, a instituição estava com 35 pacientes internados com Covid-19, sendo três em UTI.

Dos atendidos 3% necessitaram de hospitalização, sendo 99,3% em apartamentos e 0,7% em UTI.

No Sabará Hospital Infantil, 506 crianças foram atendidas com IVAs (infecções das vias aéreas superiores) no período de 12 a 18 de dezembro. Na semana seguinte, entre 19 e 25, houve um pico de atendimento, de 810 casos.

Já as internações passaram de cinco pacientes, no período de 12 a 18 de dezembro, para dez, de 19 a 25 de dezembro e quatro entre os dias 26 e 31.

No Sírio-Libanês, foram registradas 24 novas internações por influenza entre 13 e 17 de dezembro. No período de 31 de dezembro a 4 de janeiro, havia 27 pacientes internados com confirmação da doença. Em relação à Covid-19 no primeiro período, foram cinco novas internações; no outro, havia 21 pacientes.

Já no Hospital Israelita Albert Einstein havia 49 pacientes com Covid entre 15 e 21 de dezembro e 66 entre 22 e 28. Quanto aos internados positivos para influenza, a instituição tinha, nesta terça-feira, 21 — dados de semanas anteriores não foram fornecidos.

Também procurados, os hospitais Samaritano e São Luiz não responderam à reportagem.

Para o infectologista, pediatra e diretor da SBIm (Sociedade Brasileira de Imunizações) Renato Kfouri, o cenário da Covid é mais incerto do que o da influenza.

"A epidemia [de influenza] dura de quatro a seis semanas. Com a Covid, aprendemos a cada dia com as novas variantes, as vacinas e a duração da proteção. É um cenário mais incerto ainda", afirma.

Os prontos-socorros estão sobrecarregados e uma das coisas que tem dificultado demais o trabalho é a falta de diagnóstico rápido. Precisamos acelerar e dar uma diretriz ao paciente do ponto de diagnóstico e isolamento.

Evaldo Stanislau de Araújo
Infectologista e integrante da Divisão de Moléstias Infecciosas e Parasitárias do HC

Quem não tomou a vacina contra a gripe em 2021 deverá fazê-lo agora, mesmo sabendo que terá pouca proteção contra a cepa em circulação no momento, a Darwin. E depois deverá se vacinar com o novo imunizante, previsto para março.

Kfouri recomenda quatro pilares tanto contra a Covid como contra a gripe: vacina, máscara, distanciamento e ventilação natural nos ambientes.

Para Evaldo Stanislau de Araújo, infectologista e integrante da Divisão de Moléstias Infecciosas e Parasitárias do Hospital das Clínicas, apesar da alta nas hospitalizações por gripe e Covid-19, é improvável que os hospitais voltem a ficar saturados, uma vez que grande parte da população tem alguma imunidade, seja pela vacina seja pela infecção.

Ainda assim, ele avalia que é preciso repensar o atendimento aos pacientes.

"Os prontos-socorros estão sobrecarregados e uma das coisas que tem dificultado demais o trabalho é a falta de diagnóstico rápido. Precisamos acelerar e dar uma diretriz ao paciente do ponto de diagnóstico e isolamento. Meu temor está muito mais associado com o primeiro atendimento, a porta de entrada, do que com a rede hospitalar", diz.

Quanto ao vírus influenza, na opinião de Araújo, o surto deve ser passageiro. "Já está diminuindo em algumas regiões. Temos que pensar em médio prazo na ômicron e na influenza a curto prazo. O aumento nas hospitalizações já era esperado. Primeiro você aumenta os casos e depois começa a ver casos com mais gravidade e complicações."

Apesar dos apagões do sistema público de notificações, há também uma percepção de aumento de casos de Covid após o Natal com a participação epidemiológica das crianças.

"Esse atraso na vacinação infantil no Brasil é criminoso. A gente precisa enfatizar isso com letras garrafais. As crianças já deveriam estar vacinadas", ressalta Araújo.

Para o médico, os casos de Covid-19 continuarão aumentando também em razão do comportamento da população.

"Tenho visto as pessoas assumirem o risco de que é inevitável pegar Covid neste momento e por conta disso vivem a vida sem limites. Isso é um erro. As pessoas precisam entender que nos ambientes fechados e aglomerados é para usar máscara."

Com sintomas leves, evite pronto-socorro, indicam médicos

Isabella Menon

SÃO PAULO Em meio à epidemia da gripe H3N2 e à explosão de casos de Covid com a variante ômicron, prontos-socorros de São Paulo apresentam filas de espera que podem chegar a seis horas. No início de 2022, a demanda por testes e a busca por médicos cresceu de forma exponencial.

Na capital paulista, somente nos três primeiros dias do ano, 20.133 pessoas com sintomas respiratórios foram atendidas na rede municipal de saúde. Foram 282 atendimentos por hora, em média. Do total de atendidos, 11.585 tinham quadro suspeito de Covid, o equivalente a 57%.

Profissionais da saúde, no entanto, orientam que os primeiros sintomas gripais podem ser tratados em casa e, na maioria dos casos, não há necessidade de ir a hospitais.

"A maioria dos pacientes que estão procurando são jovens, sem comorbidades, que saem do hospital com receita para Novalgina [dipirona]. Isso não faz sentido", diz a infectologista da Santa Casa Fernanda Maffei.

De acordo com Maffei, se o paciente não integrar grupo risco e apresentar um quadro brando é possível tratá-lo em casa.

Coriza, dor no corpo e febre são alguns dos sintomas que podem ser ministrados com analgésicos. "Na maioria dos casos [de influenza] são dois ou três dias com sintomas. Recomendo esperar um pouquinho. Se não apresentar falta de ar, pode ficar em casa, não precisa ir para um hospital", afirma.

Pacientes que buscam o sistema de saúde para realizar testes podem ir a laboratórios e farmácias, que também fazem exames tanto para influenza quanto para Covid-19, indica a infectologista.

Nesses locais, no entanto, há custo — com pedido médico, planos de saúde cobrem exames em certos casos. O paciente precisa se informar antes do atendimento.

Maffei afirma que a telemedicina, disponível em alguns convênios, também é uma saída e pode servir para pacientes sanarem dúvidas e explicarem os sintomas durante o atendimento.

Ela diz ainda que a procura por ambulatórios deve ser preferencialmente para idosos e pessoas que integram os grupos de risco, caso, por exemplo, de pacientes que têm doenças de base, como asma e bronquite grave.

Raquel Maarrek, infectologista da Rede D'or, também alerta que, em vez de recorrer ao hospital, o paciente pode entrar em contato com um médico com quem já mantenha um acompanhamento.

Os hospitais devem ser buscados se os sintomas permanecerem e, se mesmo medicado, o paciente não apresentar uma melhora clínica entre 24 e 48 horas.

Também infectologista e membro da SBI (Sociedade Brasileira de Infectologia), Renato Grinbaum lembra que a hidratação é muito importante para os pacientes com sintomas gripais.

Grinbaum explica ainda que o cuidado para evitar a transmissão do vírus para outras pessoas também deve ser mantido, como isolamento social, uso de máscara e higienização das mãos.

SP faz dupla testagem de Covid e influenza em postos de saúde

Fábio Pescarini

SÃO PAULO A Prefeitura de São Paulo começou, nesta quarta-feira (5), a fazer dupla testagem de Covid-19 e influenza em pessoas com sintomas gripais. Segundo a Secretaria Municipal da Saúde serão disponibilizados cerca de 300 mil conjuntos de testes nos próximos 15 dias em todas as 469 UBSs (Unidades Básicas de Saúde) da capital paulista.

De acordo com o secretário Edson Aparecido, a ideia é fazer um painel mais preciso para avaliar como está a transmissão dos dois vírus na cidade, e, principalmente, o avanço da variante ômicron do novo coronavírus.

"A partir desse resultados poderemos definir novas ações", afirmou o titular da pasta da Saúde, que acompanhou o início da testagem na UBS Santa Cruz, na zona sul da capital. A primeira pessoa testada, uma mulher com sintomas de gripe, teve resultado positivo para Covid-19.

Segundo a secretaria, primeiro será feito teste rápido de antígeno para Covid. "O resultado sai em 15 minutos e, se der positivo, será aplicado o teste RT-PCR", disse Aparecido.

Caso o teste para coronavírus dê resultado negativo, será realizada a testagem para influenza.

Fora da rede pública, em meio a essa alta procura, pacientes encontram dificuldade para agendar um horário para realizar testes para Covid-19 em farmácias de São Paulo.

Antes, para fazer o teste bastava agendar para o mesmo dia. Agora, é comum ter de esperar pelo menos dois dias e, alguns casos, até cinco.

O secretário admitiu que os casos de Covid cresceram cerca de 30% na cidade nas últimas semanas. Ele lembrou que análises preliminares apontaram para a prevalência de cerca de 50% da ômicron entre os infectados. O percentual pode ser ainda maior, já que os números, divulgados na terça-feira (4), de sequenciamento realizado pela secretaria e pelo Instituto Butantan são referentes à semana dos dias 12 a 18 de dezembro.

"Com essa testagem, vamos poder avaliar com mais precisão a transmissão pela variante", afirmou Aparecido.

Sobre a gripe, o secretário admitiu que há lotação. Somente nos três primeiros dias de janeiro foram foram realizados pouco mais de 20 mil atendimentos a pessoas com sintomas respiratórios, sendo 11.585 suspeitos de Covid-19.

Na AMA Sorocabana, na Lapa (zona oeste), a **Folha** mostrou que a espera para atendimento chegava a cinco horas na terça-feira.

Segundo a secretaria, cerca de 80% dos 406 leitos do Hospital Municipal da Brasilândia, na zona norte da cidade, estão com pacientes com síndrome gripal. Por isso, outros 229 leitos foram reservados no Hospital Municipal da Guarapiranga, na zona sul, apenas para pessoas com sintomas de gripe.

Como fazer teste de Covid em posto, farmácia e laboratório

Na capital paulista, população consegue encontrar diferentes tipos de exames

Victoria Damasceno

SÃO PAULO Com as festas de final de ano, a epidemia de gripe e o aumento nos casos de Covid, cresceu a demanda por testes que identificam a infecção pelo coronavírus. Por isso, pacientes têm encontrado dificuldade para agendar um horário em farmácias e laboratórios da cidade de São Paulo.

O infectologista Jamal Suleiman, do Instituto Emílio Ribas, diz que os testes de antígeno e os RT-PCRs, que identificam o vírus ativo, possuem alto grau de precisão.

Suleiman lembra, porém, que cada teste é adequado para um tempo de sintomas, e isso precisa ser levado em consideração no momento da escolha para que os exames cumpram o seu papel.

O médico André Ricardo Ribas Freitas, professor da Faculdade de Medicina São Leopoldo Mandic, afirma que os testes RT-PCR são indicados para pessoas assintomáticas e sintomáticas, enquanto os antígenos apenas para quem já desenvolveu sintomas.

Entenda como funcionam e quanto custam os testes disponíveis em São Paulo.

Pessoas fazem teste de Covid em laboratório em Osasco (SP) Adriano Vizoni - 4.jan.22/Folhapress

FARMÁCIAS

Quais testes são oferecidos?
As farmácias fazem testes rápidos de antígeno, para verificar se a pessoa está infectada no momento da testagem. Eles estão disponíveis na modalidade "swab", em que um cotonete é introduzido pelo nariz para a coleta da amostra, e por via oral. Alguns testes de antígenos também combinam a testagem para Covid-19 e para influenza dos tipos A e B no mesmo produto. Também é oferecido o PCR-Lamp, tipo de teste que pode ser comprado pela internet e é entregue em casa. Nesta modalidade a pessoa colhe cerca de 5 ml de saliva e a empresa responsável busca a amostra e emite em 24 horas o resultado pela internet. As drogarias disponibilizam ainda os testes de anticorpos IgM, aqueles produzidos no início da infecção, e IgG, que aparecem na fase tardia da doença. Esse tipo de teste indica se o paciente já foi ou está infectado.

Quanto custam?
Os testes de antígeno variam entre R$ 90 e R$ 110 nas farmácias da capital paulista. Já os de anticorpos custam em média R$ 80. O PCR-Lamp é encontrado por cerca de R$ 130.

Quando os resultados ficam disponíveis?
Por serem testes rápidos, tanto os de antígeno quanto os sorológicos ficam prontos em cerca de 15 minutos. O PCR-Lamp leva cerca de um dia para dar o resultado.

Como é feito o agendamento?
Nas farmácias das grandes redes de São Paulo é feito por meio do site delas. Apenas algumas unidades marcam horário pelo telefone.

Quanto tempo demora para conseguir um agendamento?
Antes das festas de fim de ano, era mais fácil conseguir um agendamento para o mesmo dia. Com o aumento da demanda, a média passou para de 2 a 5 dias de espera.

LABORATÓRIOS

Quais testes são oferecidos?
Os laboratórios oferecem os testes RT-PCR, que são conhecidos por identificar o vírus com maior precisão quando ele ainda está ativo no organismo. Esse é considerado o teste padrão-ouro para Covid-19. A amostra é coletada com um cotonete no nariz e frequentemente também na garganta. Outro tipo de teste oferecido é o RT-PCR por saliva, que é feito com uma amostra de saliva que varia de 2 ml a 5 ml. Neste formato a sensibilidade é ligeiramente menor do que quando feito pela nasofaringe. Também é usado para saber se a pessoa está infectada no momento da testagem. Os laboratórios oferecem testes de antígenos, além de testes de anticorpos. Fora os testes IgG e IgM, os principais oferecidos pelos laboratórios são de anticorpos totais, que mostram se a pessoa já teve Covid-19, e de anticorpos neutralizantes (aqueles que conseguem bloquear a ação do vírus).

É preciso agendamento?
Na maioria dos laboratórios sim. Em alguns, basta chegar no horário de atendimento da unidade e aguardar por ordem de chegada. A maior parte deles também oferece atendimento domiciliar.

Quando os resultados ficam disponíveis?
Um teste de antígeno fica pronto em cerca de 15 minutos. Já o resultado do RT-PCR, em alguns laboratórios, pode sair em até quatro horas. Em outros, é preciso esperar 72 horas. Os resultados de exames de anticorpos também variam conforme o local: demoram, em média, entre 24 horas e cinco dias.

Quanto custam?
O RT-PCR tradicional, feito com o "swab", pode ser encontrado por valores que vão de R$ 178 a R$ 385 na capital paulista. Já o PCR de saliva é encontrado à venda por laboratórios por R$ 120. O preço dos exames de anticorpos varia de acordo com o tipo. Aqueles que identificam anticorpos IgG e IgM podem ser encontrados por preços que variam em média de R$ 98 a R$ 189. Já os de anticorpos totais vão de R$ 139 a R$ 152, enquanto os de anticorpos neutralizantes de R$ 128 a R$ 210. O teste antígeno, por outro lado, é encontrado por valores que variam em média de R$ 88 a R$ 200. Se o paciente possui convênio e pedido médico, o exame pode ficar por conta do plano de saúde. Nesses casos, o recomendável é se informar antes do agendamento e da realização do teste. Os preços foram cotados em cinco laboratórios de São Paulo.

SUS

Quem pode fazer exame de Covid na rede pública da cidade de São Paulo?
Segundo a Secretaria Municipal da Saúde, os testes RT-PCR são indicados para pacientes sintomáticos entre o primeiro e o oitavo dia de sintomas. Após esse período, será indicado ao paciente o teste sorológico.

Quando os resultados são liberados?
A pasta informa que os resultados ficam disponíveis em até 48 horas após a amostra chegar ao laboratório. Por telefone, no entanto, funcionários de UBS informaram que o resultado fica disponível em cerca de cinco dias. No teste de antígeno, o paciente tem acesso ao resultado 15 minutos após a realização.

Autoteste para coronavírus é barrado por regra da Anvisa

Philippe Watanabe

SÃO PAULO A população dos EUA e Europa pode comprar ou conseguir gratuitamente testes de Covid-19 para serem feitos em casa. No Brasil, a testagem continua centrada em clínicas, farmácias e serviços públicos.

Esse tipo de teste de Covid não é autorizado no Brasil por causa de uma resolução da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) de 2015.

Os autotestes caseiros são exames de antígeno. A própria pessoa coleta material (com auxílio de um swab, como em um PCR normal) e o deposita sobre uma superfície que aponta se está infectada ou não.

Os testes de antígeno, que procuram partículas do Sars-CoV-2, ganharam importância na pandemia por serem mais simples, em geral mais rápidos e também mais baratos que os PCR, que detectam material genético do vírus. Assim como os PCR, podem apresentar elevada capacidade de detecção do vírus.

O artigo 15 da resolução 36 da Anvisa diz que não podem ser fornecidos para leigos produtos que tenham a finalidade de diagnóstico de presença ou exposição a agente transmissível, "incluindo agentes que causam doenças infecciosas passíveis de notificação compulsória".

Isso inviabilizaria os autotestes para Covid no país, se não fosse por uma exceção. O parágrafo único do mesmo artigo estabelece que a proibição "poderá ser afastada por Resolução da Diretoria Colegiada, tendo em vista políticas públicas e ações estratégicas formalmente instituídas pelo Ministério da Saúde".

E uma exceção para isso já ocorreu. Há alguns anos, após iniciativa do Ministério da Saúde, foram liberados os autotestes para HIV, que têm o apoio da OMS (Organização Mundial da Saúde) e da OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde).

Antes disso, porém, havia temores quanto à liberação. Segundo Claudio Maierovitch Henriques, sanitarista da Fiocruz e presidente da Anvisa de 2003 a 2005, um deles era quanto a possíveis erros de uso do exame, o que poderia levar a resultados incorretos.

Segundo a Anvisa, instrumentos de diagnóstico desse tipo envolvem riscos que precisam ser mitigados. A entidade afirma que é necessário levar em conta "o impacto relacionado a possíveis erros de execução de ensaios, que, além de reverberar na qualidade de vida dos usuários, podem afetar os programas de saúde pública".

No Reino Unido, por exemplo, o governo disponibiliza gratuitamente autotestes, manual de utilização e indica as situações adequadas para o uso, como em dias em que a pessoa estará em contextos de alto de risco de transmissão.

Na plaquinha onde se deposita a amostra para testagem, há ainda um QR Code para notificação ao NHS (National Health Service), o sistema britânico de saúde.

Os testes em casa devem começar a ser usados como instrumento de saúde pública na Dinamarca. No país, haverá uma maior disponibilização do exame caseiro para crianças e trabalhadores de escola, numa tentativa de manter as unidades de ensino abertas.

Para Raquel Stucchi, professora da Unicamp e consultora da SBI (Sociedade Brasileira de Infectologia), os autotestes deveriam ser disponibilizados pelo governo e seriam extremamente importantes. "Para evitar que as pessoas fiquem aglomeradas em uma unidade de saúde. Isso já está acontecendo, tanto no setor público quanto no privado."

Carlos Eduardo Gouvêa, presidente-executivo da CBDL (Câmara Brasileira de Diagnóstico Laboratorial) afirma que não faltam empresas interessadas em trazer os autotestes para o Brasil.

A **Folha** procurou a Roche Diagnóstica e a Abbott, duas empresas que disponibilizam autotestes nos mercados europeu e americano.

A Abbott diz que tem disponibilidade para trazer ao Brasil o seu teste caseiro "assim que for permitido pela legislação brasileira" e que chegou a apresentar os autotestes para o governo como parte do portfólio da empresa.

A Roche afirmou que, no Brasil, seu autoteste não é comercializado pela limitação da legislação sanitária.

Quanto a preços para o mercado privado, as empresas não estimaram quanto os autotestes poderiam custar no Brasil. A Abbott diz, porém, que seu exame foi feito "pensando em ampliar sua disponibilidade a um preço acessível".

No exterior, esse tipo de teste, para locais em que não há distribuição gratuita, como nos EUA, não chega a ter preços elevados (em comparação ao que há disponível atualmente no Brasil).

Em nota à **Folha**, a Anvisa falou ainda que "a competência para definição de Política Públicas em Saúde é do Ministério da Saúde".

A **Folha** questionou o Ministério da Saúde sobre possíveis planos para liberação de autotestes para Covid e sobre a visão da pauta quanto a essa possibilidade. A pasta respondeu que distribui aos estados os testes já aprovados e registrados pela Anvisa.

"Para reforçar a testagem da população, a pasta contratou cerca de 60 milhões de testes rápidos produzidos pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)", afirma o Ministério da Saúde.

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Defendeu presos políticos e fundou comitê pela Anistia

ENY RAIMUNDO MOREIRA (1946-2022)

Cristina Camargo

SÃO PAULO Entre 1964 e 1979, a advogada Eny Raimundo Moreira realizou um trabalho silencioso fundamental para o combate aos abusos praticados contra presos políticos: aproveitou a permissão legal para estudar processos e fez cópias de documentos que tramitavam no Superior Tribunal Militar.

Dessa forma, ela ajudou a alimentar dossiês sobre a repressão durante a ditadura militar (1964-1985).

Essa atuação foi importante para a realização do projeto "Brasil: Nunca Mais", organizado pelos religiosos dom Paulo Evaristo Arns, rabino Henry Sobel e pastor presbiteriano Jaime Wright para documentar a tortura no período.

Eny foi também fundadora do Comitê Brasileiro pela Anistia, organização criada por advogados, familiares e amigos para defender a anistia ampla aos presos políticos a partir de 1964.

Em 2012, em depoimento à Comissão da Verdade, ela voltou a fazer história ao relatar o momento em que viu o corpo da militante Aurora Maria Nascimento Furtado, morta em novembro de 1972, após ter sido presa e torturada.

O vídeo com o depoimento emocionado de Eny sobre Aurora voltou a circular na terça-feira (4) nas redes sociais, como uma espécie de homenagem à advogada, que morreu aos 75 anos, no Instituto do Coração, em São Paulo.

Nascida em Juiz de Fora (MG), durante 15 anos trabalhou com Sobral Pinto, advogado de presos políticos. Após a Anistia, Eny abriu o próprio escritório e passou a dedicar-se à área de direitos autorais.

Defendeu nomes como o cantor e compositor Gilberto Gil e a diretora e roteirista Janaina Diniz Guerra, filha de Leila Diniz.

Em texto, frei Betto lembrou o dia em que Eny foi visitar ele e mais cinco presos políticos detidos em uma penitenciária comum em plena noite de Natal, em 1972.

Convidada a falar, ela "desceu do palanque-altar e, durante duas horas, sob um silêncio clamoroso, enquanto a banda de presidiários tocava as peças finais, ela caminhou lentamente entre aqueles homens uniformizados, enfileirados nos bancos, e abraçou e beijou cada um daqueles quatrocentos homens", relatou.

"Sua passagem nos entristece, mas sua memória será fonte de inspiração para gerações de advogadas e advogados que, como ela, compreenderão a verdadeira dimensão das liberdades e a importância da luta", diz Nilo Batista, presidente do Instituto Carioca de Criminologia.

EDELIN GITYN Aos 64, separada. Quarta (5/1). Cemitério Israelita do Butantã, Jardim Educandário, São Paulo (SP)

cotidiano

Eduardo Paes

Cidade do Rio de Janeiro está mal conservada e precisa ser reconstruída

Prefeito afirma que saúde, transporte e emprego são suas maiores frustrações no primeiro ano de gestão e promete investimentos

Júlia Barbon

RIO DE JANEIRO Completando seu primeiro ano à frente da Prefeitura do Rio de Janeiro pela terceira vez, Eduardo Paes (PSD) admite que a conservação da cidade "vai muito mal" e que ainda não conseguiu avançar do jeito que gostaria nas áreas de saúde, transporte e emprego.

Em entrevista à Folha no último dia 22, ele justificou afirmando que o foco foi a gestão da pandemia de Covid-19 e o reequilíbrio das finanças, além de insistir que o legado que deixou nos outros dois mandatos foi destruído pelo seu antecessor, Marcelo Crivella (Republicanos).

Zô Guimarães - 4.dez.20/UOL

Eduardo Paes, 52
Foi prefeito do Rio de Janeiro de 2009 a 2016 e voltou ao cargo em 2021. Foi secretário de Turismo, Esporte e Lazer do governo Sérgio Cabral (2007-2008), deputado federal (1999-2006), vereador (1997-1998) e subprefeito da zona oeste carioca (1993-1996). É formado em direito pela PUC-Rio

Quais os principais feitos da sua gestão neste ano? Eu destacaria primeiro a questão das finanças, básica para qualquer administração. A gente conseguiu colocar as contas no azul. Tínhamos o desafio de pagar 15 salários neste ano, duas folhas de salário atrasadas do governo Crivella, e conseguimos avançar. Depois, tivemos o enorme desafio, que de certa maneira ainda não se foi, que foi a pandemia. Vacinar o maior número de pessoas e evitar o maior número de mortes possível. Acho que fomos muito bem. Tem também o desafio de retomar a qualidade dos serviços prestados na cidade: a partir do momento em que as contas começaram a melhorar, no fim do primeiro semestre, veio uma melhora gradual. Ainda não é aquilo que eu imagino como adequado, longe do ideal. Mas a gente hoje está preparado para olhar para o futuro de novo.

O que o senhor queria ter feito em 2021, mas não fez? Três coisas me angustiam muito, duas mais ligadas à prefeitura. Primeiro, a melhoria da rede de saúde pública, que foi destruída ao longo dos últimos quatro anos. Segundo, os transportes. Tivemos alguns avanços no BRT [corredor exclusivo de ônibus], mas tem uma crise muito profunda, não tem uma solução rápida. E a questão do emprego. Você vê a quantidade de pessoas desempregadas, o aumento da desigualdade é angustiante. É fácil resolver isso em um ano? Não, mas a gente sempre quer resolver tudo logo. Às vezes fala-se a conservação da cidade não está boa, o asfalto está esburacado, mas a gente vive com isso. Mas a gente não vive sem saúde, transporte de qualidade, emprego.

O senhor desobrigou o uso de máscaras em lugares abertos em outubro e, duas semanas depois, o Rio encabeçou uma epidemia de gripe no país. Foi precipitado? Não. Foi uma decisão do comitê científico, e nós continuamos com um número baixíssimo de transmissão da Covid [os casos voltaram a aumentar na primeira semana de janeiro], então mostrou que a decisão foi acertada. Por eles, eu até já teria retirado também em locais fechados, mas decidi não retirar. Se a gente tiver elementos que tragam necessidade, voltamos a usar. Sobre a gripe, tem que perguntar para os especialistas de saúde, é a primeira vez que ouço essa vinculação da influenza com a retirada de máscaras. São Paulo está com as máscaras e a influenza agora está apertando forte lá.

A falta de equipes na rede básica de saúde e UPAs é uma das principais queixas à sua gestão. Por que ainda não foi resolvido? Eu disse aqui: uma das minhas maiores frustrações foi não ter recuperado a saúde do jeito que ela merecia. Nas equipes de atenção básica, eu saí de 3,5% de cobertura para 70% nos meus oito anos de mandato. Deixamos uma estrutura fantástica na cidade, mas jogaram [a gestão anterior] para 40% de cobertura de saúde da família. É um dos meus grandes objetivos. Só que isso foi consumido esse ano pela pandemia. Então o orçamento da Saúde vai aumentar muito [em 2022], e a gente vai reiniciar o processo de recuperação e recontratação. Mas é uma das minhas frustrações. É triste eu dizer isso, mas você volta quatro anos depois e a sua meta no fim do governo é chegar àquilo que você deixou.

A conservação da cidade, outro foco seu, é algo que o carioca ainda não viu na prática. Como o senhor avalia o último ano? Acho que ela vai muito mal. Agora a gente começa. Nos últimos dois meses, comecei a liberar recursos. Por exemplo, umas placas brancas que alguns túneis têm, a gente recuperou todas, um negócio horroroso. Mas foi muito abandono durante muito tempo. Isso vai caminhar agora bem, o orçamento da Secretaria de Conservação é infinitamente maior [em 2022], vamos voltar com o [programa] Asfalto Liso, a Comlurb está com mais musculatura. Estamos precisando quase que reconstruir. Não há cidade que resista a quatro anos de abandono e falta de investimento.

O senhor já admitiu que há muita população de rua e desorganização no comércio ambulante. Como pretende reduzi-los? Esse problema tem relação direta com a desgraça social no Brasil: aumento de fome, miséria, desemprego. Sobre a população de rua, estamos buscando ampliar vagas em abrigos, dar mais atenção a isso e ser um pouco mais rigorosos com a instalação de barracas nas ruas, oferecendo alternativas. Sobre o comércio ambulante, a gente está fazendo o programa Ambulante Harmonia, que é organizar, limitar espaços, definir claramente que tipo de barraca pode usar. Não é o momento, com tanto desemprego, tanta fome, tanta miséria, de ser muito duro nisso, então a gente vem fazendo com calma, bairro por bairro, e mesmo assim de vez em quando ainda acontecem alguns conflitos, então é algo que estou tomando muito cuidado.

Sua gestão até agora teve um foco no BRT, mas o sistema de ônibus segue sucateado. Ele será prioridade? A questão dos transportes é a mais complexa de resolver. Porque ela não é só financeira, tem uma crise institucional, reputacional, desequilíbrio econômico, um conjunto de coisas. Então temos que fazer uma mudança no sistema, passar a fazer subsídio, estamos licitando a bilhetagem. Não vamos seguir o modelo de São Paulo, um convênio com uma associação de empresas. Vamos fazer uma coisa nova, totalmente independente. Vamos fazer subsídio por quilômetro rodado, não pelo número de passageiros. Vai exigir mudanças muito profundas que acho que dificilmente conseguimos resolver ainda neste ano. Vamos avançando aos poucos, mas vai demorar.

Atividades originalmente de milícias se expandiram para o tráfico, como a cobrança de transportes alternativos. Como a prefeitura tem lidado com a questão? Cada vez mais vem havendo uma ampliação dos braços da milícia em direção a atividades de tráfico e vice-versa. O que busco fazer no campo municipal é combater essa raiz econômica das atividades criminosas, como [remover] construções irregulares. Neste momento se tornou muito mais fácil fazer, porque setores progressistas da sociedade hoje entendem que você não está tirando casa de pobre, você está combatendo uma indústria criminosa. Isso não era assim no meu último governo. E no caso do transporte irregular é a mesma coisa, a gente vai combatendo, tentando organizar, fazendo licitação. O problema do transporte irregular era um que a gente já tinha resolvido.

Alguma chance de deixar a prefeitura para tentar novamente o governo do estado? Nenhuma. Sou o homem mais feliz do mundo sendo prefeito do Rio e cá ficarei. Meu candidato chama-se Felipe Santa Cruz. A gente precisa de um governador que tenha capacidade de articulação, o que ele tem, mas também uma coluna vertebral ereta, pronto para enfrentar os desafios principalmente na segurança pública. Que dialogue com o Judiciário, com o Ministério Público.

O senhor fez muitas críticas abertas a Bolsonaro no início do ano, mas agora parece ter amenizado o discurso. O que mudou? [Pausa] Acho que foi o contrário. Eu tenho uma relação institucional sempre. Sou prefeito, não opositor. Só que acho o governo Bolsonaro muito pouco institucional. E falo isso não por me sentir perseguido, mas porque vejo acontecer com todos os estados e cidades. A não ser com quem bate continência para ele. A falta de compreensão federativa desse governo é algo muito impressionante.

Quando o cardápio inclui fezes

O que uma história escatológica do século 19 nos ensina sobre o presente

Sérgio Rodrigues

Escritor e jornalista, autor de "O Drible" e "Viva a Língua Brasileira"

Há 50 anos, o médico mineiro Pedro Nava estreou tardiamente —logo ia completar 70— como memorialista, lançando o primeiro livro de uma série que se tornaria um ponto alto do gênero no país: "Baú de ossos" (Companhia das Letras).

Mais do que pela data redonda, a obra-prima de Nava me vem à lembrança por incluir um escatológico caso de família que, datado do Segundo Reinado, joga luzes sobre o mar de merda —"merda viva", diria o memorialista— em que Bolsonaro mergulhou o Brasil.

A história tem como protagonista uma megera da família paterna do autor, uma dona Irifila, casada com o comendador Iriclérico Narbal Pamplona. Sim, a graça quase inverossímil do caso começa pelos nomes.

O casal oferecia um contraste marcante. Enquanto Iriclérico era amigo de comes e bebes, jogos de salão e boa conversa, Irifila era o cão. "Era contra os namoros, contra o riso, contra as festas, contra as cantigas, contra as danças, contra o álcool, contra o fumo, contra o jogo", conta Nava.

Um dia, Irifila se encheu das rodinhas de carteado, guloseimas, charutos e prosa que Iriclérico tinha o hábito de promover em casa uma vez por semana. Advertiu o marido de que não queria mais saber daquilo, mas o comendador, com patriarcal distração, não lhe deu ouvidos. E chegou a hora da vingança.

Iriclérico recebia naquele dia ninguém menos que o visconde de Ouro Preto. O mais ilustre e poderoso de seus amigos era também padrinho de um de seus filhos. Irifila caprichou no serviço.

Após se esmerar na enumeração das gostosuras que a dona da casa mandou servir em bandejas de prata recém polidas, Nava passa então ao prato principal.

E no meio do maior bandejo, a mais alta compoteira com o doce do dia -aparecendo todo escuro e lustroso, através das facetas do cristal grosso, de um pardo saboroso como o da banana mole, da pasta de caju, do colchão de passas com ameixas-pretas, do cascão de goiaba com rapadura."

Iriclérico estava numa felicidade contagiante. Aí vem o golpe de mestre de Nava, quer dizer, de Irifila. "O comendador resplandecente destampou a compoteira: estava cheia, até as bordas, de merda viva. Nunca ninguém, jamais, ousara coisa igual."

Tomado de um choro convulsivo, "tremendo da cabeça aos pés, lívido da dor esquisita que lhe atravessava o peito, o estômago, e banhado dum suor de agonia" Iriclérico nunca se recuperou da cacetada. Até morrer, em 1896, não recebeu mais ninguém em casa. A vitória de Irifila foi completa.

O poder sinistro da armadilha que a megera montara para o marido tem raízes fundas, imemoriais —as mesmas que tornam tabuísmos, ou seja, palavrões, uma série de termos banais com os quais nos referimos a funções fisiológicas igualmente banais. Mas não em público!

Não era para aquela montanha de cagalhões estar ali, na mesa do comendador, numa elegante vasilha de cristal. Ao ser destampada com despreocupação, a piscina de barro instaurava violentamente uma dimensão de loucura, de pesadelo. Era evidente que alguém capaz de conceber tal coisa não recuaria diante de nada —nem do mais hediondo dos crimes.

E o Brasil dos últimos três anos com isso? "Dia sim, dia não", entre golden showers e "caguei para a CPI", entre internações espetaculosas por problemas intestinais e o hábito de falar merda, o presidente tornou sua retórica e seus atos um festival de escatologia. O fedor é nauseabundo. Que 2022 seja o ano de dar descarga.

DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | **SEX. Tati Bernardi** | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Recife suspende e Olinda cancela Carnaval de rua

Variante ômicron e epidemia de gripe em Pernambuco balizaram as decisões

José Matheus Santos

RECIFE A Prefeitura de Olinda, um dos principais polos de Carnaval do país, confirmou nesta quarta-feira (5) o cancelamento dos festejos neste ano. No Recife, a prefeitura decidiu suspender a realização da folia. A gestão João Campos (PSB) deixou em aberto a possibilidade de realizar o evento em outro período do ano se o cenário da pandemia permitir.

Em Olinda, a decisão foi anunciada pelo prefeito Lupércio Nascimento (Solidariedade) em entrevista coletiva pela manhã. A folia também já tinha sido cancelada 2021 na cidade.

"Só iríamos fazer o Carnaval se a gente sentisse segurança. Não seremos irresponsáveis em expor a vida de ninguém. Acima de qualquer evento, está a vida. Isso é o mais importante", afirmou Lupércio.

Foliões se divertem no Carnaval de rua em Olinda Arquivo/Folhapress

Olinda decidiu cancelar o Carnaval na mesma semana em que Salvador e Rio de Janeiro tomaram decisões semelhantes por causa da pandemia da Covid.

Blocos tradicionais do Carnaval de Olinda, como Eu Acho é Pouco e o Homem da Meia-Noite, já tinham, de forma espontânea, anunciado que não promoveriam desfiles em fevereiro.

Além do avanço da variante ômicron no Brasil, a epidemia de gripe em Pernambuco também preocupa as autoridades de saúde de Olinda. Os dois fatores impulsionaram a definição pelo veto às festividades de grande porte nas ruas.

Segundo estimativas da Prefeitura de Olinda, cerca de 4 milhões de pessoas circulam pela cidade durante o período carnavalesco.

Em relação às festas privadas, a Prefeitura de Olinda vai seguir a decisão do governo de Pernambuco, que vai se posicionar apenas na segunda quinzena de janeiro. Desde 2021, eventos privados fazem as divulgações e vendas de ingressos para o período de Carnaval. A categoria alega que é possível fazer o controle sanitário exigindo o comprovante de vacinação completa contra a Covid.

De acordo com dados apresentados durante a entrevista coletiva, Olinda registrou, desde o começo da pandemia, 26.503 casos e 1.035 mortes por Covid. A cidade tem atualmente sete pessoas internadas em leitos para Covid, sendo cinco em enfermaria e dois em leitos de UTI (Unidade de Terapia Intensiva).

O número pequeno de internados é atribuído ao avanço da vacinação no município. Até o momento, 285 mil pessoas receberam a primeira dose, ou seja, 73,38% da população de Olinda. Já 253 mil completaram o esquema de vacinação com duas doses de AstraZeneca, Coronavac e Pfizer ou com a dose única da Janssen, o que equivale a 64,42% da população olindense.

Para tentar suprir o impacto financeiro para artistas, a Prefeitura de Olinda criou um auxílio para ser pago a entidades, grupos, blocos e cantores envolvidos com o Carnaval em razão do cancelamento da festa em 2021. Também serão beneficiados vendedores do comércio informal e catadores de materiais recicláveis.

No Recife, a decisão de suspender o Carnaval de rua ocorre em meio ao aumento de casos de gripe na cidade e em Pernambuco e à pandemia de Covid.

Em nota, a prefeitura disse que vai "concentrar esforços para combater aumento de casos de síndrome respiratória aguda grave (srag)".

Em dezembro, uma comissão especial de vereadores do Recife voltada para o debate sobre a realização do Carnaval recomendou a suspensão da festa, com possibilidade de adiamento para meses posteriores a depender do avanço da vacinação e do cenário epidemiológico.

Quanto às festas privadas, a Prefeitura do Recife vai seguir o que for definido pelo governo de Pernambuco, que deve se manifestar na segunda quinzena de janeiro.

Segunda maior cidade do estado de Pernambuco, Jaboatão dos Guararapes também não vai ter folia carnavalesca neste ano. Também nesta manhã, o prefeito Anderson Ferreira (PL) oficializou a decisão.

Lavagem do Bonfim é cancelada em pelo 2º ano em Salvador

João Pedro Pitombo

SALVADOR A Prefeitura de Salvador confirmou nesta quarta-feira (5) o cancelamento da Lavagem do Bonfim, festa religiosa que costuma reunir cerca de um milhão de pessoas nas ruas da cidade.

Em uma rede social, o prefeito Bruno Reis (DEM) justificou a medida afirmando que houve aumento dos casos de Covid-19 e de gripe na capital.

"Não podemos dar margem para ampliação dos números de casos de infecção em nossa cidade. Precisamos ter a consciência e a responsabilidade na preservação das vidas", afirmou.

O Carnaval de rua de Salvador já havia sido cancelado pela prefeitura e governo do estado. A tendência é que as demais festas populares, com a Festa de Iemanjá e Lavagem de Itapuã também não aconteçam em 2022.

Festas privadas com até 5.000 pessoas, contudo, estão mantidas, inclusive no período carnavalesco e da própria Lavagem do Bonfim, que aconteceria no próximo dia 13. Este é o segundo ano consecutivo que não haverá o cortejo de 6,4 km entre as basílicas da Conceição e do Bonfim, tradição que se renova na capital baiana há 249 anos.

No ano passado, o cortejo deu lugar a uma missa transmitida pela internet e pelo desfile em carro aberto da imagem pelas ruas da cidade.

A Lavagem do Bonfim é uma das mais tradicionais do calendário de festas populares da Bahia. É marcada pelo sincretismo do culto a Oxalá, no candomblé, e ao Senhor do Bonfim, no catolicismo.

Blocos de SP dizem que não participarão na folia neste ano na cidade

Isabella Menon

SÃO PAULO Nesta quarta-feira (5), o Fórum de Blocos de Carnaval de Rua de São Paulo, a União Blocos Carnaval do Estado de São Paulo e a Comissão Feminina de Carnaval de São Paulo cancelaram a participação no Carnaval de rua de São Paulo.

As três entidades representam 250 blocos que estavam inscritos para o evento —ao todo, a capital recebeu inscrição de 682 blocos.

Eles alegam insegurança sanitária para participação do evento, falta de consenso entre as três esferas políticas e não inclusão dos blocos e coletivos nas tratativas da organização.

"Os blocos fizeram eventos-teste. Tivemos ensaios desde outubro, eventos menores em condições controladas, com uso de máscara, solicitação de vacina e o que vimos foi uma explosão de casos", diz Thais Haliski, coordenadora da Comissão Feminina de Carnaval de São Paulo.

Ela diz que a possibilidade de transferir a festa para o autódromo de Interlagos, estudada pela Prefeitura, como noticiou a coluna de Mônica Bergamo, só atende aos interesses de patrocinadores.

"Nossa proposta é não participar porque não é seguro nem com a vacina", diz Haliski.

"Se colocarmos isso dentro de um autódromo, quando vamos ter milhares de pessoas só com a condicionante das duas doses, isso não vai impedir a transmissibilidade. É Carnaval, ninguém vai ficar de máscara, vai todo mundo se abraçar, beber, se lamber. Não é seguro e se não é seguro, não vai ter Carnaval. Não tem o que discutir", completa.

O cancelamento da participação desses blocos de rua em São Paulo acontece às vésperas da apresentação de um estudo da Covisa (Comissão da Vigilância Sanitária) que definirá, nesta quinta-feira (6), se a capital paulista terá Carnaval neste ano.

A avaliação do cenário epidemiológico e as projeções sobre coronavírus e gripe na cidade ocorreriam na próxima segunda-feira (10), mas foram antecipadas a pedido do prefeito Ricardo Nunes (MDB).

Navio MSC Preziosa chega ao Rio com 33 casos de Covid

RIO DE JANEIRO O cruzeiro MSC Preziosa atracou nesta quarta-feira (5) no porto do Rio de Janeiro com 33 casos de Covid-19 confirmados, sendo 25 entre os tripulantes e 8 entre os passageiros, segundo a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária).

A embarcação, que tem capacidade para 3.016 pessoas, estava no litoral do Nordeste e chegou no início da manhã ao porto da cidade, onde os passageiros começaram a desembarcar. Um deles foi o empresário cearense Christian Fernandes, 26, que diz ter descoberto o surto só na manhã desta quarta, quando leu a notícia pelo celular.

"A gente fazia várias perguntas e nunca sabiam dizer", afirma. "Para a tripulação, por telefone, pessoalmente, em inglês, espanhol. Perguntava para todo mundo e ninguém sabia de nada."

No dia 2 de janeiro, segundo passageiros, o comandante avisou que o navio retornaria ao Rio após o desembarque em Ilhéus (BA) não ter sido autorizado. "A desculpa que eles deram foi que Ilhéus não tinha autorizado atracar o navio por causas naturais", diz Fernandes.

O empresário conta que o lado direito do oitavo andar, onde se hospedou, ficou isolado a partir do segundo dia de viagem. Nos andares superiores ele diz que era comum ter aglomeração de pessoas.

ESPORTE AO VIVO — Juventus x Napoli, Italiano, ESPN Brasil | 21h30 Knicks x Celtics, NBA, SporTV2 | Rondoniense x Santos, Copinha, SporTV

Austrália nega entrada de Djokovic e anuncia a deportação do tenista

Até a noite de ontem (horário de Brasília), sérvio tentava uma liminar para evitar sua extradição

SÃO PAULO | REUTERS Após passar mais de oito horas no aeroporto Tullamarine, em Melbourne, na Austrália, onde desembarcou nesta quarta-feira (5) por volta das 23h30 no horário local (9h30 de Brasília), Novak Djokovic teve negada a sua entrada no país e foi avisado que será deportado.

O tenista entrou com um pedido de liminar para impedir sua deportação, disse uma fonte à Reuters. O atleta não revela se foi ou não vacinado contra a Covid-19, requisito para entrar no país.

"Djokovic não forneceu evidências adequadas para atender aos requisitos de entrada na Austrália e seu visto foi posteriormente cancelado", disseram as autoridades de fronteira australiana.

O primeiro-ministro australiano, Scott Morrison, comentou sobre a decisão no caso do tenista. "Regras são regras, especialmente quando se trata de nossas fronteiras."

Pouco antes da confirmação de que o sérvio não poderia ingressar no país, o pai dele, Srdjan, acusou as autoridades australianas de manter o sérvio preso, sem contato com sua equipe e acesso ao celular.

"Não tenho ideia do que está acontecendo, eles estão mantendo meu filho cativo por cinco horas", afirmou Srdjan, que ameaçou ainda sair às ruas para protestar. "Se não o soltarem em meia hora, vamos nos reunir na rua, essa luta é para todos", disse. Até o momento, porém, não há registro de protestos no local.

O pai de Djokovic disse à mídia sérvia que o atleta esperava sozinho em uma sala do aeroporto Tullamarine sob guarda armada para uma decisão final sobre o caso. "Na frente da sala estão dois policiais", relatou ao portal B92.

O presidente sérvio Aleksandar Vucic disse que o país ofereceu apoio ao tenista. "Disse ao nosso Novak que toda a Sérvia está com ele e que estamos fazendo de tudo para que o assédio ao melhor tenista do mundo seja encerrado imediatamente", afirmou por meio de um comunicado.

No meio de um turbilhão gerado pela isenção médica que o tenista sérvio recebeu para disputar o torneio do Grand Slam sem estar vacinado contra a Covid-19, um novo problema surgiu.

Novak Djokovic publica foto em aeroporto antes de viajar para a Austrália @djokernole no Instagram

Segundo a imprensa australiana, um membro da equipe de Djokovic solicitou um tipo de visto para a sua entrada no país que não se aplica a quem recebeu a dispensa da vacina.

Após a constatação do erro, o departamento federal de fronteiras entrou em contato com o governo estadual de Victoria, parceiro na organização do torneio, para tentar solucionar o problema ainda durante o voo do atleta, mas a tentativa de contato não recebeu retorno positivo.

"O governo federal perguntou se apoiaremos o pedido de visto de Novak Djokovic para entrar na Austrália. Não forneceremos a Novak Djokovic apoio individual no pedido de visto para participar do Grand Slam Australian Open 2022", escreveu no Twitter a ministra do governo de Victoria Jaala Pulford.

"Sempre fomos claros em dois pontos: a aprovação de vistos é um assunto do governo federal e as isenções médicas são um assunto dos médicos", completou.

Os dois painéis médicos independentes que aprovaram a isenção de vacina para Novak Djokovic têm a participação do governo de Victoria e da Tennis Australia, autoridade do esporte no país e organizadora do Grand Slam.

Mais cedo nesta quarta, o primeiro-ministro australiano sugeriu que a participação de Djokovic ainda não estava fechada e que ele teria de satisfazer o governo federal com provas dos motivos da dispensa da vacina.

"Se essa evidência for insuficiente, ele não será tratado de forma diferente de ninguém e estará no próximo avião para casa. Não deveria haver regras especiais para Novak Djokovic. Absolutamente nenhuma", disse Morrison em entrevista coletiva.

Os organizadores da Tennis Australia estipularam que todos no complexo de Melbourne Park devem ser vacinados ou ter a isenção para circular livremente no torneio.

"Novak não vai jogar o Australian Open com isenção porque ele é a maior estrela", disse mais cedo Pulford. "Ele está vindo porque conseguiu demonstrar, por meio desse processo, que é elegível de acordo com as regras que se aplicam a todas as outras pessoas do país."

De acordo com a organização, o torneio recebeu 26 pedidos de dispensa de vacina entre cerca de 3.000 participantes. Alguns foram aprovados, mas o número exato não foi revelado. A maioria teria sido obtida em razão de contaminação pelo coronavírus nos últimos seis meses, motivo apontado pela imprensa australiana como mais provável para a justificativa de isenção do número 1 do mundo.

Juca Kfouri
O colunista está em férias

Veja declarações do número 1 do mundo

Chorei por dois ou três dias após a cirurgia no meu cotovelo. Eu estava tentando evitar subir naquela mesa [de cirurgia] porque não sou fã de operações ou medicações. [...] Acredito que nossos corpos sejam mecanismos que se curam

em novembro de 2018, sobre a cirurgia a que foi submetido no cotovelo

Pessoalmente, eu sou contra a vacinação e não gostaria de ser forçado por alguém a tomar a vacina para poder viajar

em abril de 2020, sobre vacinação obrigatória

Conheço pessoas que, por meio da transformação energética, por meio da força da oração, por meio da gratidão, conseguiram transformar a comida mais tóxica ou talvez a água mais poluída na água mais curativa

em maio de 2020, sobre a força do pensamento

Não acho que tenha feito nada ruim, para ser honesto. Eu lamento pelas pessoas que foram infectadas. Mas sinto culpa por alguém que tenha sido infectado daquele ponto em diante na Sérvia, na Croácia e na região? É claro que não

em agosto de 2020, sobre os casos de Covid-19 no torneio que organizou, o Adria Tour

Eu não vou revelar minha situação, se eu fui vacinado ou não. É um assunto particular e uma pergunta inapropriada

em outubro de 2021, sobre seu processo de imunização

Pesquisa usa estudos de paleontologia para ajudar goleiros a defender pênaltis

Alex Sabino

SÃO PAULO Um dos maiores chavões do futebol é que pênalti é loteria. Que ninguém diga isso para o uruguaio Richard Fariña. Segundo o paleontólogo, defender cobranças pode ser uma ciência.

"Trata-se de física, de controlar o corpo para conservar o movimento angular. Se o batedor estiver em uma certa posição, há movimentos que não vai conseguir fazer e o goleiro precisa saber disso. São princípios da paleontologia", diz.

Ele é um dos autores do estudo "Leitura pelo goleiro da postura do cobrador de pênaltis no futebol masculino e outros fatores na defesa", publicado em novembro do ano passado pela Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

Ele escreveu o texto ao lado do professor de Educação Física Manuel Sequeira e do estatístico Sebastian Vallejo.

Uma das teorias aplicadas é a da lateralidade. A ideia é que, pela postura do corpo, principalmente do tronco do cobrador e do pé de apoio, o goleiro pode saber por antecipação o lado da cobrança do pênalti. A paleontologia, especialidade de Fariña, estuda os seres vivos que habitaram a Terra em um passado remoto.

A lateralidade aparece quando há predomínio de um lado sobre o outro. Quando a função motora do corpo tem o domínio do lado direito ou esquerdo. A criança, no início da vida, é considerada ambidestra por usar as duas mãos. Com o passar do tempo, um dos lados se torna preponderante.

"Conhecido em antigos fósseis no passado da evolução humana, a lateralidade é de importância geral na prática de esportes em diferentes formas. (...) Mamíferos mostram preferências laterais de movimentos com performances diferenciais que aparecem cedo na vida dos humanos", diz a pesquisa publicada.

O estudo prático foi realizado em Santarém, no Pará, com a ajuda de jogadores sub-20 do São Francisco Esporte Clube. O gol foi dividido em 15 regiões. As cobranças foram analisadas por programas que dissecaram cena a cena os movimentos dos batedores, a distância, expressão corporal, tempo e ângulo do chute. Foram medidas as direções da bola, gravados o instante do chute e o início do movimento do goleiro.

Os participantes deram suas impressões sobre o experimento. Na última fase, foram feitas novas finalizações após a análise dos dados ao lado dos goleiros.

Na primeira sessão de cobranças, eles acertaram 28% dos lados escolhidos pelos batedores. Após leitura dos dados obtidos pelos softwares, o índice cresceu para 63%.

"O fato de a bola estar sempre muito livre e que o jogo seja coletivo faz com que a técnica seja secundária diante de outros fatores. No pênalti, podemos aplicar a biomecânica. Se o goleiro conseguir se segurar até o momento que o batedor apoiar o outro pé [antes de acertar a bola], a posição relativa do corpo trai a intenção do jogador pela inclinação do tronco", explica Fariña.

> A ciência leva seus achados para pessoas normais, que podem descobrir coisas novas. Os goleiros que usaram nosso sistema melhoraram bastante o desempenho porque conceitos de postura vêm de muito tempo. É coisa de milhares de anos
>
> **Richard Fariña**
> paleontólogo uruguaio

O cientista reconhece que o futebol é resistente a conceitos científicos, mas há tendência de mudanças. Outros estudos sobre o esporte têm aparecido, assegura.

Ao mesmo tempo, o artigo deixa claro que a pesquisa é útil para ajudar goleiros, mas não afeta outros fatores inerentes ao jogo. O chute mais forte, bem no canto ou pelo alto dificulta a defesa, como sempre aconteceu. Da mesma forma, a altura e envergadura do goleiro interferem. Quanto mais alto e ágil, maior a probabilidade de defesa. São condições imutáveis.

"Sempre há o Messi, sempre há o Neymar, sempre há o Pelé. Eles dominam a técnica a um ponto que sabem usar a física a favor do que querem fazer", diz Fariña.

Também existem goleiros com talentos naturais para defender pênaltis, que usam as recomendações do estudo apenas por terem o dom para fazê-lo, sem terem consciência disso. Jogadores que ficaram famosos por serem especialistas nesta jogada. Mas eles não são a maioria.

"A ciência leva seus achados para pessoas normais, que podem descobrir coisas novas. Os goleiros que usaram nosso sistema melhoraram bastante o desempenho porque conceitos de postura vêm de muito tempo. É coisa de milhares de anos", defende.

BARÇA VENCE NA VOLTA OFICIAL DE DANIEL ALVES Jogando com reservas, o time catalão levou um susto e terminou a primeira etapa perdendo para o Linares, time da 3ª divisão, pela Copa do Rei, mas virou e venceu a partida por 2 a 1, com gols de Jutglà e Dembélé Jorge Guerrero/AFP

Palmeiras se reapresenta com cinco infectados pela Covid-19

SÃO PAULO O elenco do Palmeiras se reapresentou para a temporada 2022 nesta quarta (5). E com uma má notícia: cinco atletas alviverdes tiveram resultados positivos no teste de Covid-19.

São eles o goleiro Weverton, os meias Patrick de Paula e Gustavo Scarpa e os atacantes Breno Lopes e Rafael Navarro. De acordo com o clube, todos estão assintomáticos e foram isolados.

"Nosso protocolo de prevenção à Covid-19 previa uma testagem antes de iniciarmos os exames. Os atletas que tiveram resultado positivo estão em perfeitas condições de saúde e assintomáticos. Foram prontamente isolados em suas residências e seguirão os cuidados médicos que nós determinamos como parte do protocolo. Agora, faremos o monitoramento diário da condição clínica de cada um deles", disse o médico alviverde Pedro Pontin, ao site oficial do Palmeiras. O time estreia no Mundial de Clubes no dia 8 de fevereiro.

Declínio do sistema britânico de saúde é sinal de alerta para o Brasil

FOLHA, 100
COMO CHEGAR BEM AOS 100

Alexandre Kalache
Médico gerontólogo, presidente do Centro Internacional de Longevidade no Brasil (ILC-BR)

Ao entrar na faculdade de medicina da então Universidade do Brasil (depois transformada em Universidade Federal do Rio de Janeiro) em 1965, eu já tinha definido que não viria a ser um médico "convencional".

Minha vocação clara era a saúde pública, convencido de que seria onde eu poderia ter o maior impacto para promover a saúde do maior número de pessoas.

Em um país onde se morria tão cedo, em que a expectativa de vida não chegava a 60 anos, onde as doenças transmissíveis dizimavam populações jovens, minha opção estava feita antecipadamente.

Minha primeira pós-graduação foi em doenças tropicais, pois, na época, essa era a porta de entrada para a saúde pública. Mas era importante reforçar minhas titulações em tempos de turbulência (e truculência) política. Após quatro anos de trabalho acadêmico no Rio, obtive bolsa da OMS (Organização Mundial de Saúde), que me abria duas alternativas, ou um mestrado nos Estados Unidos ou no Reino Unido.

Não tive dúvidas. O Reino Unido era a vanguarda, onde o NHS (sigla em inglês do Sistema Nacional de Saúde) tinha sido criado logo após a Segunda Guerra Mundial. Serviu de inspiração para aqueles que, como eu, sonhavam com mais equidade no acesso aos serviços públicos, com cobertura universal da saúde. Tudo por uma fração do custo de sistemas com cobertura incompleta e distorcida, como o dos EUA.

As estatísticas apontavam para o acerto da opção. A expectativa de vida ao nascer (EVN) dos britânicos estava em torno de 72 anos, dois acima da média do OCDE, o clube dos países ricos. Ficava abaixo apenas dos países escandinavos e acima do Japão, que hoje tem a EVN mais alta do mundo: 84,7 anos.

Portanto, para me ater a esse exemplo, o Japão acrescentou 13 anos à vida de um recém-nascido, e o Reino Unido, apenas 9. Outros países superaram os britânicos nesse indicador universalmente utilizado, inclusive nações mais pobres, como Grécia, Portugal e Costa Rica.

No ranking internacional, o Reino Unido —entre os dez países com maior EVN nos anos 1970— hoje ocupa a 27ª posição. Algo não deu certo, é preciso admitir.

E o que não deu certo foi o desinvestimento em serviços de saúde; o contínuo enfraquecimento dos serviços; o desmantelamento de estruturas que promovem a saúde e previnem doenças; a desigualdade em alta, o populismo de recentes governos que deixam tantos para trás, satisfazendo os interesses insaciáveis daqueles insensíveis aos determinantes sociais da saúde.

Após 20 meses de reclusão em casa, no Rio, cheguei a Londres, onde vivem meus filhos e netos. Fiquei feliz por ter podido fazê-lo (quantos na minha faixa etária não sobreviveram?), mas triste ao ver que o país antes modelo tinha perdido terreno.

Como é possível explicar que o Reino Unido, com tanta tradição em saúde pública e tão bons sanitaristas, tenha desperdiçado oportunidades e regredido até mesmo nas medidas para conter o avanço da pandemia por muitos meses?

Que nos sirva de exemplo também no retrocesso. Aqui, o nosso sistema nacional de saúde, o SUS, brindou gerações de cidadãos com o melhor que um sistema público ou privado tem a oferecer sem distinções de classe social. E, mesmo assim, não esteve imune a ataques inescrupulosos dos gananciosos.

Que seja uma advertência para nós. Afinal, não desperdiçamos oportunidades de modo ainda mais flagrante? Não estamos pondo em risco nosso principal trunfo face à pandemia, o combalido, mas admirável Sistema Único de Saúde?

Viva o NHS britânico e o nosso SUS!

Seção discute questões da longevidade

A seção Como Chegar Bem aos 100 é dedicada à longevidade e integra os projetos ligados ao centenário da **Folha**, celebrado neste ano de 2021. A curadoria da série é do médico Alexandre Kalache, ex-diretor do Programa Global de Envelhecimento e Saúde da OMS (Organização Mundial da Saúde)

PROCURANDO NEMO
Atum é comprado pelo restaurante estrelado Onodera Group e pelo atacadista Yamayuki em leilão de ano novo em Tóquio por U$ 145,290 Philip Fong/AFP

ACERVO FOLHA
Há 50 anos
6.jan.1972

Senador rompe com governador e abre crise na Arena de SP

Em uma dura declaração, o senador paulista Orlando Zancaner rompeu, nesta quarta-feira (5), com o esquema político do governador de São Paulo, Laudo Natel, e afastou qualquer possibilidade de entendimento, pelo menos até a convenção regional da Arena —partido de ambos—, no mês de março.

Zancaner anunciou que não participará do chamado "chapão", chapa única que concorrerá para a renovação do diretório da Arena em São Paulo.

Ele também declarou que há pressões nos diretórios arenistas do interior com objetivo de assegurar ampla maioria ao esquema político liderado pelo governador.

FOLHA DE S.PAULO

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Só vou gostar de quem gosta de mim

É preciso ter coragem para sobreviver em tempos de tanto ódio, destruição e violência

Mirian Goldenberg
Antropóloga e professora da Universidade Federal do Rio, é autora de "Uma Bela Velhice"

Em outubro de 2015, tive vontade de celebrar o Dia do Idoso de um jeito bem diferente e especial. Além das palestras que costumo fazer na data, preparei uma "palestra musical" chamada "Velho é lindo!" com a minha banda "Coroas": eu como cantora, meu marido na bateria, um amigo no baixo e outro no violão.

No convite para o evento, escrevi: "'Coroas' é muito mais do que um projeto musical. É um projeto de vida. Nascemos com o propósito de mostrar a beleza das diferentes fases da vida para todos os brasileiros e brasileiras. Queremos revelar que a velhice pode ser reinventada todos os dias, com prazer, alegria e muito humor. Nosso lema é: nenhum poder e o máximo de sabor possível. Queremos reunir homens e mulheres com um só propósito: acabar com as violências, estereótipos e preconceitos que cercam a velhice. Com 'Coroas', queremos provar que: 'Velho é lindo! Viva a bela velhice!'"

Na época, eu fazia aulas de canto só por prazer, sem qualquer expectativa de ser cantora. Por isso mesmo, fiquei muito feliz quando disseram que tenho a voz e o jeitinho de cantar da Nara Leão. Minha banda também sabia que era só diversão, pois nunca pensamos em ganhar dinheiro e fazer sucesso com a nossa "palestra musical".

Cantei doze músicas dos anos 1950 e 1960, intercalando com seis vídeos curtinhos em que apresentei os dados da minha pesquisa sobre envelhecimento e felicidade. Foi a "palestra" mais divertida e emocionante que eu fiz em toda a minha vida.

Uma das músicas do repertório era "Só Vou Gostar De Quem Gosta De Mim". Segue um trechinho do sucesso que Roberto Carlos cantava na Jovem Guarda, em 1967: "De hoje em diante vou modificar o meu modo de vida. Naquele instante que você partiu destruiu nosso amor. Agora não vou mais chorar, cansei de esperar, de esperar enfim. E pra começar eu só vou gostar de quem gosta de mim... Por isso é que eu vou mudar, não quero ficar chorando até o fim. E pra não chorar, eu só vou gostar de quem gosta de mim."

Decidi que o meu mantra de 2022 será: "Só vou gostar de quem gosta de mim".

Podem me chamar de Pollyanna, mas resolvi que só vou gostar de quem alimenta a minha alma e o meu coração de coisas boas, belas e significativas. Não vou desperdiçar meu tempo, meu bem mais precioso, com "vampiros emocionais" que sentem um prazer sádico em destruir, desqualificar, diminuir, machucar e vomitar ódio e maldade. Quero esses "vampiros do mal" bem longe de mim em 2022.

O Google me ajuda quando quero compreender o significado de algumas palavras que passaram a fazer parte da minha vida no ano passado. Afinal, o que são haters?

"Haters significa 'os que odeiam' ou 'odiadores'. O termo é utilizado para classificar pessoas que praticam 'bullying virtual'. Basicamente, o hater é uma pessoa que não está feliz com o êxito, conquista e felicidade de outra pessoa. Assim, prefere atacar, criticar, desqualificar, desvalorizar as ações e vitórias do seu 'alvo'."

O Google ainda me mostrou que existe uma expressão popular na internet: "Haters gonna hate", que significa "odiadores sempre irão odiar". E que a palavra haters também pode ser traduzida como "invejosos ou inimigos". Ou seja: "os invejosos ou inimigos sempre irão odiar".

No ano passado, em um momento em que eu me sentia sem força, energia e saúde, e muito mais vulnerável aos haters que hoje proliferam no mundo virtual e real (e que me fazem ter vontade de desistir de tudo), Guedes, de 98 anos, me deu uma bronca: "Tem que ter coragem, Mirian. Coragem!"

Sempre penso: se o meu melhor amigo tem tanta coragem para sobreviver em um mundo infectado por "odiadores", eu não tenho o direito de desistir só porque os "haters de plantão" sempre irão buscar algum pretexto para odiar, não é mesmo?

Em meio a tantas tragédias, perdas, sofrimentos, tristezas e medos que não me deixam dormir, uma dúvida cruel me angustia: por que tantos brasileiros apoiam e se identificam com "odiadores" que só sabem odiar?

ilustrada

Sertão
Se no livro as batalhas eram entre jagunços, no filme a guerra acontece entre bandidos e policiais, numa periferia

Linguagem
Guel Arraes e Jorge Furtado dizem não terem feito grandes edições no material original, marcado por um uso poético e inovador da língua. Uma das maiores mudanças foi a organização cronológica do relato, de modo a deixar tudo mais palatável para o espectador

Veredas urbanas

Guel Arraes reinventa na tela o clássico de Guimarães Rosa para retratar o Brasil da era Bolsonaro, dominado por milícias

Ana Luiza Albuquerque

RIO DE JANEIRO Dos jagunços para os criminosos urbanos, do sertão para a periferia. Reinventado por Guel Arraes e Jorge Furtado, o clássico "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa, está sendo transformado para chegar às telas de cinema, com estreia prevista para novembro deste ano.

Numa visita ao set no mês passado, esta repórter acompanhou a gravação de uma cena que se passava num baile funk. Ali reluziam roupas douradas e prateadas, paetês, glitter, correntes e bonés. O cenário resultante tinha um quê de distópico, futurista, irreal.

"Fomos criando elementos para 'desrealizar' um pouco. Como se fosse a terceira geração de um mesmo bando, quase uma tribo que já tivesse seus rituais, suas roupas. Fomos alegorizando. Mais na tradição do Glauber Rocha, cineasta, do que do cinema documental", afirma Guel Arraes, diretor do filme.

A adaptação transpôs o sertão para uma gigantesca periferia urbana, cercada por um enorme muro. Enquanto no livro as batalhas são entre grupos de jagunços, no longa-metragem a guerra acontece entre bandidos e policiais.

As personagens principais são as mesmas, presentes na memória de gerações de brasileiros — Riobaldo, vivido por Caio Blat, Diadorim, papel de Luisa Arraes, Joca Ramiro, papel de Rodrigo Lombardi, Zé Bebelo, vivido por Luis Miranda, e Hermógenes, papel de Eduardo Sterblitch.

A adaptação também mantém temas que nortearam a obra de Guimarães Rosa — a guerra, a ética, a coragem e a violência.

"Não é uma questão de cabeça de bandido. É a guerra brasileira. Ela existe desde sempre, se reproduz, se repete. É a nossa tragédia", afirma Arraes.

As gravações terminaram em dezembro, depois de sete semanas de filmagem, meses de ensaio e uma pandemia. A produção calcula que as precauções contra a transmissão do novo coronavírus tenham tomado de 40 a 50 minutos por dia. Para entrar no set, por exemplo, esta repórter teve de fazer um teste rápido de Covid.

"Os ensaios foram mais difíceis porque não podia tirar a máscara", conta a atriz Luisa Arraes, filha do diretor e encarregada de interpretar Diadorim na trama. "Como você vai ensaiar uma cena vendo só o olho da outra pessoa? Mas depois acostumamos."

Continua na pág. C2

Set de filmagem da adaptação de 'Grande Sertão: Veredas', no Rio de Janeiro
Helena Barreto/Divulgação

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

SALA DE ESPERA

O hospital HCor, de SP, registrou na terça-feira (4) o maior volume de atendimentos no pronto-socorro de sua história. De 388 pacientes que buscaram ajuda, 252 tinham quadro de síndrome gripal.

PILA O hospital diz que os atendimentos não param de crescer dia após dia. Na quarta-feira anterior (29), o número de pacientes foi de 153.

DOMÍNIO O perfil epidemiológico dos casos se inverteu: se em 21 de dezembro o vírus influenza H3N2 era responsável por cerca de 40% do atendimento, enquanto a Covid-19 se mantinha abaixo dos 10%, nos últimos dois dias o índice de infectados pelo coronavírus chegou a 43%.

ALTA O HCor ainda registrou salto de 175% no número de pacientes internados com Covid na última semana. Ele passou de oito para 22 doentes.

MÉDIA Já as amostras com resultado positivo para influenza tem variado de 8% a 13% nas coletas dos últimos três dias.

REPETIÇÃO O quadro alarmante se repete em outros hospitais privados da capital paulista —assim como a predominância do coronavírus sobre o vírus influenza.

SALTO Os casos confirmados de Covid-19 no Hospital Israelita Albert Einstein saltaram de 1.665, entre 19 e 25 de dezembro, para 2.697 até 1º de janeiro. Já os diagnósticos de gripe caíram de 2.781 para 1.450. No Hospital Alemão Oswaldo Cruz, o volume diário de pacientes com sintomas respiratórios no pronto-atendimento quadruplicou, quando comparadas a primeira e a última semana de dezembro.

LADEIRA ACIMA No grupo de sintomáticos respiratórios, os pacientes com Covid-19 saltaram de uma média de 1,5% no início do mês para 33%. E os diagnósticos de influenza passaram de 10% para 30%.

SOB CONTROLE Dos pacientes atendidos em dezembro pelo Oswaldo Cruz, apenas 3% necessitaram de internação, sendo 99,3% deles em apartamentos e 0,7% em UTI.

LINHA RETA Os casos de Covid-19 na cidade de São Paulo causados pela onda da ômicron devem atingir seu ápice entre o fim de janeiro e o começo de fevereiro, de acordo com projeções de técnicos da saúde. "Pelos dados que estão sendo coletados em nossas unidades, a curva está começando a apontar para cima de forma intensa. E deve subir numa linha reta, como ocorreu em outros países", diz o secretário municipal da Saúde, Edson Aparecido.

PRESSÃO A pressão nos hospitalar, já grande, aumentará.

SALTO Os atendimentos já aumentaram e os prontos-socorros lotaram. No dia 4 de dezembro, por exemplo, a prefeitura registrou 359 atendimentos por problemas respiratórios. No dia 4 de janeiro, foram 749 atendimentos.

MERGULHO Já as internações baixaram. No dia 4 de dezembro, eram 265 pacientes internados (119 em UTIs e 146 em enfermarias). Em 4 de janeiro, eram 117 (35 em UTIs e 82 em enfermarias).

NAS REDES

@emicida no Instagram

@pathydejesus no Instagram

@manugavassi no Instagram

"Primeiramente, bom dia", escreveu o rapper Emicida 1. A atriz Pathy Dejesus 2 posou para um retrato. A cantora Manu Gavassi 3 celebrou seu aniversário de 29 anos. "Nunca estive tão rodeada de amor", disse

AGORA, SIM O Festival de Jazz do Capão foi aprovado após sofrer três vetos do governo Jair Bolsonaro para captar recursos via Lei Rouanet.

AGORA SIM, 2 O evento foi autorizado a captar R$ 147.290 —e poderá fazer isso até 15 de dezembro deste ano. O recurso seria usado em 2021, mas ficou para 2022 por causa do atraso no processo.

IMBRÓGLIO O primeiro sinal vermelho contra a captação veio em julho, quando o evento se definiu Facebook como "antifascista e pela democracia". A Funarte viu no texto motivo para barrar o festival.

IMBRÓGLIO 2 A edição de 2021 acabou ocorrendo de forma online graças a doações da Fundação Coelho & Oiticica, do escritor Paulo Coelho.

CONSULTA O Museu do Futebol, em São Paulo, vai selecionar seis estudantes do ensino médio paulista para compor seu Comitê Jovem.

COMPROMISSO O grupo irá receber uma bolsa de R$ 380 e participará de reuniões para ajudar a instituição a tornar-se mais atrativa para o público adolescente. Ao todo, eles terão que dedicar quatro horas por mês a atividades presenciais no local, sempre aos sábados.

As inscrições vão até o dia 31

com Ligia Mesquita, Victoria Azevedo, Bianka Vieira e Manoella Smith

Veredas urbanas

Continuação da pág. C1

Segundo Guel Arraes, que dirigiu filmes como "O Auto da Compadecida" e "Lisbela e o Prisioneiro", a oportunidade do filme surgiu por meio do diretor Heitor Dhalia, que havia comprado os direitos da obra.

Arraes conta que ele e Jorge Furtado tinham vontade de falar sobre a violência urbana de um ponto de vista pouco explorado, o dos bandidos. Foi daí que veio a ideia de transportar os jagunços para o cenário da guerra nas cidades.

Decidido o ângulo, eles encararam um novo desafio —transformar a poética particular de Guimarães Rosa em dramaturgia. Para isso, conseguiram na maior parte do tempo aproveitar o material original do autor sem grandes edições, mesmo no caso de cenas que não existiam no livro.

"Se a cena falava de morte, você ia no livro e encontrava frases sobre a morte. O livro nunca nos falhou", diz Arraes.

Ele também teve a preocupação de fazer com que a obra se apresentasse de um jeito mais popular, ou palatável para o espectador. Por isso, o filme segue a ordem cronológica dos fatos, o que não é o caso do livro. Também foi produzida uma série de quatro episódios para a TV Globo.

Filho do ex-governador pernambucano Miguel Arraes, exilado na ditadura, o diretor diz que o filme não fala diretamente de um ponto de vista político. Fala, sim, de um ponto de vista artístico sobre uma questão que a política trata muito mal —a violência urbana.

Ele afirma que tanto a direita, com o discurso do "bandido bom é bandido morto", quanto a esquerda, com soluções a longo prazo, tratam o tema de forma demagógica. Arraes diz que, do ponto de vista artístico, a maneira como Guimarães Rosa aborda a questão é mais grandiosa.

Continua na pág. C3

Globo de Ouro não terá estrelas, que recusaram convite

SÃO PAULO A 79ª edição do Globo de Ouro vai ocorrer em Los Angeles no domingo sem nada do que a caracterizava —sem celebridades, tapete vermelho, imprensa ou público que não seja da Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood, que organiza a cerimônia, ou das instituições de caridade que o prêmio apoia.

O grupo justificou as decisões pelo agravamento da pandemia. Pouco depois, o portal americano Variety revelou que a HFPA, na sigla em inglês, entrou em contato com agentes dos artistas, mas todos disseram não querer participar do evento.

A atitude ocorre em meio a uma onda de boicotes contra o Globo de Ouro devido a denúncias de corrupção e falta de representatividade em seu quadro de profissionais —entre os cerca de 90 membros, não há um único negro.

Não foram divulgados ainda detalhes sobre o modo como os vencedores serão revelados ou como será apresentado o evento. A NBC, que detém os direitos de transmissão do Globo de Ouro, já deixou a parceria de lado, com medo de represálias.

A cerimônia de 90 minutos vai ocorrer no hotel Beverly Hilton e terá momentos dedicados a destacar o lado filantrópico da instituição.

"Nos últimos 25 anos, a HFPA doou US$ 50 milhões para mais de 70 instituições de caridade ligadas ao entretenimento, à restauração de filmes, a bolsas de estudo e a esforços humanitários", disse a associação em nota.

A organização também afirmou que parte da cerimônia será dedicada a detalhar seus esforços para ser mais inclusiva, destacando uma ação com o escritório de Hollywood da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor nos Estados Unidos, com planos para melhorar a diversidade na indústria durante os próximos cinco anos.

Na tentativa de conter a crise, a organização da premiação já contratou 21 novos membros votantes para diversificar o quadro de profissionais, além da imposição de novos regulamentos.

Cena de baile funk gravada para o filme inspirado em 'Grande Sertão: Veredas', adaptada para o cinema por Guel Arraes e Jorge Furtado Aline Helena Barreto/Divulgação

Continuação da pág. C1

O diretor diz que o Brasil é uma "civilização incrível", mas tem um lado violento. "Agora mesmo com Bolsonaro, isso ficou muito evidente, quando os monstros saíram do armário."

Interpretando Riobaldo, personagem principal, Caio Blat é mais enfático ao relacionar o filme ao momento político do país. "A gente tem a Presidência da República tomada pelo apoio direto de milicianos. 'Grande Sertão' é uma obra que se repete, como se fosse circular. É essa a história do Brasil", diz.

Blat conta que, no mesmo dia em que foi filmada uma cena em que policiais levavam garotos para serem assassinados no alto da favela, ao menos nove pessoas foram mortas pela Polícia Militar no Complexo do Salgueiro. "Olhamos para trás, estava a polícia de verdade apontando o fuzil para a gente, e tinha acabado de acontecer uma chacina."

Luisa Arraes considera o filme o maior desafio de sua vida e diz que se pudesse interpretaria esse livro para sempre. Na trama, a atriz interpreta Diadorim, que na obra original é um jagunço que vive um amor com Riobaldo. Ao fim do livro, publicado em 1956, é revelado que a personagem era do sexo feminino.

Com a atualização das discussões sobre gênero, a abordagem será diferente no filme —Diadorim poderia ser considerada, por exemplo, uma pessoa não binária. A questão não será discutida diretamente, mas Guel Arraes diz que esse é o principal tema comportamental na adaptação.

Rodrigo Lombardi, agora no papel de Joca Ramiro, chegou a interpretar o autor Guimarães Rosa em "Passaporte para Liberdade", minissérie da Globo. No novo filme, ele diz que teve dois desafios. O primeiro foi encaixar a poesia do autor na força bruta exigida pelas cenas. O segundo desafio foi tentar entender o universo de Guel Arraes.

"Costumo dizer que a gente está fazendo uma obra de 'Guelmarães'. A cara do Guel está muito no filme. Demorei um pouco para entender esse movimento, mas depois que entendi foi só curtição, um prazer", lembra o ator.

Lombardi diz que Guimarães Rosa era um inventor de palavras e que o livro deve ser lido sem titubear. "Ele bate em você e cria uma sensação. A leitura tem que ser corrida. O filme faz isso por você. O ritmo do Guel é o ritmo que a gente tem que ter na leitura do Guimarães. Tem que ser muito fluido", afirma.

Único ator negro entre os principais, Luis Miranda foi escalado para viver o coronel Zé Bebelo, anteriormente imaginado para ser interpretado por Lázaro Ramos. Guel Arraes diz que, com exceção de Riobaldo, o personagem é o mais rico e humanizado da trama, "uma das melhores construções do Guimarães". "Era preciso ter um herói negro."

Miranda concorda que Zé Bebelo é um grande herói e diz que o papel foi um presente. "Talvez a polícia seja a que mais oprime os negros. Trazer um Zé Bebelo negro, com ética de comportamento, de julgamento, me parece pertinente. É pertinente que o chefe da lei e o grande herói seja um negro", afirma.

Entre os temas levantados pelo filme, o ator lembra a ética, a diversidade na figura de Diadorim, e também certo "apelo sociológico" ao falar sobre uma sociedade "em declive, degenerada, perversa".

"Acho que se encontra bem com esse momento Bolsonaro. Uma sociedade cruel, que quer fazer festa enquanto tem gente morrendo no hospital, nossos artistas querendo vender seus abadás. A gente está falando disso."

Set de filmagem da adaptação de 'Grande Sertão: Veredas' no Rio de Janeiro

Detalhe do pôster de 'Roda do Destino', filme do diretor japonês Ryusuke Hamaguchi Divulgação

Ryusuke Hamaguchi aposta no acaso e na imaginação em 'Roda do Destino'

Cineasta japonês, que disputa o Globo de Ouro com 'Drive My Car', explora o real e o irreal da vida

Henrique Artuni

são paulo Uma mulher conta a sua amiga sobre uma nova paixão, um homem sensual, mas não atirado. Nos poucos encontros que tiveram ela descobre que ele ainda está na ressaca de uma paixão recente, violenta. E a mulher segue contando todos os detalhes para a companheira, no banco traseiro de um táxi.

As escolas de roteiro vão desaconselhar que a interlocutora seja o tal embuste, a menos que seja um melodrama, uma comédia romântica pastelão. Mas o cinema de Ryusuke Hamaguchi, que mistura vários gêneros, prefere deixar se surpreender.

"Trabalhar com o acaso é criar a partir do real e do irreal, com aquilo que acontece, mas que você não pensa que vai ocorrer", conta o cineasta em entrevista. A cena de abertura em questão é de "Roda do Destino", que estreia agora nos cinemas do país, e é só uma das coincidências que povoam as histórias do filme.

O longa reúne três histórias curtas, todas versando sobre como o acaso impacta e pode radicalmente mudar a vida das pessoas. A estrutura de vários contos em paralelo lembra declaradamente a de "Rendezvous em Paris", do francês Éric Rohmer, influência evidente, bem como a do americano John Cassavetes ou mesmo de Jacques Rivette.

Para trabalhar com a sorte sem parecer artifical, Hamaguchi diz que sua estratégia foi abraçar essas situações e deixar tudo claro desde o começo. "O título, na tradução direta do japonês, seria acaso e imaginação", conta. "Quando alguma coincidência surge em um filme qualquer, as pessoas costumam estranhar. Mas, como eu já deixei claro no nome, surpreendentemente, deu certo", ele afirma.

Na primeira história, chamada "Magia (Ou Algo Parecido)", a amiga é, de fato, a ex-namorada que, depois do papo, vai tirar satisfação com o rapagão — que continua, obviamente, de quatro por ela.

Já em "Porta Escancarada" uma mulher não consegue vingar um amigo porque fica encantada pelo livro do professor que humilhou o rapaz. Aqui, uma cena resume a visão do cineasta sobre erotismo e desejo por meio da palavra.

"Trabalho com a expressão do desejo porque é algo que as pessoas conseguem identificar", conta Hamaguchi, que se tornou mais reconhecido em 2015, com o épico "Happy Hour", em que acompanha dramas cotidianos de quatro amigas por mais de cinco horas. "Mesmo que um filme seja difícil de entender à primeira vista, elementos como amor e sexo nos aproximam."

Seus últimos trabalhos têm se debruçado com maior atenção sobre personagens femininas, como em "Asako 1 & 2", de 2018, sobre uma menina que se apaixona por dois rapazes idênticos em momentos diferentes. "As diferenças sociais entre homem e mulher no Japão impactam a sociedade, mas, quando escrevo, trabalho os gêneros de forma igual", afirma o diretor.

Em "Drive My Car", de 2021 — que concorre agora ao Globo de Ouro, está na corrida pelo Oscar de melhor filme internacional e povoou listas de melhores filmes do ano —, o protagonista é um diretor de teatro que ensaia uma montagem de "Tio Vânia", de Anton Tchekhov. Porém, é "assombrado" — de uma maneira peculiar, que cabe não revelar — pela sua esfíngica mulher.

"'Parasita' e trabalhos de diretores excelentes, como Hirokazu Kore-eda, realmente abriram caminho para os cineastas asiáticos serem mais reconhecidos", ele comenta, lembrando as indicações.

Mas, apesar das referências mais evidentes, Hamaguchi lembra a importância do documentário na sua carreira. Em 2011, ele fez uma série de filmes com sobreviventes do grande terremoto no leste do Japão, que matou quase 16 mil pessoas. "Foi um momento decisivo na minha carreira. Eu me interessei em saber quem eram aquelas pessoas antes da tragédia. Fiquei com vontade de levar aquelas pessoas reais para a ficção e experimentei no 'Happy Hour'", ele lembra.

Esse conflito entre a verdade e o imaginado está, por fim, em "Mais uma Vez", que encerra "Roda do Destino" com o reencontro de amigas de longa data na escada rolante do metrô. Mas ambas descobrem estar cometendo um engano e têm de confiar em suas memórias e no poder da imaginação para preencher uma distância incerta, já que a internet nesse mundo foi abolida depois de um vírus global.

"Estamos num mundo em que todos falam a todo momento, e fica difícil saber quem devemos ouvir. Esporadicamente poderíamos parar de usar as redes e explorar outras formas de comunicação", o diretor recomenda.

Nesse sentido, o japonês parece evocar, involuntariamente, alguma afinidade com o brasileiro Eduardo Coutinho — paralelo citado primeiro pelo crítico Filipe Furtado. "Todas as conversas são negociações de desejos", dizia o mestre por trás de "Edifício Master" e "Santo Forte", para quem um relato convicto era mais potente do que qualquer recriação cênica. Essa relação se aprofunda em "Moscou", de 2007, em que o diretor, assim como o protagonista de "Drive My Car", reúne atores para ensaiar uma peça de Tchekhov.

À parte a paixão pelo russo, o brasileiro e o japonês compartilham o amor pela palavra bem dita, as conversas e o imprevisível. Os diálogos em Ryusuke Hamaguchi podem ser extensos, mas acabam por hipnotizar o espectador com uma espontaneidade ímpar.

"Talvez para os falantes nativos de japonês, possa parecer que não é tão natural assim", compara o cineasta. "Uma das coisas que eu faço é pedir que eles leiam as falas, sem nenhuma emoção, e, na filmagem, se eles sentirem alguma coisa, isso pode ser expressado. Talvez isso traga alguma naturalidade, afinal."

É a mesma técnica que o protagonista do longa-metragem usa com o seu elenco. No filme-ensaio "Moscou", Coutinho deixa claro que, seja entrevistando moradores de um lixão da periferia do Rio de Janeiro, seja encenando um texto de 1901, importa o ato de contar histórias e capturar a verdade da filmagem — considerando que a verdade crua não existe.

Morto em 2014, Coutinho nunca deixou que espectadores saíssem das salas de cinema sem uma pulga atrás da orelha sobre o que era a vida em cena e o que era a realidade fora dela. Por enquanto, Ryusuke Hamaguchi também não.

Roda do Destino

Japão, 2021. Direção: Ryusuke Hamaguchi. Com: Kotone Furukawa, Kiyohiko Shibukawa e Katsuki Mori. 16 anos. Em cartaz

Woody Allen ataca a indústria do cinema em 'O Festival do Amor'

Libelo do diretor contra uma arte que virou mercado repete, no entanto, os clichês que atravessam toda a sua obra

CINEMA
O Festival do Amor
★★★
Espanha, EUA, Itália, 2020. Direção: Woody Allen. Com: Wallace Shawn, Gina Gershon e Louis Garrel. 12 anos. Nos cinemas

Sérgio Alpendre

A cada estreia de um filme de Woody Allen, não são poucos os críticos que lembram a falta de criatividade do diretor nos últimos anos ou a necessidade de separar o criador da obra para julgar um filme pelo que ele é, não pelas acusações de abuso e pedofilia que têm prejudicado a carreira do cineasta há alguns anos.

Há também a ideia de que ele faz "sempre o mesmo filme", com características que se repetem e o humor verborrágico padrão em seu cinema.

Não será "O Festival do Amor" que romperá esse círculo vicioso de recepção, tanto por não ser uma de suas obras mais inspiradas, como por ter os mesmos elementos que têm provocado críticas à sua carreira recente, por mais que "Magia do Amor", de 2014, "Café Society", de 2016, e "Roda Gigante", do ano seguinte, sejam admiráveis.

O novo filme leva o cineasta à belíssima San Sebastián, no norte da Espanha, onde acontece a cada ano um festival de cinema dos mais prestigiados. Seu alter ego é o personagem de Wallace Shawn, um professor de cinema chamado Mort Rifkin, casado com Sue, uma agente publicitária vivida por Gina Gershon. Ele a acompanha ao festival para o lançamento do novo filme de Philippe, um jovem e promissor cineasta interpretado pelo francês Louis Garrel.

O paralelo que se pode fazer é com "Dirigindo no Escuro", sátira mordaz do mundo do cinema, em que a crítica francesa gosta de filmes mal dirigidos. Essa crueldade de observação e ironia é bem menor em "O Festival do Amor".

Como o cineasta está mesmo acomodado, este último oferece mais uma trama simples de relacionamentos em crise, na qual Sue se apaixona por seu cliente e Mort se apaixona por uma médica, interpretada por Elena Anaya.

Algumas falas de Mort parecem mesmo sátiras, como as que defendem, em termos bem simplórios, a superioridade dos mestres europeus da nouvelle vague e outros movimentos de cinema moderno sobre o cinema americano, que seria de entretenimento.

Se há um bom motivo para vermos este novo filme do cineasta, ele é menos a encenação, inferior à dos primeiros filmes com Vittorio Storaro, do que na costumeira acidez de algumas falas, sobretudo as de Mort, como também na performance do elenco.

Wallace Shawn faz razoavelmente bem o típico protagonista de Allen, o nova-iorquino neurótico e hipocondríaco. Elena Anaya entra na imensa galeria de grandes interpretações femininas no cinema do diretor, Sergi López está ótimo como o marido da médica e Gina Gershon convence bem como a mulher dividida entre a empostada seriedade do marido e a frivolidade dos festivais de cinema.

A caracterização de Philippe como um jovem diretor de falas tolas e hábitos caricaturais é outro acerto. Além de aproveitar a baixa capacidade interpretativa de Louis Garrel, soa como uma crítica de Woody Allen à transformação do cinema em mercado e à toda a indústria de celebridades.

A crítica mais inteligente do filme novo filme de Woody Allen, porém, é uma fala do próprio Philippe. "Hoje em dia, qualquer filme que trata da realidade é tomado pelos críticos como arte" diz o personagem de Garrel. Esse parece ser o libelo de Allen contra os oportunistas do cinema sociológico e pelo imaginário como motor vital para toda a criação artística.

Gina Gershon em cena do filme 'O Festival do Amor', dirigido por Woody Allen Quim Vives/Divulgação

A guerra do esporte na TV

Disputa pelos direitos de transmissões esportivas ganha uma nova dimensão no ano que começa agora

Mauricio Stycer
Jornalista e crítico de TV, autor de "Topa Tudo por Dinheiro". É mestre em sociologia pela USP

Cinco empresas diferentes vão oferecer partidas do Campeonato Paulista de futebol, entre 26 de janeiro e 3 de abril. É uma variedade de opções sem precedentes na história recente das transmissões esportivas no Brasil. E sinaliza uma tendência para os próximos anos.

A Record adquiriu os direitos de exibição de 16 partidas na TV aberta. O YouTube também exibirá gratuitamente 16 jogos na internet. Assinantes de HBO Max e TNT terão acesso a 28 jogos, 13 deles com exclusividade. O Premiere, canal de pay per view da Globo, comprou os direitos de 97 partidas. E a própria Federação Paulista, por meio da sua plataforma Paulistão Play, venderá um pacote para assinantes.

Esse modelo fragmentado decorre do crescente interesse de empresas estrangeiras e brasileiras pelo mercado de transmissões esportivas no Brasil e de uma movimentação errática da Globo nos últimos anos.

A principal empresa de comunicação do país exerceu no passado recente um domínio quase completo sobre esse mercado, comprando direitos para exibição de competições na TV aberta, na TV por assinatura e no streaming. Com a queda de receitas durante a pandemia e o esforço de redução de custos internos, a Globo entendeu que precisava rever os contratos milionários que asseguravam exclusividade em vários competições.

Em negociações duras e complexas, em 2020 e 2021, a emissora carioca descartou ou perdeu os direitos de campeonatos regionais em São Paulo e Rio de Janeiro, Libertadores, Fórmula 1, Champions League e Copa América. Na TV aberta, SBT, Band e Record ocuparam rapidamente o espaço deixado pela emissora carioca e renegociaram os direitos de exibição de todas essas competições.

Em dezembro, a Globo anunciou a revenda dos direitos de 36 partidas da Copa do Brasil (30 delas com exclusividade) para o Amazon Prime Video. Com o valor a ser recebido, a emissora abate uma parte dos R$ 350 milhões que paga anualmente para a CBF pelos direitos desse torneio.

Pelo que movimentam em matéria de receitas e de audiência, as competições esportivas seguem como um dos produtos mais desejados e valiosos do mercado de televisão, aqui e no exterior.

Nos Estados Unidos, dos 20 programas com maior audiência em 2021, 19 foram transmissões esportivas (sobretudo de futebol americano). Em 2020, exibições de competições foram 13 das 20 maiores audiências da TV americana.

Esses dados não incluem os serviços de streaming. Várias plataformas estão investindo pesado neste terreno, e outras pensam a respeito. Em setembro, o CEO da Netflix, Reed Hastings, falou que não descarta comprar futuramente os direitos da F 1. Segundo ele, o interesse por campeonatos de futebol é menor porque a empresa não pode controlá-los inteiramente.

Um efeito lateral deste interesse por esportes é a variedade de documentários com essa temática hoje oferecido em todas as plataformas. Um dos mais recentes é "Jogo Comprado", disponível na Netflix. Recomendo. É uma boa série com seis episódios independentes, tendo apenas um aspecto em comum: esportistas envolvidos em atividades ilícitas.

Dois episódios tratam de atletas (de basquete e críquete) que se corromperam para influir em resultados de partidas e beneficiar apostadores. Dois outros reconstituem escândalos de manipulação de árbitros (nos Jogos Olímpicos de Inverno e no futebol italiano). E, finalmente, dois contam histórias de criminosos que se envolveram com ambientes esportivos (automobilismo e hipismo). É o lado B de um mundo que envolve muito dinheiro.

Fernanda Torres
A colunista está em férias

Negacionista para a torcida

Janaina Paschoal joga para o público usando a cabeça do brasileiro como bola

Flávia Boggio
Roteirista. Escreve para programas e séries da TV Globo

A deputada estadual Janaina Paschoal causou polêmica, no início da semana, ao pôr em dúvida, nas redes sociais, a eficácia das vacinas. Segundo a deputada, "vivemos um momento tão intrigante, que pessoas vacinadas, com todas as doses, pegam Covid e recomendam a vacinação. Parece piada! Ninguém acha, no mínimo, curioso?"

Em seguida, ela justificou a obstrução intestinal do presidente Jair Bolsonaro como sendo decorrência de "olho gordo". O fato de achar que vacinas não são eficazes, mas mau olhado, sim, deixa suspeitas de que a deputada sofre também de obstrução — no caso dela, cerebral.

Janaina já havia defendido a liberdade do cidadão de se vacinar, mas tentou proibir exigência de vacinação em empresas. Para ela, liberdade é só para quem lhe interessa.

A deputada também insinuou que, já que empresas obrigam seus funcionários a se vacinarem, também deveriam exigir passaporte de vacina para "pegação" no Carnaval.

Está claro que ela está interessada em angariar votos da direita negacionista na sua tentativa de eleição ao Senado. Para isso, aproveita as redes sociais para criar teorias conspiratórias tão desmioladas quanto seu discurso de impeachment. A deputada joga para a torcida usando a cabeça do brasileiro como bola.

Mas voltemos à afirmação de que pessoas vacinadas pegam Covid. Antes de fazer seu post, a deputada poderia dar um Google e conferir que a imunização não impede de contrair o vírus, mas evita a gravidade e morte pela doença.

Segundo o raciocínio da deputada, seria estranho pessoas que usam cinto de segurança e se machucam em acidente de carro recomendem, vejam só, o uso de cinto de segurança.

Ou indivíduos que escovam os dentes, usam fio dental, fazem enxágue e, mesmo assim têm cárie, não abram mão da higiene bucal. Ou cidadãos que têm pés e pegam bicho do pé insistam em andar descalços ou, até mesmo, ter pés.

Para a aspirante a senadora, pessoas que estudam direito, fazem doutorado e falam bobagem, como ela, não deveriam nem fazer faculdade. Mas, nesse caso, ela teria razão.

Galvão Bertazzi

DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | **SEX. Renato Terra** | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Autores latinos falam de suas influências em série documental

Lobo de Lobo - A Literatura Latino-Americana
Curta!, 21h30, livre
Dirigida por Daniel Augusto e produzida pela Pacto Filmes, esta série em cinco episódios traz escritores latino-americanos contemporâneos se "encontrando" com seus antecessores através dos livros que estes deixaram. Na estreia, Conceição Evaristo fala de sua relação com Carolina Maria de Jesus. Os próximos episódios trazem a argentina Mariana Enriquez, o mexicano Jorge Volpi, o colombiano William Ospina e a uruguaia Inés Bortagaray.

Isto Não É um Enterro, É uma Ressurreição
Para compra ou aluguel em diversas plataformas, 12 anos
A pequena nação de Lesoto, encravada na África do Sul, conquistou aplausos com este filme, sua única aparição no Oscar até hoje. Na trama, uma viúva idosa lidera a resistência de sua aldeia contra o reassentamento forçado.

Fedro
Stars, 16 anos
Reynaldo Gianecchini estreou no teatro Oficina sob a batuta de José Celso Martinez Correa. Ator e diretor se reencontram 20 anos depois no longa de estreia de Marcelo Sebá, para ler "Fedro", de Platão, e conversar sobre a arte e a vida.

Shirley
Globoplay, 16 anos
Elisabeth Moss faz uma escritora de livros de terror que hospeda um jovem casal em sua casa. Os recém-chegados provocam uma crise entre a anfitriã e seu marido.

Clube do Terror
Amazon Prime Video, 10 anos
Na segunda temporada da série em formato de antologia, adolescentes se reúnem à meia-noite para contar histórias assustadoras.

O Novo Vintage
HGTV, 22h40, livre
A nova temporada do reality acompanha o casal Jessie Rodriguez e Tina Rodriguez, que compra, restaura e revende casas antigas e abandonadas.

Como Treinar Seu Dragão 3
Globo, 22h45, livre
No terceiro longa da franquia em animação, o garoto Soluço tenta salvar seu dragão Banguela de um caçador, que tenta atrair o bicho com uma fêmea de sua própria espécie.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

GODOKU

texto.art.br/fsp

	F		A					U
		L		H	U	O		
G	A	U		B		L		
			O		B	G		
		B	L		H			
		G		U		A	L	O
		O	H	L		T		
F					G		B	

As regras do Godoku são simples: o jogador deve preencher o quadro maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que os espaços em branco contenham as letras presentes no diagrama. As letras não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid. No destaque será lido o nome de um animal ruminante.

SOLUÇÃO

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. São quatro em um maço de baralho / Ponto 2. Desse jeito / Pessoa ou coisa masculina de quem se fala 3. Unidade de Pronto Atendimento / Enfeitar, decorar 4. Nascido no país que tem Beirute como capital 5. Tornar a fazer ou a dizer o que já se tenha feito ou dito 6. Necessidade de optar entre duas alternativas / Ugo Foscolo, escritor italiano 7. O personagem de Spielberg que gerou uma das maiores bilheterias da história do cinema / Alugado 8. Colocar algo em outra coisa ou numa pessoa / Um solvente usado em pintura 9. Pagamento extra dado pela empresa ao empregado a título de prêmio 10. Peixe carnívoro, comum nos rios da bacia do São Francisco e da Prata 11. Animais como o urubu e o socó / A cantora Lee, de "Reza" 12. Maria-mole e pé de moleque / (Fig.) Qualquer coisa bem doce 13. O símbolo do voo / O estado de Picos e Piripiri

VERTICAIS
1. O romancista fluminense Pompeia (1863-1895) / Uma representante do povo 2. A alma do homem / Pais da mãe 3. A escritora chilena Allende, de "A Casa dos Espíritos" e "Paula" / Tipo de violino rudimentar 4. A última nota / Um presente do noivo / Parte essencial de alguma coisa 5. Avião provido de um só propulsor / Sigla do estado de Ribeirão Preto 6. Fazer nova imunização preventiva para maior segurança 7. Ansiosa, preocupada / A carta que não pode ser respondida 8. Essa mulher / Sem inteligência, sem delicadeza / Ímpio 9. Grande peixe marinho, de ótima carne / A indústria automobilística que fabrica o Fiesta e o Ka

HORIZONTAIS: 1. Reis, Item, 2. Assim, Ele 3. Upa, Ornar 4. Libanês 5. Renova 6. Dilema, UF 7. ET, Locado 8. Pôr, Thinner, 9. Abono, 10. Tabarana, 11. Aves, Rita, 12. Doces, Mel, 13. Asa, Piauí. **VERTICAIS:** 1. Raul, Deputada, 2. Espírito, Avós, 3. Isabel, Rabeca 4. Si, Anel, Base, 5. Monomotor, SP 6. Revacinar, 7. Tensa, Anônima 8. Ela, Rude, Ateu, 9. Mero, Ford, Ka

guiafolha

Cartaz de 'A Terra É Plana', documentário da Netflix sobre terraplanistas, pessoas que acreditam que a Terra tem um formato plano Fotos Divulgação

Veja 10 filmes sobre fake news e negacionismo no streaming

Na onda de 'Não Olhe para Cima', obras discutem Terra plana e crise do clima

Nathalia Durval

SÃO PAULO Você já viu "Não Olhe para Cima"? Essa pergunta, que se tornou a nova "você já viu 'Bacurau'?", vem causando frisson nas redes sociais nas últimas semanas.

O filme da vez, dirigido pelo vencedor do Oscar Adam McKay e lançado pela Netflix, causa burburinho principalmente por ironizar a sociedade da pós-verdade e os nossos tempos de negacionismo.

A trama apresenta dois astrônomos que descobrem que um meteoro vai colidir com a Terra e destruir o planeta. Eles compartilham a notícia catastrófica com a presidente dos Estados Unidos e com a imprensa americana, só que ninguém dá muita bola. E, apesar de fotos e estudos científicos, pipocam teorias de que o tal meteoro não existe.

Qualquer semelhança com a realidade não é mera coincidência. Apesar de soar exagerada, a história foi vista como uma sátira dos negacionistas atuais, sobretudo ao abordar temas como o impacto das fake news e a manipulação de campanhas políticas.

Mas "Não Olhe para Cima" não é o único filme que fala sobre isso. Há um universo cinematográfico que joga luz, de diferentes formas, sobre as teorias da conspiração mais bizarras e a luta contra a verdade. Confira uma lista com produções para quem gostou do novo sucesso da Netflix.

2020 Nunca Mais

Dos criadores da série "Black Mirror", o falso documentário da Netflix relembra os principais acontecimentos de 2020 e aposta no sarcasmo para zombar de negacionistas e de teorias conspiratórias. É o caso de uma assessora de imprensa de Trump que diz que a Ucrânia não existe e da dona de casa que acredita que a vacina contra o coronavírus implanta um chip nas pessoas.

EUA, 2020. Direção: Al Campbell e Alice Mathias. Com: Samuel L. Jackson, Hugh Grant e Lisa Kudrow. 12 anos. Na Netflix

A Campanha Contra o Clima

O documentário mostra como as maiores petroleiras do mundo financiam há décadas campanhas que dizem que o aquecimento global não existe — fake news ambiental espalhada ainda hoje por negacionistas como o ex-presidente americano Donald Trump e o ex-ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo.

Dinamarca, Finlândia, Noruega, Suíça e Bélgica, 2020. Direção: Mads Elleso. Livre. Disponível para aluguel no YouTube

Cercados

Lançado no fim de 2020, o documentário sobre a atuação da imprensa durante a pandemia de Covid-19 no Brasil acompanha os bastidores do trabalho de jornalistas de diferentes veículos, entre eles a **Folha**, e exibe as dificuldades no combate ao negacionismo e às fake news sobre o vírus que já matou cerca de 620 mil pessoas no país.

Brasil, 2020. Direção: Caio Cavechini. 10 anos. No Globoplay

A Conspiração Antivacina

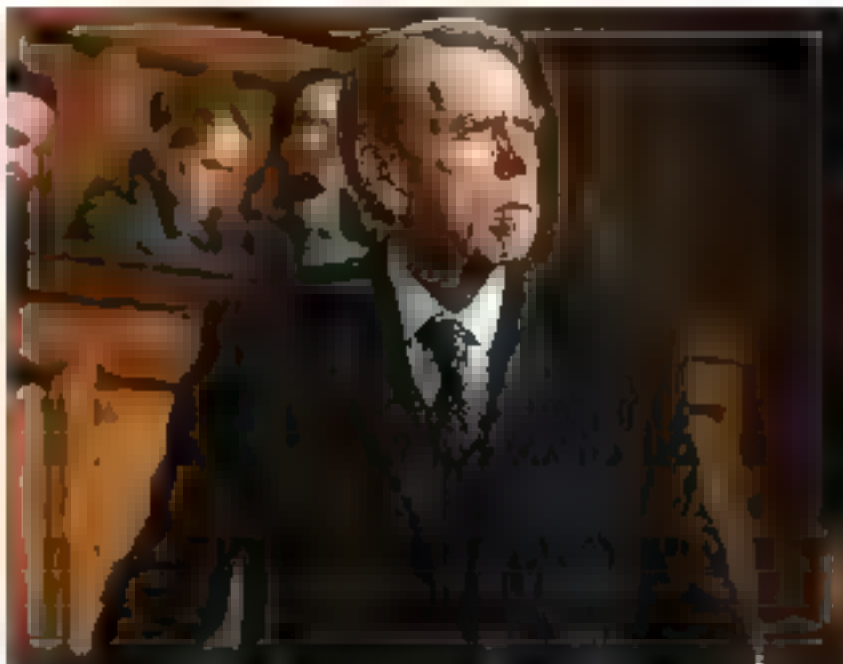
Este é outro documentário a explorar a desinformação em tempos de Covid-19. A produção conta como surgiu o movimento antivacina, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, encabeçado por nomes como Andrew Wakefield, médico britânico que publicou em 1998 um estudo manipulado em que relacionava o autismo ao uso da vacina tríplice viral, que protege contra sarampo e caxumba.

França, 2021. Direção: Colette Camden. 12 anos. Na HBO Max

Depois da Verdade: Desinformação e o Custo das Fake News

A partir de vários casos, a produção documental da HBO examina o universo das fake news nos Estados Unidos, em especial o seu uso em campanhas políticas, e as consequências da desinformação, das teorias da conspiração e das notícias falsas na sociedade.

EUA, 2020. Direção: Andrew Rossi. 12 anos. Na HBO Max

A atriz Meryl Streep em cena do filme 'Não Olhe para Cima'

O ator Timothy Spall em trecho de 'Negação', filme de 2016

Fake News: Baseado em Fatos Reais

Os produtores do documentário, lançado em 2017, percorrem diferentes países, entre eles Rússia e Macedônia, e entrevistam jornalistas, pesquisadores e até um jovem de 19 anos que ganha dinheiro publicando notícias falsas na internet. A partir dessas conversas, mostram o início do fenômeno das fake news no mundo, termo que começava a se popularizar naquela época.

Brasil, 2017. Direção: André Fran e Rodrigo Cebrian. Livre. No site Canais Globo

Não Olhe para Cima

No filme da Netflix, dois astrônomos descobrem que um cometa está vindo em direção à Terra e deve causar a destruição do planeta. Eles tentam compartilhar a descoberta apocalíptica com o governo e a imprensa, mas ninguém parece dar bola e teorias negacionistas passam a circular.

EUA, 2021. Direção: Adam McKay. Com: Leonardo DiCaprio, Jennifer Lawrence e Meryl Streep. 16 anos. Na Netflix

Negação

O filme é baseado na história de Deborah Lipstadt, pesquisadora americana que é processada por David Irving, um negacionista que afirma que o Holocausto nunca existiu e a acusa de difamação. O embate jurídico ocorreu de verdade em 1996 na Inglaterra.

EUA e Reino Unido, 2016. Direção: Mick Jackson. Com: Rachel Weisz, Tom Wilkinson e Timothy Spall. 12 anos. Para aluguel no iTunes e YouTube

Privacidade Hackeada

A produção é mais uma a examinar as fake news ao explicar o caso da Cambridge Analytica, empresa que influenciou a eleição de Donald Trump e a campanha a favor do brexit, no Reino Unido, a partir da apropriação de dados de usuários de redes sociais e à propagação de notícias falsas.

EUA, 2019. Direção: Karim Amer e Jehane Noujaim. 14 anos. Na Netflix

A Terra É Plana

Pode parecer contrassenso acreditar que a Terra é plana mesmo depois de séculos de ciência e de o homem visitar o espaço incontáveis vezes. Mas ainda há terraplanistas entre nós. Este documentário entrevista algumas dessas pessoas, líderes do movimento nos EUA, e também cientistas que tentam explicar a bizarrice dessa crença.

EUA, 2018. Direção: Daniel J. Clark. 12 anos. Na Netflix

ESTREIAS DA SEMANA

SÃO PAULO Enfim 2022 chegou, e os cinemas seguem com o fluxo de estreias após um ano de adiamentos e de um segundo semestre cheio de blockbusters.

Como não poderia deixar de ser, o ritmo da primeira semana do ano ainda é lento — mesmo assim, os lançamentos que tomam as salas têm opções variadas, caso do novo de Woody Allen e da animação "Sing 2".

Se resolver sair de casa para ir ao cinema, não deixe de seguir as orientações de prevenção contra o coronavírus. Mantenha as mãos higienizadas, use uma máscara adequada e não tire a proteção do rosto durante a exibição. **Henrique Artuni**

O Festival do Amor
★★★

No novo longa de Woody Allen, seu alter ego é um professor de cinema que sai da sua amada Nova York para acompanhar a mulher no festival de San Sebastián, na Espanha, onde ela assessora um badalado cineasta. O galã vivido por Louis Garrel não desgruda da mulher e, enquanto isso, o professor passeia pela cidade em busca de novos horizontes, esquivando-se do sorriso falso no qual está mergulhado o ambiente artístico.

Espanha, EUA e Itália, 2020. Direção: Woody Allen. Com: Wallace Shawn, Louis Garrel e Gina Gershon. 12 anos

King's Man - A Origem
★★

No início do século 20, um tirano grupo de criminosos desperta a criação da ordem de agentes britânicos independentes e dispostos a salvar o mundo. Ralph Fiennes é o protagonista deste terceiro filme da franquia, que mostra os acontecimentos anteriores aos longas que trazem os atores Colin Firth e Taron Egerton como personagens principais.

Reino Unido, 2021. Direção: Matthew Vaughn. Com: Ralph Fiennes, Gemma Arterton e Rhys Ifans. 14 anos

My Hero Academia: Missão Mundial de Heróis

Neste filme da famosa série de anime e mangá, a trupe de jovens super-heróis tem apenas duas horas para salvar a Terra de uma organização que quer explodir uma série de bombas ao redor do planeta e eliminar todos aqueles que têm um poder singular.

Japão, 2021. Direção: Kenji Nagasaki. 12 anos

Roda do Destino
★★★★

Três histórias curtas movidas pelo acaso. Uma menina descobre o novo romance do ex. Outra não cumpre o pedido de um amigo e acaba destruindo sua vida. E, por fim, uma mulher acredita ter reencontrado uma figura importante de seu passado. Recheado de extensos diálogos, o longa do japonês Ryusuke Hamaguchi faz uma ode ao desejo e à imaginação.

Japão, 2021. Direção: Ryusuke Hamaguchi. Com: Kotone Furukawa, Kiyohiko Shibukawa e Katsuki Mori. 16 anos

Sing 2
★★

A sequência da animação da Illumination traz a turminha de animais — que replica o universo do showbiz e usa o repertório musical da Universal — em busca de um lendário astro do rock que está recluso para integrar uma apresentação que deve ficar para a história.

EUA, 2021. Direção: Garth Jennings. Com: Wanessa Camargo, Fiuk e Léo. Livre

turismo

São Pedro oferece emoção em níveis moderados

Perto da capital, cidade mistura contemplação a frio na barriga com atrações como a tirolesa light e os passeios de balão

Daigo Oliva

SÃO PEDRO Enquanto aguardam a vez para se jogar na tirolesa que oferece a serra do Itaqueri como cenário, os visitantes da cidade de São Pedro discutem o quão dramático será o trajeto. Na fila, observam instrutores espirituosos virando de cabeça para baixo enquanto deslizam a 60 metros de altura.

O temor inicial logo vira descontração quando percebem que a proposta ali é curtir a vista sem morrer de medo, e a dúvida que sugava a alma de muitos foi resolvida com sucesso: com jeitinho, era possível segurar o celular e filmar a si mesmo no caminho que tem, ao todo, 500 metros, já que a velocidade no percurso agrada quem quer emoção em níveis bem moderados.

Próxima a Brotas, referência entre destinos de aventura, São Pedro, a cerca de 190 km de São Paulo —não confundir com Águas de São Pedro—, busca outro nicho. Lá, até é possível sentir frio na barriga, mas o que prevalece é a contemplação, na tirolesa, em passeios de balão —e até na parte gastronômica.

Afinal, depois de comer iguarias interioranas, como um inacreditável pirulito de torresmo ou uma costela que passou horas no bafo, o que resta é olhar o horizonte enquanto se faz a digestão.

Rogério Boaventura, do Rancho da Tirolesa, diz ter projetado o empreendimento justamente para que o local não ficasse restrito a "jovens em busca de adrenalina". Por isso, além dos cabos de aço para deslizar suavemente, oferece passeios de pônei e, uma vez por ano, um luau que "só toca música retrô". "Quando é rock, é retrô, quando é MPB, é Milton Nascimento, então os jovens não aparecem", explica ele.

Em dias regulares, o rancho, que não cobra entrada nem consumação mínima, atrai casais e famílias que buscam o que Boaventura chama de "refeições rurais" com muita natureza em volta.

Crianças podem ir sozinhas na tirolesa, desde que tenham pelo menos 40 kg —caso o peso seja inferior ao limite mínimo, um instrutor acompanha a pessoa, e a soma total deve ser de, no máximo, 100 kg. Em uma das portas, centenas de adesivos com brasões de motoclubes exibem outro filão de clientes do local.

Se a toada for observar a paisagem com risco zero, a cidade conta com duas opções. No parque Marcelo Golinelli, o visitante encontrará uma pista de caminhada com deques para desfrutar a vista para a serra do Itaqueri. Em frente, outro parque, o do Cristo, traz uma escadaria que leva a um mirante com uma estátua de 17 metros involuntariamente kitsch do Cristo Redentor.

Para os degraus, a prefeitura encomendou uma pintura em perspectiva que destaca os atrativos de São Pedro, entre os quais os passeios de balão. Com 33 anos de experiência na área e voos realizados no Japão, Argentina e Espanha, por exemplo, Feodor Nenov, 58, é quem conduz a principal empresa a oferecer o serviço.

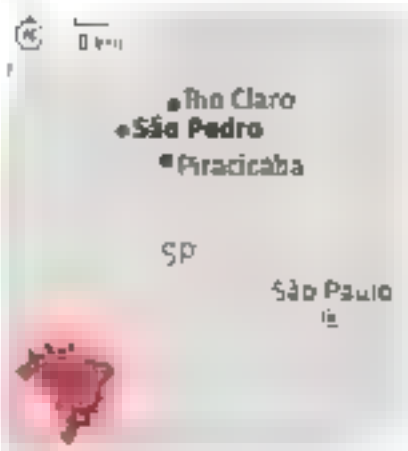
Durante cerca de uma hora, sempre ao amanhecer —por volta das 5h, quando as condições do vento são melhores—, os viajantes podem sobrevoar a cidade, em um passeio que surpreende pela suavidade dos movimentos e deslumbra pelo espetáculo visual proporcionado pelo balão. Assim, Nenov, que diz já ter voado com mais de 15 mil pessoas, relata ter sido testemunha de muitos pedidos de casamento no ar.

Não é uma atração barata. Voos exclusivos para duas pessoas custam R$ 1.800, valor que chega a R$ 2.400 para quatro viajantes e a R$ 3.600 para seis —crianças a partir dos seis anos podem participar. Quem se aventurar sozinho, junto a desconhecidos, pagará em média R$ 500. O preço inclui o respeito à tradição francesa de brindar com espumante ao final.

No chão, na estrada entre São Pedro e Brotas, um local chama a atenção. Inaugurada em 2001 como um bar, a Vila del Capo virou restaurante e antiquário, fruto do hobby de seu dono, um ex-executivo de uma multinacional. Lá, é possível encontrar desde um leão feito de arenito pedra de 1,5 tonelada que custa R$ 50 mil —sem o frete— a aparelhos de fax, o que, a depender da idade do visitante, pode até soar estranho.

Há, ainda, cristais, móveis, e até gravações musicais antigas, numa curadoria peculiar —o casarão rústico abriga tantos objetos que a gerente Bruna Souza diz não saber o tamanho do acervo.

Ainda que a pandemia de Covid tenha forçado o fechamento do estabelecimento pela primeira vez desde a sua inauguração, a retomada foi boa para os negócios, e o movimento, afirma Souza, é hoje três vezes o que era visto no período anterior à crise do coronavírus. Com capacidade para 60 pessoas, o restaurante trabalha quase exclusivamente com reservas para o almoço. À noite, só abre para eventos contratados.

Voos vão de R$ 500 a R$ 3.600 (seis pessoas) com brinde de espumante Daigo Oliva/Folhapress

Fora do silêncio do antiquário e numa pegada diferente de atrações como a tirolesa e o passeio de balão, o Thermas Water Park é um dos principais ativos de São Pedro. Com 70 mil m², o parque aquático reúne toboágas, ondas artificiais, áreas infantis e todo o arsenal de entretenimento que locais do tipo oferecem.

Em um momento em que o coronavírus volta a assustar os brasileiros com a chegada da ômicron, o parque reduziu a entrada de visitantes para 60% de sua capacidade. Assim, um dia lotado no Thermas recebe 6.000 pessoas. Outras medidas para evitar a disseminação do vírus incluem orientações para o uso de máscaras entre as atrações e em áreas cobertas, mas a recomendação, principalmente no trajeto entre um brinquedo e outro, quase sempre é desrespeitada.

Prestes a completar 30 anos, o parque agora trabalha na construção de um resort. A entrega da primeira parte da obra, com 271 apartamentos, está prevista para o segundo semestre deste ano —até 2024, a expectativa é a de que 3.000 unidades estejam prontas, num investimento de R$ 400 milhões.

Enquanto isso, os visitantes do parque aquático —foram 480 mil em 2019 e 135 mil em 2020, ano em que a pandemia explodiu— migram de piscina a piscina, e quem quiser, como propõe São Pedro, fica contemplando o cenário de boias gigantes, toboáguas coloridos e jovens em busca de adrenalina.

O jornalista viajou a convite da assessoria da Prefeitura de São Pedro.

Rancho da Tirolesa
Rodovia Ulisses Guimarães km 2,5. (19) 99964-9767. Preços: tirolesa (R$ 40), passeio de pônei (R$ 50, cerca de 35 minutos).

Passeio de Balão - AirBrasil
(19) 99706-6603. Preços: voos exclusivos para duas pessoas (R$ 1.800), para quatro (R$ 2.400) e para seis (R$ 3.600); por pessoa, sem exclusividade, R$ 500, em média.

Vila del Capo
Rodovia João Dorigan km 7,5. (14) 99715-7472

Thermas Water Park
Rodovia SP 304, km 189 (19) 3112-2388
Preços: R$ 140 (tarifas flutuantes)

Torcendo por algo negativo na viagem

Quando o farmacêutico anunciou o resultado, desmontou minha tensão

Zeca Camargo

Jornalista e apresentador, autor de "A Fantástica Volta ao Mundo"

"Para trás, para trás!" foi só o que eu entendi. No ambiente tenso da farmácia na rua Oberkampf, no bairro da Bastilha, o funcionário falava tão rápido que eu, com meu francês "fluente" (excelente no sotaque, bom de vocabulário, sofrível na gramática), mal compreendia o que ele pedia aos gritos.

Basicamente ele lutava contra uma das características mais incontroláveis da humanidade: nossa propensão a nos aglomerarmos. Não era uma farmácia grande e talvez por isso eu a tivesse escolhido —a fila para o teste era pequena.

Que teste? Aquele que me assombra desde o dia em que aterrissei em Paris, cidade que eu tanto amo e que não visitava desde janeiro de 2020. Aquele sem o qual eu não poderia embarcar de volta para o Brasil. Aquele que me diria se eu tinha testado positivo ou negativo para Covid-19.

Mesmo antes do Natal, as ruas parisienses, tão lindas enfeitadas para as festas, estavam salpicadas de pequenas tendas brancas onde se lia uma palavra que eu ainda não conhecia: "dépistage". No dicionário, "triagem". Numa leitura pessoal e mais livre, "sentença".

Exagero, admito. Mas eu passava longe dessas barraquinhas, adiando o momento em que eu finalmente teria de encará-las. As filas eram geralmente grandes e lentas. Sobretudo para as reuniões de família de Natal e Ano Novo, os franceses estavam se testando em massa.

Não era para menos. Os casos de Covid-19, em especial os que envolviam a variante detectada mais recentemente, a ômicron, dispararam no país. E, mesmo sabendo que essa era menos ameaçadora (ainda que mais contagiosa), o pânico se instalou por Paris, dos grandes bulevares às passagens estreitas.

O protocolo era simples. Pelas ruas, a grande maioria não usava máscara. Mas ela sempre estava no bolso para entrar em qualquer lugar, hotéis, bares, restaurantes, lojas, museus. Junto, aliás, do passe sanitário, que era a prova (provável) de que você não estava com o vírus.

Não tendo conseguido tirar um via consulado no Brasil, vi-me com o print que comprovava que eu havia recebido as duas doses de vacina e, mesmo em português, depois de uma rápida explicação, era bem aceito.

Com ele, não deixei de ir a nenhum lugar que eu queria. Ao novo Samaritaine. Ao Grand Palais Éphémère (só os franceses para batizar tão lindamente um prédio improvisado) para ver o artista alemão Anselm Kiefer. Ao cinema, para o novo Almodóvar. A dois ou três restaurantes favoritos.

Tinha que tomar um cuidado extra porque estava acompanhado da minha mãe. E porque não queria, de jeito nenhum, pegar a ômicron. Não merecia ter driblado a Covid por dois anos para, adaptando o chavão, "morrer no Sena".

E assim eu vagava por Paris, menos como um "flâneur" do que como um vigilante. Alerta laranja para as aglomerações em frente ao Hôtel de Ville. Passeio sem culpa (e sem máscara) pelo jardim do museu do Quai Branly.

Até que chegou o dia da partida, ou ainda, as 24 horas antes dela, quando você tem que fazer o teste para embarcar de volta. E eu estava lá tentando entender as instruções do funcionário da farmácia na Oberkampf.

Quase uma hora depois de esperar, eu estava, então, sentado com a cabeça levemente inclinada para trás, esperando meu swab francês. E, duas horas depois, eu estava de volta no mesmo endereço para ouvir o veredicto.

O suspense era sufocante, e quando o farmacêutico anunciou o resultado, o fez de uma maneira tão encantadoramente francesa que desmontou minha tensão: "pas positif" ("não positivo").

Pelo dia que me restava antes de embarcar, eu pude finalmente respirar Paris.

Aqui. Josimar Melo, Zeca Camargo

Brasileiro é o primeiro a tomar pílula da Pfizer contra Covid em Israel

Economista de 33 anos diz ter sentido melhora significativa apenas algumas horas depois de iniciar novo tratamento

SAÚDE

Daniela Kresch

TEL AVIV Um brasileiro foi o primeiro infectado com Covid-19 a ser tratado em Israel com o medicamento paxlovid, da Pfizer, contra o novo coronavírus.

O economista Simcha Neumark, 33, que nasceu em São Paulo e mora em Jerusalém desde 2013, foi diagnosticado com a doença na sexta-feira (31). No domingo (2), ele foi escolhido para ser o primeiro a receber o remédio após procurar seu plano de saúde.

"Logo após o diagnóstico, eu fiquei com uma febre muito alta, muita dor de garganta e dores de cabeça terríveis. Mas, algumas horas depois de tomar as primeiras pílulas, já senti uma melhora incrível", disse Neumark.

"Foi um milagre de Deus. Não consigo explicar como me sinto melhor. Umas 15 horas depois eu já estava sem febre e sem dor de garganta. Um mundo completamente diferente. Para mim, ajudou demais", acrescentou ele.

O pioneirismo rendeu a Neumark, que é casado e tem três filhos, aparições em programas de TV e matérias para relatar a experiência.

O economista Simcha Neumark foi o primeiro infectado com a doença no país a ser tratado com pílula da Pfizer

O economista afirmou que tem doença de Crohn e que, por isso, segundo ele, as vacinas contra Covid-19 não resultaram na criação de anticorpos. Ele disse ter sido vacinado cinco vezes, três em Israel e duas no Brasil — ele costuma viajar para o país a trabalho.

Neumark afirmou ter tomado cuidado desde o começo da pandemia para não contrair a doença. Mas Israel passa por uma quinta onda de Covid desde que o primeiro caso da variante ômicron foi detectado, em 27 de novembro do ano passado.

Em algumas semanas, o país passou de uma quase normalidade para cerca de 10 mil casos diários. A expectativa é que esse número alcance 20 mil em breve.

"Não sei como peguei. Trabalho em home office e praticamente não saio de casa", afirmou Neumark. "Na semana passada, participei de uma reunião presencial pela primeira vez em muito tempo e, sem saber que já estava com corona e ainda sem nenhum sintoma, infectei quatro pessoas."

Para estancar a nova onda, o governo do primeiro-ministro Naftali Bennett aposta nas vacinas, assim como o governo anterior, de Benjamin Netanyahu, fez há um ano.

Desta vez, Bennett aposta na quarta dose da vacina, aprovada para maiores de 60 anos na semana passada e já disponível gratuitamente.

Nesta terça (4), o premiê anunciou que a primeira pesquisa sobre a quarta dose, realizada no Centro Médico Sheba, demonstrou que ela aumentou em cinco vezes o nível de anticorpos em pessoas que foram imunizadas com a terceira dose há mais de quatro meses.

Bennett também tem tentado motivar pais a vacinarem seus filhos de 5 a 11 anos, mas a campanha de vacinação de crianças só começou a ganhar fôlego com a chegada da ômicron e a adoção de novas restrições para não vacinados.

Atualmente, 72% da população já tomou pelo menos uma dose. Além disso, 46% das pessoas já receberam a terceira dose, considerada essencial para um esquema vacinal completo.

Israel é um dos primeiros países do mundo a ministrar o paxlovid a infectados com o novo coronavírus, após o Ministério da Saúde aprová-lo, seguindo a aprovação da Agência de Alimentos e Drogas dos Estados Unidos (FDA, na sigla em inglês).

O remédio, que chegou ao país na última quinta (30), começou a ser distribuído no domingo apenas para pessoas nos estágios iniciais da doença e com comorbidades.

> **Foi um milagre de Deus. Não consigo explicar como me sinto melhor. Umas 15 horas depois eu já estava sem febre e sem dor de garganta. Um mundo completamente diferente. Para mim, ajudou demais**
>
> **Simcha Neumark**
> economista

Segundo autoridades médicas, o primeiro carregamento continha 20 mil pacotes a US$ 350 a unidade. Israel assegurou a chegada de 100 mil doses. Até o momento, poucos doentes receberam o remédio, enviado diretamente a suas casas.

O paxlovid é um remédio da Pfizer para doentes a partir dos 12 anos de idade que estejam em estágio inicial de Covid. Ele foi testado em 2.250 pacientes com quadros leves ou moderados de coronavírus. Menos de 1% dos que tomaram a droga tiveram que ser internados e não houve mortes no estudo de 30 dias conduzido pela farmacêutica. No grupo que recebeu apenas um placebo, 6,5% dos pacientes foram hospitalizados e nove morreram.

O tratamento consiste em ingerir três pílulas duas vezes por dia por cinco dias. Duas são de paxlovid e outra é de um medicamento antiviral diferente.

Israel também aprovou o medicamento contra Covid da farmacêutica americana Merck (no Brasil, MSD), o molnupiravir, mas ainda não recebeu o primeiro carregamento da droga.

Apesar da preocupação quanto à alta capacidade de disseminação da ômicron, especialistas têm demonstrado otimismo em relação às consequências da variante, que parecem menos graves.

Em Israel, nos últimos sete dias, uma pessoa morreu devido ao coronavírus. Menos de 120 pacientes estão hospitalizados em estado grave em todo o país.

Idosa recebe vacina contra a Covid-19 na Itália

Itália obriga maiores de 50 a se vacinarem para frear ômicron

ROMA | REUTERS Enquanto enfrenta uma alta vertiginosa de casos, a Itália tornou obrigatória nesta quarta-feira (5) a vacinação para pessoas com mais de 50 anos, em uma tentativa de aliviar a pressão no serviço de saúde e reduzir mortes.

O texto determina que a medida entre em vigor imediatamente, com validade até 15 de junho, tornando a Itália um dos poucos países europeus a adotar a obrigatoriedade — a Áustria anunciou que deve exigir a imunização daqueles com mais de 14 anos, e a Grécia determinou a imposição para quem tiver mais de 60 anos.

O decreto endurece as restrições vigentes ao remover a opção de apresentar um teste negativo, em vez da vacinação, para quem tem mais de 50 anos a partir de 15 de fevereiro, mas não prevê punição para quem desrespeitar a regra.

Com um total de 6,57 milhões de casos registrados desde o início da pandemia, em fevereiro do ano passado, a Itália viu as infecções crescerem 35,7% nos últimos 14 dias, segundo dados compilados pelo The New York Times. Atualmente, a média móvel considerando os últimos sete dias estava em 125.791 nesta terça (4), número nunca visto antes na pandemia.

O país foi impactado pela variante ômicron depois de outros europeus, mas o surto tem sobrecarregado hospitais e UTIs. As hospitalizações aumentaram 47,5% entre 15 e 29 de dezembro — os dados mais recentes disponíveis no Our World in Data.

Já as mortes, apesar de estarem em alta, não têm acompanhado o mesmo ritmo. A média diária desta terça foi de 156, 22% maior do que há 14 dias, de acordo com o Our World in Data. No total, foram 138 mil óbitos, o segundo maior número na Europa, atrás apenas do Reino Unido. Isso se deve em parte à vacinação — o país tem 74% de sua população com quadro vacinal completo, e 35% já receberam a dose de reforço.

A gestão do primeiro-ministro italiano, Mario Draghi, já havia tornado obrigatória a vacinação para professores e trabalhadores da área da saúde. Desde outubro do ano passado, funcionários têm que estar vacinados ou apresentar um teste negativo para trabalhar no escritório. A recusa resulta em suspensão sem pagamento, mas não leva à demissão.

O decreto, aprovado depois de duas horas e meia de reunião, gerou atritos dentro da coalizão multipartidária que mantém Draghi no poder.

Os ministros da direitista Liga divulgaram comunicado se afastando da obrigatoriedade de vacinação, que classificaram como "sem fundamentação científica, considerando que a maioria absoluta dos hospitalizados com Covid têm muito mais de 60 anos".

Draghi defendeu ao gabinete, segundo seu porta-voz, que as medidas visam "manter os hospitais funcionando bem e, ao mesmo tempo, manter as escolas abertas e as atividades de negócio".

Ainda assim, o texto final foi mais brando ao permitir que o teste negativo continue a ser apresentado para entrar em prédios públicos, agências de correios, lojas de comércio não essencial e salões de beleza — e não apenas vacinados ou recentemente infectados, como previa o rascunho.

Uso de máscara ao se exercitar não afeta a respiração

Proteção também não interfere na resposta cardiovascular, diz estudo da Faculdade de Medicina da USP

SAÚDE

Maria Fernanda Ziegler

AGÊNCIA FAPESP Embora possa causar algum desconforto, o uso de máscaras de tecido não interfere significativamente nos padrões de respiração e fisiologia cardiovascular durante a prática de exercício físico em intensidades moderadas a vigorosas. Foi o que mostrou estudo com homens e mulheres não envolvidos em esporte competitivo.

"O estudo mostra que os mitos de que o uso de máscara durante o exercício físico seria prejudicial, afetando, por exemplo, a saturação de oxigênio do sujeito, não se sustentam", afirma Bruno Gualano, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) e autor do artigo.

"O uso da proteção não alterou significativamente o funcionamento corporal durante a prática de exercício moderado a pesado", completa. O estudo, apoiado pela Fapesp, foi divulgado na plataforma medRxiv, em formato pré-print (sem revisão de pares).

No estudo, realizado por pesquisadores da Faculdade de Medicina da USP, 17 homens e 18 mulheres saudáveis realizaram testes ergoespirométricos em esteira — que avaliam as respostas cardiopulmonares por meio da troca de gases expirados e inspirados durante o exercício físico — em diferentes intensidades de esforço.

Os participantes do estudo correram com máscara de tecido de três camadas e sem ela, numa outra sessão, para que a comparação fosse feita. Foram avaliadas diferentes intensidades de exercícios.

Os testes permitiram analisar uma infinidade de variáveis fisiológicas, como o consumo de oxigênio e a capacidade respiratória. "Também avaliamos medidas de funcionamento cardiovascular, a saturação de oxigênio e a acidose no sangue. A conclusão foi que as perturbações provocadas pela máscara foram muito pequenas, especialmente nas intensidades abaixo do esforço máximo, que são capazes de trazer enormes benefícios à saúde", afirma Gualano.

Já nas altas intensidades — quando o sujeito faz o máximo esforço possível antes de entrar em cansaço extremo e parar o exercício — foi possível perceber pequenas alterações respiratórias.

"Mas o organismo consegue lidar bem com isso, por meio de respostas fisiológicas compensatórias", diz Gualano.

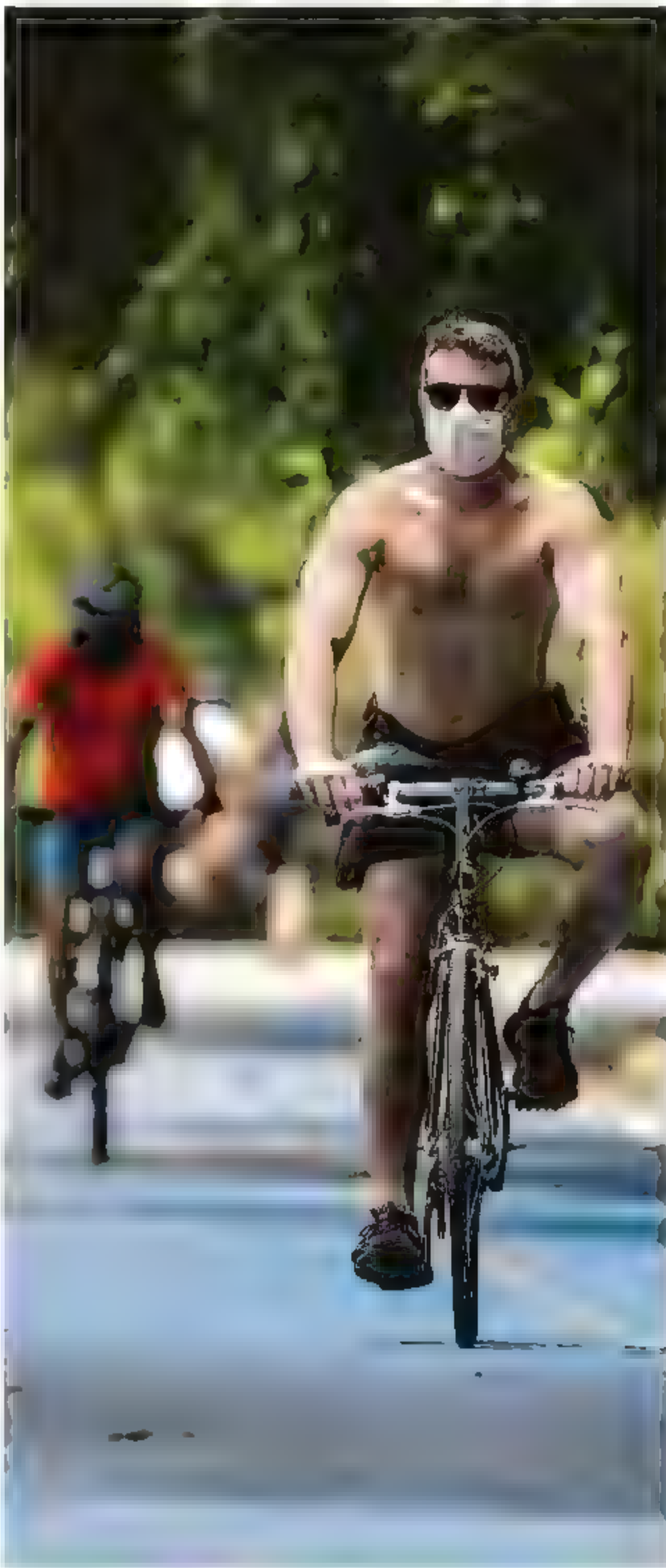
"A saturação de oxigênio, a frequência cardíaca, a percepção do esforço, os níveis de lactato (medida indicativa do equilíbrio ácido-base no organismo), a pressão arterial, tudo isso está dentro do esperado, mesmo com uso da máscara e em intensidades críticas."

O pesquisador ressalta que os resultados permitem formular novas recomendações para a prática de exercício físico durante a pandemia.

"As máscaras não podem ser usadas como muleta para que as pessoas não pratiquem exercício físico", diz Gualano.

"A pandemia é longa, e as máscaras, junto com a vacinação, são medidas necessárias para que o vírus não se dissemine. Ao mesmo tempo, é importante que as pessoas continuem se exercitando. Vimos que, entre as intensidades moderadas e pesadas, que sabidamente fazem bem para a saúde, não há alteração marcante de fatores fisiológicos. Portanto, é preciso continuar usando a máscara em ambientes fechados. O uso de máscara e a prática de atividade física não são excludentes."

Segundo ele, "quem quiser fazer exercícios em intensidades exaustivas, pode realizá-los ao ar livre, sem aglomeração e em locais onde seja possível retirar a máscara por um período para que não ocorra perda de desempenho". "É bom lembrar que, mesmo em altíssima intensidade, os efeitos da máscara foram mínimos", completa.

Outro ponto interessante do estudo foi que, no geral, os resultados foram similares tanto para os homens quanto para mulheres. "A fisiologia do exercício de homens e mulheres é muito diferente, o que nos levou a pensar que pudesse haver um efeito diferente da máscara, mas isso não aconteceu", diz.

Ciclistas utilizam ciclovia do parque Ibirapuera, em São Paulo; estudo da USP demonstrou que máscaras não atrapalham quem as usa ao se exercitar Eduardo Knapp - 11.jun.20/Folhapress

> Vimos que, entre as intensidades moderadas e pesadas, que fazem bem para a saúde, não há alteração marcante de fatores fisiológicos. O uso de máscara e a prática de atividade física não são excludentes.
>
> **Bruno Gualano**
> autor do estudo

O mesmo grupo de pesquisadores realizou, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, outro estudo com atletas de alto nível. "Nesse também observamos que as máscaras não prejudicavam o rendimento. Era apenas a percepção de esforço que aumentava: os atletas reclamavam do incômodo provocado pela máscara, mas o desempenho não se alterava."

Gualano relata que os resultados do estudo foram publicados antes dos Jogos Olímpicos de Tóquio. "Tendo em vista todos os prejuízos esportivos, econômicos e organizacionais que decorrem da infecção de um atleta competitivo, sugerimos na época que seria interessante pensar no uso de máscara durante o treino, uma vez que o desempenho é pouco afetado; pode ser um trade-off interessante", diz.

O pesquisador explica que, de maneira geral, atletas de alto rendimento não costumam apresentar quadros graves de Covid-19. "Mas o risco não é zero", frisa Gualano.

"Além disso, há o prejuízo do esporte, pois tem que isolar, testar contactantes e recuperar o atleta, o que é uma perda imensa para o competidor e para a equipe. Nos Jogos Olímpicos, vimos casos de atletas que perderam a competição por terem se infectado. Com a nova onda na Europa e nos EUA, os casos no esporte têm crescido substancialmente, e diversas ligas correm o risco de serem paralisadas."

A equipe estuda agora o uso de máscara durante o exercício físico com grupos clínicos e crianças. "Estamos testando os efeitos do uso de máscaras em crianças saudáveis e com obesidade durante o esforço em diferentes intensidades, para entender se as máscaras são seguras em grupos mais vulneráveis também."

Feira de tecnologia CES é inaugurada sob a sombra da pandemia

MERCADO

LAS VEGAS | AFP A feira tecnológica CES (Consumer Electronics Show), uma das maiores do mundo no ramo, começa nesta quarta (5) em Las Vegas, apesar do surto casos de Covid-19 nos Estados Unidos.

O retorno da convenção presencial foi questionado depois que algumas grandes empresas, como Amazon e Google, cancelaram sua participação pelo risco pandêmico.

Mas os organizadores citaram suas exigências de vacinação e máscara para defender a realização da feira, da qual participam jornalistas, empresários e também amantes da tecnologia.

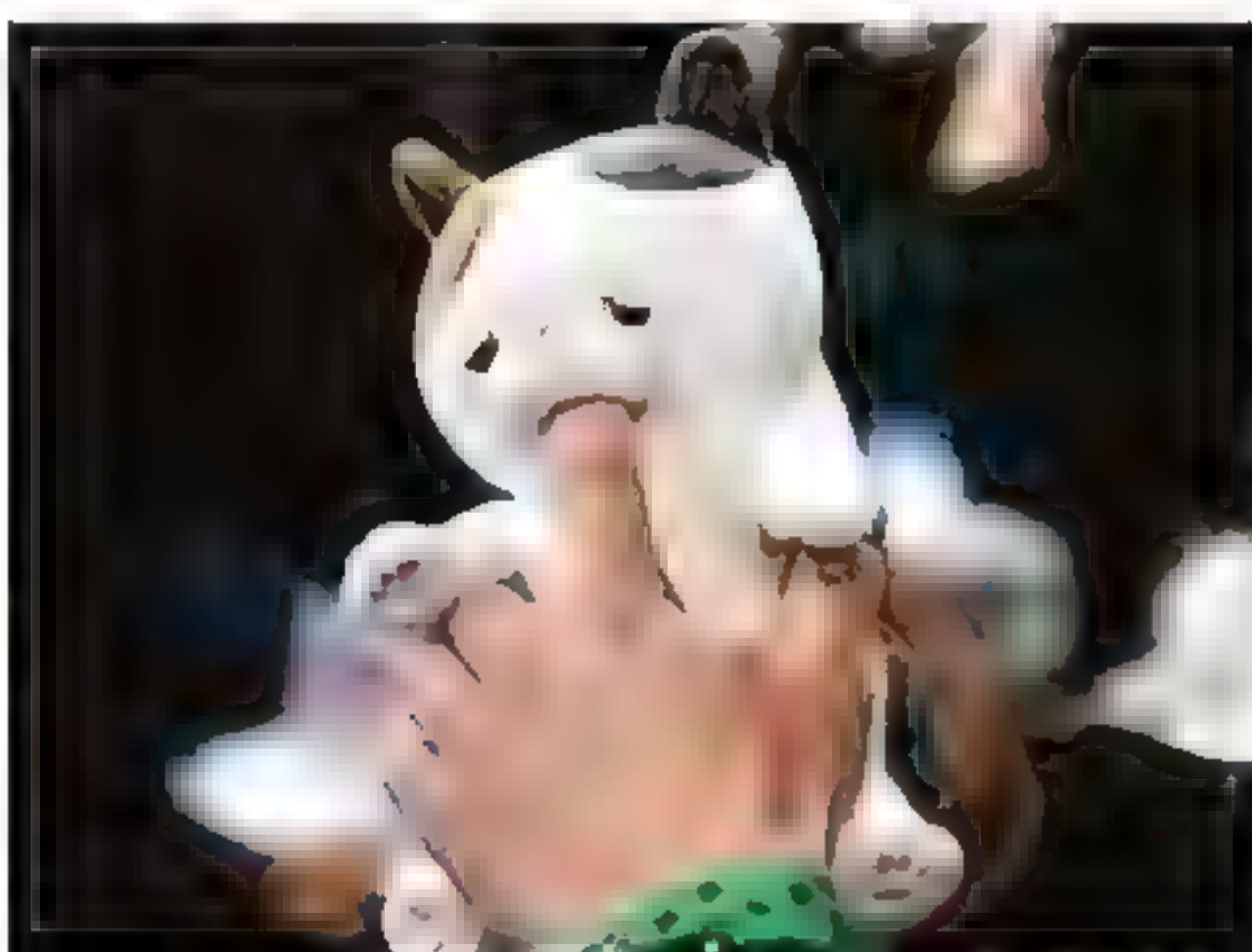
"Apesar de alguns cancelamentos amplamente divulgados entre nossos expositores, temos mais de 2.200 expositores aqui na CES 2022 em Las Vegas e todos eles contam conosco para avançar", declarou Steve Koenig, vice-presidente do grupo encarregado da convenção.

"Por quê? Bom, porque estas empresas buscam investidores, buscam sócios, buscam fazer negócios", explicou.

Alguns especialistas em saúde alertaram que muitas pessoas poderiam ignorar a ordem de usar máscara, mas apontaram que os testes diários de Covid-19 ajudarão a conter a propagação do vírus.

O evento terminará na sexta-feira, um dia antes do previsto, e seu tamanho foi reduzido fortemente em comparação aos 4.500 expositores que participaram na última edição presencial, em 2020, antes dos fechamentos pelo coronavírus nos Estados Unidos.

"Estamos preocupados devido à situação e ao aumento de casos", admitiu o expositor Bhavya Gohil, que afirmou estar vacinado e que as precauções dos organizadores o tranquilizaram.

A feira acontece em formato híbrido graças a um software desenvolvido pela conferência de tecnologia europeia Web Summit.

Participante da CES coloca dedo dentro da boca de robô gato Amagami Ham Ham, em estande da Yukai Engineering Inc. Patrick T. Fallon/AFP

Apesar do menor número de participantes, o evento terá empresas oferecendo de tudo, desde dispositivos peculiares até tecnologia voltada para as grandes preocupações da humanidade atualmente.

Um dos principais temas da oferta é o transporte, cada vez mais elétrico e autônomo.

As tecnologias espaciais também têm uma presença forte, após um ano que viu um interesse crescente no turismo espacial e o desenvolvimento da internet por satélite.

E obviamente o metaverso está na mente de todos, embora sua definição ainda não esteja tão nítida neste momento.

O conceito se refere à emergência de um mundo onde o digital e o real se unem, o qual os humanos poderão acessar mediante equipamento de realidade virtual e aumentada.

Leia mais na pág. 3

Guarda-sol de telescópio abre com sucesso

Escudo de cinco camadas permitirá observar galáxias formadas poucas centenas de milhões de anos após Big Bang

CIÊNCIA

Lucie Aubourg

AFP O telescópio espacial James Webb superou nesta terça-feira (4) uma etapa importante, ao abrir completamente seu escudo térmico, um guarda-sol de cinco camadas, necessário para observar o cosmos, informou a Nasa.

Embora faltem muitas operações para que o observatório esteja pronto, a abertura deste guarda-sol era "a mais difícil" da lista, admitiu Thomas Zurbuchen, chefe de missões científicas da Nasa.

Cada uma das camadas deste escudo térmico tem o tamanho de uma quadra de tênis e são necessárias para proteger os instrumentos científicos do calor do sol. Desde a segunda-feira (3), cada uma delas abriu-se e estendeu-se.

O telescópio é grande demais para acomodar um foguete e por isso foi preciso dobrá-lo sobre si mesmo como um origami e desdobrá-lo no espaço, um procedimento extremamente perigoso.

"É um dia muito especial", tuitou o astrônomo Klaus Pontoppidan, cientista-chefe do James Webb. "Acho que é hora de dar-se conta de que em breve talvez tenhamos um telescópio espacial gigante completamente operacional".

O telescópio James Webb, sucessor do Hubble, lançado pela Nasa após sete anos de atraso Chris Gunn/Nasa/via Reuters

Astrônomos de todo o mundo aguardavam com ansiedade o James Webb, o telescópio espacial mais potente, pois permitirá observar as primeiras galáxias, formadas poucas centenas de milhões de anos após o Big Bang.

O observatório foi lançado há pouco mais de uma semana da Guiana Francesa e atualmente se encontra a mais de 900 mil quilômetros da Terra. Segue rumo à sua órbita definitiva, a 1,5 milhão de quilômetros da Terra, ou seja, quatro vezes a distância entre nosso planeta e a Lua.

Neste local, se algum problema surgisse, não seria possível prever uma missão de reparos.

Sua abertura, dirigida de Baltimore, devia ser realizada sem tropeços. Mais de uma centena de engenheiros se revezaram noite e dia para garantir que tudo transcorresse conforme o previsto.

A Nasa transmitiu o procedimento ao vivo pela internet. Como não há câmera a bordo do James Webb, as únicas imagens disponíveis eram da sala de controle de operações. A equipe explodiu em alegria quando a abertura foi concluída.

"O clima é difícil de descrever. Foi um momento incrível. Havia muita alegria, muito alívio", disse à imprensa Hillary Stock, encarregada da abertura do guarda-sol, na Northrop Grumman, sócia da Nasa. "Tudo saiu bem", acrescentou.

O guarda-sol mede 20 metros por 14 e tem o formato de um diamante. Suas camadas, finas como um fio de cabelo, estavam dobradas como uma sanfona e agora vão se esticar até ficar a dezenas de centímetros de distância entre si.

São feitas de kapton, um material escolhido por sua resistência às temperaturas extremas porque a face mais próxima do sol pode alcançar os 125°C e a mais longínqua, -235°C.

Sua abertura foi possível graças a centenas de polias e cabos para guiá-las, além de motores para estender cada vela de cada ponta.

Na segunda-feira, as primeiras três camadas foram abertas e esticadas com sucesso. Na manhã de terça-feira, as equipes fizeram o mesmo com as duas últimas.

1,5 milhão de quilômetros da Terra
será a distância da órbita definitiva do observatório

20 m por 14m
é o tamanho do guarda-sol, com formato de diamante, do telescópio

-235°C e 125°C
são os extremos de temperatura aos quais o material do escudo consegue resistir

Antes foram ativadas as duas "estruturas de paletas" que continham o escudo solar.

Este escudo térmico é essencial porque os instrumentos científicos do James Webb só funcionam a temperaturas muito baixas e às escuras.

A grande novidade deste telescópio é que vai operar por meio do espectro infravermelho próximo e médio, comprimentos de onda visíveis a olho nu.

Para poder detectar a luz fraca, procedente dos confins do Universo, não pode ser afetado pela radiação solar, mas tampouco pela emitida da Terra e da Lua.

O passo seguinte é a abertura dos espelhos: primeiro um secundário, colocado ao final de um tripé, e depois o principal, recoberto com ouro e com 6,6 metros de diâmetro.

Uma vez configurado, o James Webb chegará ao seu destino, conhecido como o ponto Lagrange 2. Então, será preciso esfriar e calibrar os instrumentos e ajustar os espelhos com muita precisão.

Seis meses após o lançamento, o telescópio estará pronto para remontar às origens do Universo e buscar entornos habitáveis fora do nosso sistema solar.

Modelo de tripulação, em tamanho real, do avião espacial Sierra Space Dream Chaser exibido na CES, em Las Vegas Patrick T. Fallon/AFP

Ônibus exibido na CES inaugura mercado espacial

TEC

Joshua Melvin

LAS VEGAS | AFP A apresentação de um modelo em escala real do "avião espacial" da empresa Sierra Space, na tradicional CES, feira tecnológica de Las Vegas, esta semana, é uma prova do começo da era do mercado espacial, que tem um vertiginoso potencial e também implica riscos.

Com mais empresas privadas interessadas em explorar o espaço aparecendo, os especialistas do setor acreditam que essa tendência levará a muitos avanços tecnológicos, embora com a perspectiva quase certa de que também haverá desastres espaciais e vidas serão perdidas.

A Sierra Space, filial da empresa Sierra Nevada, quer que sua espaçonave de nove metros, chamada "Dream Chaser", faça suas primeiras missões este ano.

"Antes, apenas os governos podiam fazer isso. Agora, os seres humanos comuns podem ir para o espaço", disse à AFP o presidente da Sierra Nevada, Neeraj Gupta.

O pequeno ônibus espacial foi projetado para transportar pessoas e equipamentos de e para instalações espaciais comerciais que a empresa planeja construir nos próximos dez anos, especialmente um sistema de estruturas infláveis destinadas a abrigar os humanos em órbita.

A Sierra Nevada assinou acordo com a NASA (a Agência Espacial americana) para voos não tripulados para a Estação Espacial Internacional (ISS, na sigla em inglês), que devem começar em 2022. Colabora com a empresa Blue Origin, de Jeff Bezos, cofundador da gigante do comércio online Amazon.

Os projetos comerciais relacionados com o espaço avançam em um ritmo vertiginoso, em particular com os lançamentos de foguetes da SpaceX, empresa fundada pelo sul-africano Elon Musk que transporta astronautas para a NASA.

No ano passado, a viagem espacial de Bezos, a bordo de um foguete Blue Origin, gerou fascínio e, ao mesmo tempo, uma enxurrada de críticas à "corrida ao espaço" travada entre bilionários.

Além do turismo, o espaço agora é visto como um novo horizonte comercial a ser levado a sério.

Muitas empresas se inclinavam para ideias mais ou menos extravagantes, como mineração de asteroides, ou aplicações biomédicas, mas, até cinco anos atrás, a ideia de produzir algo no espaço e trazê-lo para a Terra não fazia sentido, afirmo Mason Peck, professor de astronáutica na Universidade de Cornell.

"Hoje, há empresas que estão estudando esta questão: Como posso para ganhar dinheiro no espaço?", acrescentou Peck.

A atração do lucro tem o poder de acelerar fortemente a produtividade e os avanços tecnológicos, muito mais do que a abordagem reflexiva da NASA, ou da agência espacial europeia. "Mais capital está sendo investido na indústria espacial. A tecnologia melhora, os custos caem, então todos se beneficiam", diz Mike Gruntman, professor de astronáutica da University of Southern California.

A perspectiva de um aumento da atividade espacial por parte de empresas privadas também pode criar riscos reais, porém. "Com certeza, haverá um momento em que ocorrerá uma tragédia. Há acidentes de trânsito, pontes que desabam", antecipa Peck.

Talibã ordena decapitação de manequins por violação da lei

Apesar de promessa de moderação, regime amplia repressão no Afeganistão

MUNDO

BAURU (SP) Em novo ato de limitação das liberdades individuais, o Talibã ordenou que comerciantes em Herat, no oeste do Afeganistão, cortem as cabeças dos manequins de suas lojas.

Um vídeo que mostra o processo de decapitação tem circulado nas redes sociais. Na imagem, um homem aparece usando uma serra para remover a cabeça de pelo menos uma dúzia de manequins.

"Pedimos aos comerciantes que cortassem as cabeças dos manequins porque é contra a sharia [lei islâmica estrita]", disse Aziz Rahman, chefe do Ministério de Promoção da Virtude e Prevenção do Vício — uma espécie de polícia política—, à agência de notícias AFP.

"Se eles apenas cobrirem as cabeças ou taparem o manequim, o anjo de Alá não entrará na loja ou em sua casa para abençoá-los", continuou Rahman, acrescentando que os comerciantes prometeram obediência à determinação.

A ordem está limitada a Herat, terceira maior cidade do país, que já foi considerada a capital cultural do Afeganistão. Desde que o Talibã reassumiu o poder, no entanto, Herat também foi a cidade escolhida para a exposição de corpos de supostos criminosos executados para "servirem de exemplo".

A lei islâmica proíbe representações humanas, de modo que, em uma interpretação mais radical, os manequins constituem uma violação. Durante o primeiro regime à frente do Afeganistão na década de 1990, o grupo fundamentalista destruiu, por exemplo, várias estátuas históricas de Buda.

Ainda no campo dos costumes, outro vídeo, que mostra membros do regime despejando vários barris de bebidas alcoólicas em um canal, também repercutiu nas redes sociais. Em nota, a Diretoria de Inteligência Geral do Talibã disse que 3.000 litros de bebidas foram apreendidos e destruídos em um distrito de Cabul.

A venda e o consumo de álcool já eram proibidos pelo governo anterior ao Talibã, mas o grupo fundamentalista também aplica, nesse caso, a visão mais rigorosa da sharia, intensificando a repressão.

> Se eles apenas cobrirem as cabeças ou taparem o manequim, o anjo de Alá não entrará na loja ou em sua casa para abençoá-los
>
> **Aziz Rahman**
> chefe do Ministério de Promoção da Virtude e Prevenção do Vício

Quando as tropas ocidentais deixaram o país definitivamente em agosto, os talibãs reassumiram o poder e prometeram mais moderação —uma promessa menos por convicção do que por tentativas de melhorar sua imagem internacional e receber ajuda externa.

Na prática, porém, o que se vê é uma nova onda de retirada de direitos, em especial de mulheres e meninas.

No mês passado, por exemplo, o regime proibiu que mulheres viajem longas distâncias no país sem a companhia de um homem.

As mulheres também foram proibidas de praticar esportes em que tenham seus corpos expostos, só podem estudar se estiverem em espaços separados de homens, e atrizes e jornalistas são obrigadas a usar véus nas transmissões pela TV.

Com AFP

Cabeças de manequins removidas dos corpos em loja de roupas de Herat, no Afeganistão, após ordem de decapitação AFP

Espanhóis dizem ter encontrado templo de Hércules no oceano

BELO HORIZONTE Um doutorando da Universidade de Sevilha pode ter descoberto a localização do templo de Hércules Gaditano, centro de peregrinação erguido na região da península Ibérica por volta do século 8º a.C.

O lugar era conhecido pelos fenícios como Melqart e anos depois recebeu visitas do ditador romano Júlio César. A descoberta foi noticiada em dezembro pelo jornal espanhol El País.

Segundo Ricardo Belizón e seu orientador, Antonio Sáez Romero, do Departamento de Pré-história e Arqueologia da instituição, foram encontrados no mar vestígios que podem ser do templo, entre a região de Camposoto, no município de San Fernando, e a ilha de Sancti Petri, a 100 quilômetros de Gibraltar.

A localização exata seria entre o castelo de Sancti Petri e uma faixa de areia conhecida como ponta de Boquerón. Outros estudos já apontavam a região como a provável localização —descobertas têm sido feitas ali há mais de dois séculos. Desta vez, porém, os indícios são mais fortes.

Inicialmente, a pesquisa de Belizón se propunha a investigar como era a paisagem costeira da baía de Cádiz, na Andaluzia, onde estão San Fernando e Sancti Petri. O trabalho, entretanto, ganhou outra direção após constatar que ambientes naturais da região sofreram fortes mudanças devido a ações humanas.

Entre as características distintas do que até então se acreditava sobre o passado da baía foram encontradas uma grande construção, quebra-mares, amarrações e um porto. "Os pesquisadores são muito relutantes quanto à 'arqueologia espetaculosa' alimentada pela mídia, mas, neste caso, deparamo-nos com descobertas espetaculares", disse Francisco José García, diretor do Departamento de Pré-história e Arqueologia da Universidade de Sevilha, na apresentação do trabalho.

O templo era considerado o tesouro de Gadir, cidade fenícia mais importante da península Ibérica, e um dos mais relevantes no oeste mediterrâneo. Várias obras milenares, que vão do ano 1 a.C até o 5 d.C., abordam a história do espaço sagrado e afirmam que o ditador romano Júlio César chorou ao se deparar com uma estátua de Alexandre, o Grande, no local. Com o passar dos anos, porém, nada do santuário resistiu, e sua localização se tornou incerta.

Acredita-se que ele tenha sido modificado pelas várias civilizações que dominaram a região, até ser completamente engolido pelo mar.

A estrutura encontrada no oceano pelos arqueólogos é retangular e tem cerca de 300 metros por 150 metros, características semelhantes às do templo, segundo relatos históricos. Conforme destaca El País, o conjunto ainda tinha uma fachada, na qual eram narrados os 12 trabalhos de Hércules de acordo com a mitologia grega. Além disso, acredita-se que o templo abrigava uma chama que nunca se apagava.

O local era acessível a navios fenícios, púnicos e romanos e teria abrigado relíquias do mundo antigo.

Apesar dos resultados da pesquisa de Belizón, ainda não é possível confirmar que o local é realmente o ponto exato onde funcionou, por séculos, o templo. Os estudiosos precisarão analisar outros resquícios em uma área de difícil acesso e pouca visibilidade.

Os próximos passos serão a elaboração de levantamentos arqueológicos, terrestres e subaquáticos, e estudos documentais. Ao fim do trabalho, os arqueólogos pretendem reconstruir a história da área e apontar a cronologia, a tipologia e os usos de cada uma das estruturas detectadas.

O castelo de Sancti Petri, em ilha no sul da Espanha; o templo de Hércules Gaditano estaria, segundo pesquisa recente, nessa região Reprodução

Fazendeiro afegão caminha em campo de papoulas, flores das quais se extrai o ópio, na província de Kandahar Javed Tanveer - 2.abr.18/AFP

Pollan mergulha em mescalina, ópio e cafeína com novo livro sobre a mente

Jornalista aborda substâncias sob ponto de vista histórico e antropológico, mais que pela ciência

VIRADA PSICODÉLICA

Marcelo Leite

Escrevo esta resenha de "This Is Your Mind on Plants" (Esta é a Sua Mente Sob Efeito de Plantas), de Michael Pollan, após três canecas de café e duas xícaras de chá preto. São 9h da manhã, e já vou dando exemplo de dependência do psicoativo mais usado no mundo —90% da população do planeta usa cafeína, informa o autor de outro best-seller sobre inebriantes, "Como Mudar Sua Mente" (ainda não há previsão de lançamento da nova obra no Brasil).

Releve a repetida apelação marqueteira a "sua mente", pois, embora se trate do que acontece em nossas cabeças, o livro destoaria numa prateleira de autoajuda. Seu foco não recai sobre muitos conselhos para enfrentar perrengues comezinhos, mas sobre três substâncias com efeitos paradoxais na mente (ópio, cafeína e mescalina) e ilumina uma pergunta desconcertante: por que nos intoxicamos?

A acuidade mental propiciada pelo estimulante matutino sugere começar pelo psicodélico mescalina, terceira e última planta investigada no volume. Uma maneira também de fazer justiça ao primeiro "enteógeno" (mais sobre esse termo à frente) a estrear na literatura ocidental, com "As Portas da Percepção" de Aldous Huxley (1954).

Pollan enfrenta o composto originário dos cactos peiote (*Lophophora williamsii*) e San Pedro (ou wachuma, gênero *Trichocereus*) com duas ferramentas afiadas de seu instrumental jornalístico, a pesquisa soberba e o testemunho de vivências pessoais. A primeira, porém, difere um tanto dos resultados em "Como Mudar Sua Mente", pois passa quase ao largo das informações sobre farmacologia, testes clínicos e neurociência de psicodélicos, em favor da história e da antropologia.

A mescalina, diz o autor, é provavelmente o psicodélico de emprego mais antigo por humanos. Seu uso ancestral por povos do sul da América do Norte e nos Andes pode ter começado há milênios, e já no século 17 foi proscrito: em 1620 a Inquisição no México declarou o peiote uma "perversidade herética" e moveu 90 processos contra usuários até o fim do século 18.

O cacto retornaria com a força do reprimido um século depois, como sacramento de uma nova religião libertadora. Após a dizimação dos habitantes originais da América do Norte, que teve seu clímax no massacre de dakotas em Wounded Knee (1890), povos indígenas confinados em reservas criaram a sincrética Native American Church, também chamada peiotismo.

Aqui se apresenta a tese mais forte do livro, à guisa de resposta oblíqua para a questão de fundo sobre por que nos se intoxicamos: plantas portadoras de moléculas psicoativas, em geral alcaloides de gosto amargo que na origem podem ter sido adaptações para afugentar herbívoros, entram numa espiral de coevolução com humanos, parceria que favorece a propagação das primeiras e provê os últimos com recursos para intensificar modalidades da consciência que possam ajudá-los a se manterem vivos.

No caso do peiote, permitir a sobrevivência cultural após o trauma da colonização.

No centro do peiotismo estão rituais de cura em torno de uma fogueira dentro das tendas "teepees". Pollan tenta desvendar o que ocorre ali sob efeito do cacto, mas esbarra na impossibilidade de viagens com a pandemia de Covid-19 e na resistência dos praticantes à apropriação cultural do sagrado pelo homem branco, mesmo um jornalista antropologicamente correto como ele.

[...]

Por que nos intoxicamos, afinal? Michael Pollan diria, tentativamente, que o fazemos para alterar a textura da consciência, manipulando a malha do filtro com que coamos o caldo grumoso a jorrar dos sentidos para preparar o elixir de uma vida melhor

A repulsa da igreja a levantar o pano da "teepee" levou a uma escaramuça com o movimento Decrim Nature. O grupo tem conseguido convencer governos subnacionais dos EUA a descriminalizar as chamadas plantas de poder, os "enteógenos" (reveladores da divindade interior), ou pelo menos tirá-las do foco da repressão policial.

Embora seja o agrupamento muito respeitoso do uso tradicional de cogumelos, cactos e arbustos psicoativos, o Decrim Nature recebeu da igreja a demanda para retirar o peiote da lista de organismos cujo poder não caberia ao Estado regular, sob pena de afrontar a liberdade religiosa e individual. A igreja teme que o peiote, já ameaçado de extinção nos poucos locais onde cresce naturalmente, ganhe mais popularidade em meio ao renascimento psicodélico e desapareça de seu habitat.

Pollan se encontrou antes com a substância pura, a mescalina sintetizada desde 1919, após ter sido isolada do cacto em 1897 (a Native American Church não repudia sintetizar o composto, só o consumo da planta sagrada por não membros e o cultivo em estufas). Sua experiência pessoal ecoa a ampliação quase acachapante da percepção, já descrita por Huxley, e oferece pistas sobre o potencial libertador de que se valeram indígenas norte-americanos.

A mescalina age lentamente, e a viagem que propicia pode durar 14 horas. Após aguardar mais de uma hora pelo efeito, na companhia de um livro, Pollan conta que, em certo ponto, a leitura passou a lhe parecer uma coisa absurda, inútil. Sentiu-se inundado pela realidade circundante, só tinha olhos para o que estava à mão ou no campo de visão, sem necessidade de mais nada além de contemplar.

Essa vivência não soa estranha para quem já viajou com psicodélicos como LSD ou cogumelos (psilocibina). Eles também aguçam a visão para cores e detalhes, sobretudo de objetos e seres naturais, que aparecem revestidos de um significado transcendental a que o psiconauta ganha acesso por obra e graça da substância.

No entanto, da descrição de Pollan parece sobressair uma diferença crucial da mescalina: o mergulho daria acesso às próprias coisas, à maravilha e ao espanto de sua mera existência. E não a um sentido oculto revelado, significados emanados e projetados da própria mente, o que um neurocientista talvez chamasse de saliência aberrante desencadeada pelos psicodélicos.

Nos vislumbres que colheu de praticantes do peiotismo, o jornalista ouviu mais de uma vez a comparação do cacto com um espelho, ou como uma entidade que vê dentro ou através da pessoa em busca de cura e lhe apresenta o que ela precisa enxergar. Ou seja, a realidade das coisas da biografia (traumas incluídos) como elas são, não como as explicamos ou revestimos de sentidos e sofrimentos, o que facilitaria a aceitação e a libertação —individual ou coletiva, no contexto da religião.

Essa aproximação entre o efeito individual (biográfico, psíquico) e o efeito coletivo (cultural, histórico) não é trivial de construir, mas Pollan tece a trama de modo convincente. Com sutileza e nuance, passa longe de narrativas pretensiosas como a do "macaco chapado", hipótese propagandeada entre outros por Paul Stamets para explicar a emergência de faculdades conscientes em seres humanos, de maneira inverificável, como produto da coevolução com cogumelos alucinógenos.

A atribuição de superpoderes históricos a compostos psicoativos funciona melhor com envolvimento da mescalina com a Native American Church. No caso da cafeína presente no café (*Coffea* sp.) e no chá preto (*Camellia sinensis*), sua emergência como bebidas globalizadas em paralelo à Revolução Industrial e ao Iluminismo pode não ser mais do coincidência.

Ainda assim, os indícios colhidos por Pollan na bibliografia acadêmica conferem, sim, alguma verossimilhança para a tese de que o estimulante favoreceu a adequação dos ritmos biológicos humanos à cadência do trabalho em máquinas e dos turnos em fábricas. Ou, ainda, a de que os cafés parisienses e londrinos tenham fomentado a moderna opinião pública e debates guiados pelo racionalismo, com a substituição do álcool dionisíaco pela beberagem apolínea.

No primeiro capítulo, o escritor escala a flor inocente da papoula (*Papaver somniferum*) e o demonizado ópio dela obtido para evidenciar a arbitrariedade do proibicionismo, que interfere no relacionamento milenar de culturas com determinadas plantas, ao sabor de acidentes históricos.

Hoje o álcool está liberado; ópio e até papoulas são criminalizados, mas entre 1920 e 1933 se dava o oposto nos EUA: vender álcool era crime, mas não o láudano (tintura de ópio usada como sedativo).

Em realidade, ainda hoje a situação do ópio, de sua fonte e seus derivados se mostra para lá de ambígua. Sementes de papoula são vendidas livremente em terras americanas, para uso em padarias e jardins, mas é proibido fazer chá com elas ou com as cápsulas que crescem no canteiro após a queda das pétalas.

Segundo outras interpretações legais obtidas por Pollan, até mesmo germinar as sementes compradas e cultivar as flores seria ilegal.

Neste ponto o livro traz uma de suas narrativas mais kafkianas, sobre o jornalista amante da jardinagem que se viu constrangido a cortar de um artigo de revista, por aconselhamento de advogados, trechos em que contava suas experiências com a planta e os efeitos. As passagens autocensuradas só vieram à luz agora, no volume, um quarto de século depois, com a prescrição do possível delito.

Enquanto os parágrafos ficaram num disco rígido, os EUA se debatiam com a comercialização desenfreada de opioides sintéticos que gerou uma epidemia de overdoses, matando 50 mil por ano.

Pollan sobreviveu bem ao chá caseiro de papoula, não sem lamentar que o lenitivo tradicional tenha ficado proibido. Pelo que conta, duro mesmo foi abster-se de café por três meses, experimento que resultou em perceptível perda de concentração e produtividade —e esta resenha constitui prova de que a cafeína, mesmo não tendo propelido sozinha iluminismo ou fordismo, certamente tem fornecido combustível decisivo para o jornalismo.

Por que nos intoxicamos, afinal? Pollan diria, tentativamente, que o fazemos para alterar a textura da consciência, manipulando a malha do filtro com que coamos o caldo grumoso a jorrar dos sentidos para preparar o elixir de uma vida melhor.

Nicole Kidman dá vida a Lucille Ball, ao lado de Javier Bardem, no papel do marido da atriz de 'I Love Lucy', Desi Arnaz Glen Wilson/Divulgação

Nicole Kidman fala de dores e delícias de fazer comédia

Atriz vive Lucille Ball em 'Being the Ricardos' produção da Amazon Prime

FI

Dave Itzkoff

THE NEW YORK TIMES Nicole Kidman, 54, aprendeu lições valiosas a cada vez que interpretou uma figura da vida real: o fato de que a sociedade de cada época quase sempre julgou mal a pessoa que ela viria a interpretar, a semelhança maior do que ela imaginava entre aquela era histórica e o presente e, acima de tudo, como manter o equilíbrio ao caminhar descalça em um tonel repleto de uvas.

Falando de seus preparativos para interpretar Lucille Ball, a estrela de "I Love Lucy", ela deu a entender que seu esforço metódico para aprender a imitar a cena em que Ball aparece esmagando uvas com os pés, em 1956, não foi preparo suficiente, quando chegou o momento de repetir a manobra diante das câmeras.

"Eu tinha praticado a cena andando no chão", disse Kidman em tom gentil e sincero. "Mas não levei em conta que o tonel estaria cheio de uvas. E elas são bem escorregadias, não sei se você sabe."

Em "Being the Ricardos", um drama cômico escrito e dirigido por Aaron Sorkin, Kidman interpreta Ball em uma história que mostra uma semana na vida de "I Love Lucy", no momento em que ela e o marido, Desi Arnaz (Javier Bardem), estão batalhando para incorporar a gravidez de Ball na vida real à história, para rebater acusações de que Ball é comunista, e para lidar com um momento complicado em seu casamento.

O filme, disponível na Amazon Prime, inclui algumas recriações de cenas famosas de "I Love Lucy". Mas é em última análise uma história de descoberta, para a estrela de TV e a para a atriz que a interpreta.

Kidman, ganhadora do Oscar e do Emmy, está de novo na disputa por premiações pelo seu desempenho em "Being the Ricardos". Mas tende a duvidar de si mesma e a dizer que confia muito pouco em seu talento como comediante.

A abordagem que adotou para "Being the Ricardos" a levou a descobrir conexões mais fortes do que imaginava com Ball, outra atriz rotulada e subestimada, em sua era. Suas histórias de vida e seu talento podem não se sobrepor de todo, mas ambas sempre compreenderam a necessidade de humor para realizar seus objetivos individuais. Como disse Kidman, "tive de ser engraçada, e é difícil ser engraçada".

Kidman disse que reprises de "I Love Lucy" eram uma lembrança de infância, mas não muito nítida, e que sua preferência, na época, ia para séries como "A Feiticeira" e "The Brady Bunch".

Seu currículo inclui alguns trabalhos cômicos, em sátiras sombrias como "Um Sonho sem Limites" ou filmes para toda a família como "As Aventuras de Paddington", mas tive de lembrá-la de que também teve alguns momentos de humor físico em "Moulin Rouge - Amor em Vermelho" ("é verdade, você tem razão").

Mesmo em uma série razoavelmente sardônica como "Big Little Lies", da HBO, Kidman disse, "Reese Witherspoon e Laura Dern é que são muito engraçadas. Eu sempre digo a elas que estou lá para servir de escada".

Ela não tem ilusões de que fosse a candidata mais lógica para o papel de Ball, ou a primeira atriz procurada para ele. Quando o projeto surgiu, anos atrás, "Being the Ricardos" foi concebido como uma minissérie para TV, de acordo com a atriz Lucie Arnaz, filha de Ball e Arnaz e produtora executiva do filme.

Cate Blanchett faria o papel, inicialmente, mas quando Sorkin se envolveu e a Amazon decidiu que o projeto seria um filme, a atriz não estava mais disponível.

"Demoramos demais e a perdemos", disse Arnaz em uma entrevista. "Fiquei arrasada". (Um representante de imprensa de Blanchett preferiu não comentar.)

Outras estrelas foram sondadas, disse Arnaz. "Mas nenhuma delas me satisfazia. Era sempre a pessoa que estava fazendo sucesso naquele momento, a pessoa que tinha feito o filme comentado da temporada".

Mas, quando Kidman foi mencionada como uma possibilidade, disse Arnaz, a ideia a intrigou. "Achei bom; e achei que talvez a chave fosse só pensar em atrizes australianas para o papel", ela brincou.

Kidman disse que o envolvimento anterior de Blanchett não diminuiu seu interesse. "Acho que existe uma espécie de pacto sagrado entre nós todos: quem quer que consiga um papel ou projeto, é essa a pessoa que deveria tê-lo."

Ela estava ciente de que houve, no público online, oposição à escolha de seu nome para o papel; muita gente achava que o papel deveria ser dado a Debra Messing, estrela de "Will & Grace".

"Eu não uso a internet e não faço buscas no Google sobre mim mesma", disse Kidman. "Mas mesmo assim fico sabendo de coisas".

(Arnaz disse que Messing "queria muito ser aquela pessoa", mas acrescentou que isso não era a meta. "Não queríamos que alguém fosse aquela pessoa." Um representante de imprensa de Messing se recusou a comentar.)

Kidman não conhecia muito sobre a vida de Ball quando foi abordada inicialmente; no entanto disse que conseguiu imaginar a realidade que interpretar a rainha do humor pastelão traria. "A maneira pela qual ela se move e tropeça, todo o seu lado físico, levam a pensar que você pode ser completamente desastrado ao interpretá-la."

Porém, depois de assinar o contrato para "Being the Ricardos" com entusiasmo, disse Kidman, ela começou a hesitar. A relutância que sentia, afirmou, tinha a ver em parte com o roteiro repleto de diálogos complicados escrito por Sorkin, e em parte com filmar durante a pandemia.

Kidman acrescentou que, em nível mais primário, comédia não é algo que venha com facilidade, para ela — nem como gênero e nem como oportunidade de atuação.

"Não sou escalada para comédias", ela disse. "Pode ser resultado de uma carreira dedicada a dramas, ou pode ter a ver com a minha personalidade, também."

Refletindo sobre sua infância na Austrália, Kidman disse que tinha sido "a menina que não podia ir à praia na metade do dia por ter a pele clara demais e se queimaria". "Por isso, ficava sentada em casa e, em vez de assistir TV, eu lia", lembrou. Uma juventude passada em companhia de Dostoiévski, Flaubert e Tolstói "talvez não faça de você um comediante", ponderou.

Kidman disse que, agora, se alguém quer que ela interprete um papel que tenha um lado cômico, precisa "ser estimulada e incentivada para isso".

Sorkin foi persuasivo, disse Kidman, e algumas experiências que ela teve no teatro, quando aceitou diálogos engraçados aqui e ali, a ajudaram a aceitar. "É bem bacana quando você diz alguma coisa e o teatro inteiro ri", ela disse. "Dá para entender que as pessoas se viciem nisso".

O que o filme realmente exigia, disse Kidman, era que ela interpretasse Lucille Ball (tal como descrita no roteiro de Sorkin), e não Lucy Ricardo.

"Lucy é uma personagem - diferente de Lucille", ela explicou. "Lucille é extraordinária porque ela sempre se levantava rapidamente quando a vida a derrubava e persistia teimosamente em seus esforços".

Quando mais ela refletia sobre o roteiro e aprendia sobre a vida de Ball, disse Kidman, mais ela via uma pessoa multifacetada que lhe oferecia muitas emoções para interpretar.

O casamento de Ball com Arnaz, mulherengo e alcoólatra, disse Kidman, "mostra o amor dela por uma pessoa que também a amava, mas não era capaz de lhe dar aquilo que ela mais queria".

Mencionando a carreira cinematográfica frustrada que terminou por conduzir Ball a "I Love Lucy", Kidman acrescentou que "ela era realmente engraçada, mas o que queria ser era uma estrela de cinema".

Kidman não chegou a traçar paralelos diretos entre a vida de Ball e a sua própria, mas Lucie Arnaz não hesita em expressar a comparação.

Arnaz disse que, como sua mãe, Kidman "já tinha sido casada antes. Ela sabe como um divórcio afeta a pessoa e como é difícil criar filhos à luz dos holofotes. Ela sabe como é difícil ter um marido que enfrenta problemas com vícios". (O marido de Kidman, o cantor Keith Urban, já passou por tratamentos por abuso de álcool e drogas.)

Kidman mergulhou nos preparativos físicos para o papel e trabalhou assiduamente com um treinador vocal, Thom Jones, para desenvolver as vozes que usaria para Lucille Ball e Lucy Ricardo.

Como explicou Jones, "Lucy é a Lucille extrema. Quando Lucille interpretava Lucy, ela fazia uma versão exagerada, caricata, de si mesma, e adotava um timbre mais agudo". A voz natural de Ball era mais grave e rouca, devido a anos de cigarros, embora Kidman não estivesse procurando uma imitação perfeita.

"O que queríamos era que ela capturasse a essência de Ball e conseguisse transmiti-la", disse Jones. "Se você está fazendo uma imitação, vai ficar consciente demais do seu exterior e não conseguirá preencher o lado interior do personagem, como ator."

Kidman treinou seus diálogos contracenando com sua mãe, fã perpétua de "I Love Lucy", mas é difícil saber o quanto isso a ajudou no processo. "Ela interrompia para me dizer que eu tinha errado uma palavra, e eu pedia para ela me deixar chegar ao fim do diálogo antes de me corrigir. Lição número um: não treine diálogos com sua mãe."

Ela também estudou gravações em áudio de Ball que Arnaz lhe forneceu e trabalhou com um treinador de movimento para aprender a imitar diversas das cenas cômicas de "I Love Lucy", embora apenas algumas apareçam no filme.

Kidman já recebeu indicações para diversos prêmios por "Being the Ricardos", entre os quais o Globo de Ouro e o Critics Choice Award, mas seu trabalho no filme continua a ser uma fonte de insegurança para ela.

Ela pareceu surpresa quando lhe falei sobre um trailer de 75 segundos sobre o filme, divulgado em outubro, no qual seu rosto aparece apenas de passagem, o que levou alguns espectadores a questionar por que a Amazon parecia estar escondendo Kidman.

Perguntada se estava ciente do trailer ou dos motivos para ele, Kidman disse: "Não sei como responder a isso, viu? Não lido com a parte promocional do trabalho. Talvez eles tenham ficado com medo de me mostrar". Ela parou para respirar, antes de acrescentar: "Que droga".

Quaisquer que tenham sido as críticas que recebeu por "Being the Ricardos", Kidman sempre terá a experiência de trabalhar em uma reprodução do set de "I Love Lucy", executando o material de Ball na série e ouvindo as risadas de dezenas de figurantes contratados para interpretar a audiência de estúdio.

Kidman descreveu como ela se sentia naqueles momentos com uma só palavra: "Fantástica". Depois, como se para demonstrar algumas das coisas que aprendeu para o filme, ela fez a pausa cômica correta antes de acrescentar: "Mas eles eram obrigados a rir, você sabe".

É bem bacana quando você diz alguma coisa e o teatro inteiro ri. Dá para entender que as pessoas se viciem nisso

Nicole Kidman
atriz, sobre sua experiência com papéis cômicos